

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

PORTUGAL, Alpoim Alves

«Novos Santos»

SIERRA, D. Carlos Osoro

Sacerdotes

nas entranhas da nossa cultura

SILVA, Dr. Carlos Henrique do Carmo

Perfeição e Modelo III:

A Aporia do modelo

e a linguagem da exemplaridade

REIS, Manuel Fernandes dos

*A Glorificação da Santíssima Trindade,
na Encarnação, na Cruz e na Eucaristia*

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL	
<i>«Novos Santos»</i>	83
D. CARLOS OSORO SIERRA	
<i>Sacerdotes nas entranhas da nossa cultura</i>	85
CARLOS H. DO C. SILVA	
<i>Perfeição e Modelo III: A aporia do modelo e a linguagem da exemplaridade</i>	109
MANUEL FERNANDES DOS REIS	
<i>A glorificação da Trindade na Encarnação, na Cruz e na Eucaristia</i>	135

NÚMERO 42

Abril – Junho 2003

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

EDIÇÕES CARMELO

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade - Ap. 141- Avessadas
4634-909 MARCO DE CANAVESES
Tel. 255 538150 – Fax 255 538151
E-Mail: alpoimocd@mail.telepac.pt

Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Agostinho dos Reis Leal
P. Joaquim da Silva Teixeira
P. Vasco Nuno da Costa

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Convento de Avessadas - Apart. 141
4634-909 MARCO DE CANAVESES

Assinatura Anual (2003)	€ 16,75
Europa	€ 25,00
Fora da Europa	USA \$ 39
Número avulso	€ 4,50

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

NOVOS SANTOS

ALPOIM ALVES PORTUGAL

No passado 4 de Maio, em Madrid, Espanha, o Santo Padre João Paulo II, reuniu vários milhares de pessoas, segundo testemunhos dos jornais do dia. Desta vez, o motivo desta grande manifestação de fé e devoção foi a cinco «novos partir de agora, rar no calendário Igreja. Cinco mulheres, sacerdotas, apresentavo de Deus como tude e santidade. lhos de santidade-faróis que pode-exemplo de vida doação, iluminar homens e mulheres que trilham caminhos e escuros.



Santa Maria Maravillas de Jesus

canonização de Santos» que, a começam a figuro Santoral da vos homens e dotes e religiosos a todo o pomodelos de vir-São cinco espe-de, quais cinco rão, com o seu de entrega e de os passos dos lheres de hoje minhos tortuo-

Agora já os podemos chamar e invocar de: Santa Maria Maravillas de Jesus, Santa Maria Genoveva Torres, São Pedro Poveda, São José Maria Rúbio e Santa Ângela da Cruz. Foram contemporâneos nesta terra, e agora vivem unidos, para sempre no céu. São verdadeiramente

um presente de Deus para a Igreja dos nossos dias enquanto nos aparecem como um farol que indica o caminho a seguir para chegar até Deus. O seu caminho fica aí traçado ao alcance de todos os homens e mulheres dos nossos dias.

«A Igreja ganha com a perfeição da sociedade e a sociedade ganha com a santidade da Igreja», como afirma um grande teólogo do nosso tempo.¹ Não podemos duvidar de que a nossa sociedade tenha ganho muito com a santidade destes homens e mulheres, com as suas obras de fundadores, que ficaram aí plantadas como lâmpadas acesas que mostram a todos a verdade, qual raio de luz que indica o verdadeiro e único caminho: o amor absoluto a Deus.

Ao reconhecer tantas testemunhas que vão à nossa frente, cada cristão há-de sentir-se, cada vez mais, chamado à santidade, aspirar à santidade que, em síntese, há-de ser o programa da sua vida: «Sede santos, porque Eu sou santo»². «Sede, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste».³

Os santos são aqueles que foram capazes de viver e testemunhar os valores do Reino. São grandes figuras que brilham na Igreja do nosso tempo e animam a todos com o exemplo da sua vida ensinando que a santidade é para todos, sacerdotes, religiosos e leigos, na vida do convento ou no meio do mundo, com seus trabalhos, sua dedicação, seus sofrimentos, suas alegrias e esperanças. Com palavras de Santa Maria Maravillas de Jesus poderíamos também dizer: «Que importa gastar a vida ao Seu serviço (de Deus), de uma maneira ou de outra? A única coisa importante é cumprir esta divina e amorosa vontade, sempre felizes de que o Senhor receba as rendas da nossa vida e a leve por onde Ele quiser».

Este número de Revista de Espiritualidade, continua a apresentar a todos as reflexões que ajudam na descoberta desse «amor absoluto», dessa «vontade divina», desse «caminho de santidade»..., para que, segundo a capacidade de cada um, de acordo com as luzes que recebemos, conforme os talentos que nos foram confiados, saibamos por onde avançar durante esta nossa peregrinação terrena.

¹ O. González de Cardedal, *La Iglesia en España 1950-2000*, PPC (Madrid-1999), p. 5.

² *Lv* 19,2.

³ *Mt* 5,48.

SACERDOTES NAS ENTRANHAS DA NOSSA CULTURA

*Seguindo as pisadas de Pedro Poveda
Castroverde que passou por aqui **

DON CARLOS OSORO SIERRA

Ao começar o meu ministério episcopal, ofereço-vos, a todos os sacerdotes e seminaristas, estas reflexões sobre o ministério sacerdotal, realizadas seguindo as pisadas de um sacerdote excepcional, que passou pela nossa terra e que viveu o seu ministério e a experiência eclesial junto à Santina, com uma profundidade especial. Que a intercessão do Beato Pedro Poveda e da Santina, nos ajudem a forjar a nossa vida e o nosso ministério para servir os homens sabendo e sentindo que somos a “semelhança” de Jesus Cristo.

1. Introdução

No cap. I da exortação Apostólica “Pastores dabo vobis” diz-se-nos o que, numa tentativa humilde, quero ir compondo e expressando nesta exposição: “Todo o sacerdote escolhido de entre os homens é constituído o a favor dos homens, nas coisas concernentes a Deus” (*Heb. 5,1*). A

* *Carta do Arcebispo de Oviedo aos sacerdotes* (26 de Março de 2002). Tradução de Maria Antonieta Lopes Vigário. Pedro Poveda foi canonizado em Madrid a 4 de Abril de 2003.

Carta aos Hebreus sublinha claramente a “humanidade” do ministro de Deus: pois procede dos homens e está ao serviço dos homens imitando Jesus Cristo, “em tudo igual a nós excepto no pecado” (*Heb. 4, 15*). Deus chama sempre os seus sacerdotes a partir de determinados contextos humanos e eclesiais que, inevitavelmente, os caracterizam e aos quais são enviados para o serviço do Evangelho”.¹

Há uma fisionomia essencial do sacerdote que não muda, pois sempre se deverá assemelhar a Cristo. Mas a vida e o ministério do sacerdote devem também “adaptar-se a cada época e a cada ambiente de vida... Por isso, pela nossa parte, devemos procurar abrir-nos, na medida do possível, à iluminação superior do Espírito Santo, para descobrir as orientações da sociedade moderna, reconhecer as necessidades espirituais mais profundas, determinar as tarefas concretas mais importantes, os métodos pastorais que haverá de adoptar, e assim, responder de maneira adequada às esperanças humanas”.² É precisamente nesta perspectiva que desejo situar a minha reflexão, daí o título da conferência, “sacerdotes nas entranhas da nossa cultura”.

Mas isso não elimina, antes o requer e, portanto, o pressupõe, um conhecimento recto e profundo da natureza e missão do sacerdócio ministerial. É bom, logo no início desta reflexão, recordar algumas afirmações que são fundamentais para uma compreensão do ministério sacerdotal e para recolocar na cultura o sacerdote: “os presbíteros são chamados a prolongar a presença de Cristo, único e supremo Pastor, seguindo o seu estilo de vida e sendo como que uma transparência sua no meio do rebanho que lhes foi confiado” ...Os presbíteros são, na Igreja e para a Igreja, uma representação sacramental de Jesus Cristo Cabeça e Pastor, proclamam com autoridade a sua palavra; renovam os seus gestos de perdão e de oferta da salvação, principalmente do Baptismo, da Penitência e da Eucaristia; exercem até ao dom total de si mesmos, o cuidado amoroso do rebanho e actuam para o anúncio do Evangelho ao mundo e para a edificação da Igreja, personificando a Cristo, Cabeça e Pastor, e em seu nome”.³

A partir deste conhecimento recto do que é o ministério sacerdotal podemos ver o princípio interior, a virtude que tem de animar e guiar a vida espiritual do sacerdote, desse homem configurado com Cristo, Cabeça e Pastor. Esse princípio interior e virtude é a caridade pastoral. O

¹ PDV, 5.

² PDV,5.

³ PDV, 15.

sacerdote participa da mesma caridade pastoral de Jesus Cristo. Qual é o conteúdo essencial da caridade pastoral? “A doação de si próprio, a total doação de si à Igreja, partilhando do dom de Cristo e à sua imagem. A caridade pastoral é aquela virtude com a qual nós imitamos Cristo na sua entrega de si próprio e no seu serviço. Não é só aquilo que fazemos, mas a doação de nós próprios que mostra o amor de Cristo pela sua grei. A caridade pastoral determina o nosso modo de pensar e de actuar, o nosso modo de nos comportarmos com as pessoas”.⁴ O que é que pode ajudar a que o sacerdote faça essa doação de si próprio nesta cultura e neste momento histórico? Como pode fazer ver a actualidade de “hoje vos nasceu na cidade de David um Salvador, que é Cristo, o Senhor”⁵ e ainda “hoje se cumpre este passo da Escritura que acabais de ouvir”⁶ Dizia-nos, há pouco tempo, Sua Santidade o Papa João Paulo II que “não se trata pois de inventar um novo programa. O programa já existe. É o de sempre, recolhido do Evangelho e da Tradição viva. Centra-se, em última análise, no próprio Cristo, a quem há que conhecer, amar e imitar, para viver nele a vida trinitária e transformar com Ele a história até ao seu aperfeiçoamento na Jerusalém celeste. É um programa que não muda com a mudança dos tempos e das culturas, ainda que tenha em conta o tempo e a cultura para um verdadeiro diálogo e uma comunicação eficaz”... Em primeiro lugar, não duvido em dizer que a perspectiva na qual se deve situar o caminho pastoral é a da santidade”.⁷

Nessa perspectiva na qual me situo, pensei que o tratamento que iria dar a esta reflexão passava por fazer o que já o Papa João Paulo II fez na celebração do Ano Santo 2000, propor testemunhos, quer dizer, homens e mulheres especialmente do século que deixámos atrás, nos quais a sua santidade se manifestou como a dimensão que melhor expressa o mistério da Igreja, pois ela representa, ao vivo, o rosto de Cristo. Neste caso, e uma vez que o tema a tratar é “sacerdotes nas entranhas da nossa cultura”, pensei que há um homem, sacerdote excepcional do século que acabamos de terminar, Pedro Poveda. Da sua pessoa é de quem me vou servir para aproximar a vós o que, no meu modo de ver, são fidelidades essenciais de um sacerdote para estar nas entranhas da cultura. Muito se trabalhou por ocasião do Ano Santo para recolher as memórias dos Testemunhos de Fé do século XX. Foi no

⁴ PDV, 23.

⁵ Lc 2,11.

⁶ Lc 4,21.

⁷ NMI, 29 e 30.

ambiente do Coliseu de Roma, onde a 7 de Maio de 2000, se fez memória agradecida. O Papa João Paulo II diz-nos: “é uma herança que não se deve perder e que se tem de transmitir por um perene dever de gratidão e um renovado propósito de imitação”.⁸ Entendei, nesta perspectiva, a minha proposta e reflexão.

2. Pedro Poveda, mestre da Palavra: profeta de um ministério sacerdotal para a Nova Evangelização

E neste contexto, talvez seja bom recordar umas palavras do Papa João Paulo II na encíclica *Redemptoris Missio*: “A missão de Cristo redentor, confiada à Igreja, ainda está longe de se cumprir... um olhar global à humanidade demonstra que esta missão se encontra ainda nos começos e que devemos de nos comprometer com todas as nossas energias ao seu serviço”.⁹ E também estas: “Ainda que os pastores não fossem constituídos por Cristo para assumir por si sós toda a missão salvadora da Igreja acerca do mundo, desempenham, no entanto, uma função evangelizadora insubstituível. A exigência de uma nova evangelização torna premente a necessidade de encontrar um modo de exercer o ministério sacerdotal que esteja realmente em consonância com a situação actual, que o impregne de energia e o torne apto para responder adequadamente às circunstâncias nas que se deve desenvolver. Tudo isto, no entanto, deve ser realizado dirigindo-se sempre a Cristo, nosso único modelo, sem que as circunstâncias do tempo presente afastem o nosso olhar da meta final. Não são unicamente, de facto, as circunstâncias socioculturais as que nos devem empurrar a uma renovação espiritual válida mas, sobretudo, o amor a Cristo e à sua Igreja”.¹⁰ E neste contexto de profeta da Nova Evangelização convém escutar as palavras de P. Poveda: “Não o duvideis, a doutrina de Cristo professada com fé viva e praticada com abnegação heróica, reluz e brilha, e se impõe com força irresistível”.¹¹ “Eu tenho a cabeça e o coração no momento presente”.¹²

⁸ RM, 1.

⁹ RM, 1.

¹⁰ Congregação para o Clero, o Presbítero, mestre da palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade, ante o terceiro milénio cristão, cap. I, n.º 2.

¹¹ Consideraciones, cons. escrita a 17 de Fevereiro de 1919. Ed. facsímil, p.15.

¹² De um escrito a 14 de Maio de 1936.

Para poder entender a necessidade de um ministério sacerdotal vivido com o estilo peculiar de Pedro Poveda, para estar nas “entranhas da cultura”, descobramos como o testemunho explícito dos primeiros discípulos de Jesus impregnou de Evangelho a pluralidade de culturas. É a partir daí que ele vive e por isso pode dizer: “Nunca como agora devemos estudar a vida dos primeiros cristãos para aprender com eles a conduzir-nos em tempo de perseguições. Como obedeciam à Igreja, como confessavam Jesus Cristo, como se preparavam para o martírio, como oravam pelos seus perseguidores, como amavam, como bendiziam o Senhor, como alentavam os seus irmãos!”.¹³ E é a partir desta perspectiva que entendemos estas afirmações da Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: “Evangelizar significa para a Igreja levar a Boa Nova a todos os ambientes da humanidade e, com o seu influxo, transformar a partir de dentro, renovar a própria humanidade (...) Trata-se também de alcançar e transformar com a força do Evangelho os critérios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras, e os modelos de vida da humanidade, que estão em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio de salvação... O que importa é evangelizar não de um modo decorativo, como um verniz superficial, mas de uma maneira vital, em profundidade e até às suas próprias raízes, a cultura e as culturas do homem... Independentes com respeito às culturas, Evangelho e evangelização não são necessariamente incompatíveis com elas, mas sim capazes de as impregnar a todas sem se submeterem a nenhuma... A ruptura entre Evangelho e cultura é sem dúvida o drama do nosso tempo”.¹⁴

2. 1. Profeta na fidelidade a Deus e na fidelidade ao homem

Os textos bíblicos que determinam mais a vida de Pedro Poveda e todo o seu afã evangelizador têm uma força especial para expressar a necessidade de que o homem seja fiel a Deus e para ver também a fidelidade que Deus tem ao homem fazendo-se Ele próprio homem. Isto determina a sua espiritualidade e a sua acção. Quando pegamos na Bíblia, vemos o livro que narra a história das relações de Deus com um povo concreto como sinal do que quer realizar com todos. É um longo testemunho dessa fidelidade de Deus aos homens, no meio e apesar da infidelidade dos homens a Deus. Por isso, se abre este livro, com o

¹³ Escritos Spirituales de Pedro Poveda, Madrid 1968, n° 82, 3, pg. 289.

¹⁴ EN, 18-20.

Génesis expressão da fidelidade constituente criando Deus o homem e chamando Abraão e fecha-se com o Apocalipse, expressão de uma fidelidade constituída na nova criação com a Igreja, que, no meio das tribulações, dá testemunho do seu Deus.

Que textos escolhe e comenta Pedro Poveda, para expressar esta fidelidade a Deus e fidelidade ao homem? Aqueles nos que se encontra Deus e o Homem: na contemplação directa da própria pessoa de Cristo e no conhecimento contemplativo, dia a dia e permanente, do Senhor.

a) Na pessoa de Jesus Cristo descobre o Deus fiel ao Homem e o Homem fiel a Deus. Daí a necessidade de nos encontrarmos com Ele. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (*Jo* 14,6): Há uma intuição de Pedro Poveda para explicar este texto que é perfeita: “É princípio do caminho, porque entramos nele pela graça que nos obteve Cristo, seguimos nele mercê da mesma graça, e sem ela não podemos perseverar até ao fim. Ninguém vem ao Pai sem ser por mim, diz o Senhor... Conhecendo a Cristo... conhece toda a verdade, está livre de todo o erro, de toda a ilusão, sabe apreciar as coisas pelo que valem. Esta sede de verdade que temos só Cristo a pode saciar... se para a vida do corpo existisse uma panaceia, e se a tomássemos nos assegurasse a saúde, qual não seria o nosso empenho em a adquirir!... Estava nos céus essa vida e Ele quis vir ao mundo para no-la trazer, para no-la facilitar. Veio para que tenham vida e vida em abundância”.¹⁵

b) No conhecer a Jesus Cristo, descobre também essa dupla fidelidade. “Há tanto tempo que estou convosco e não me conheceis?” (*Jo* 14, 9). Para Pedro Poveda o conhecimento de Cristo faz-se no trato de amizade e de intimidade com Ele. “Os discípulos tinham desfrutado da presença corporal e física de Jesus, é verdade; mas ainda não tinham recebido o Seu Corpo adorável, não tinham vivido em tão íntima e prolongada união eucarística como nós; eles conviveram com Jesus alguns meses, nós temo-lo constantemente, dia e noite, no Sacrário... Jesus pôs empenho em que o conheçamos. Que disse, que fez, que meios empregou para se dar a conhecer? ... O conhecimento que temos de Cristo é exacto? Talvez não saibamos o que responder, porque se o fosse, como seria possível tanto equívoco, tanta prevaricação? ... e se a nossa missão é a de dar a conhecer a Cristo, levando-o à inteligência e pondo-o nos corações, como temos de cumprir a nossa missão se não o conhecemos ou o conhecemos mal?”.¹⁶

¹⁵ Pedro Poveda: *Jesús maestro de oración*, edición facsímil, Madrid 1984, pg. 93-95.

¹⁶ Pedro Poveda: *Jesús maestro de oración*, edición facsímil, Madrid 1984, pg 96-98.

c) Pondo como único alicerce da vida Jesus Cristo, descobrimos e vivemos a fidelidade a Deus e ao homem. “Porque ninguém pode pôr outro alicerce que o que foi posto que é Jesus Cristo” (1Cor 3, 11). É a oferta que faz Pedro Poveda para não correr nenhum risco, fora com as capelinhas, que ninguém diga eu sou de Paulo ou de Apolo. A obra é Jesus Cristo, assim de claro, de tal modo que fica excluída toda a ambiguidade. “Mas a consideração presente vai encaminhada a algo mais, a deixar assente, como expressou S. Paulo aos Coríntios, que ninguém, por mais autoridade que tenha, por mais ciência que possua, por mais virtude de que esteja adornado, ninguém pode, nem poderá nunca pôr outro alicerce, outro fundamento, que o posto desde o princípio, que é Jesus Cristo ... Entendemos que o único fundamento sobre o qual havíamos de levantar este magnífico edifício espiritual é Jesus Cristo, e porque assim pensamos, não nos desalenta a falta de meios materiais, nem o escasso número... A nossa confiança está em Jesus, e o nosso lema é repetir com São Paulo: Se Deus é por nós, quem será contra nós? A obra de apostolado que pretendemos realizar, tem de ser idêntica à que imaginaram os primeiros cristãos, e os meios, os que eles puseram em prática, ainda que sejamos tidos por loucos e atraíamos sobre nós o ódio do mundo. A nossa doutrina deve ser sempre a ensinada por Cristo, transmitida pelos seus apóstolos e difundida pela Igreja sua depositária na terra”.¹⁷

2. 2. Profeta ao confiar-se em totalidade a Deus, ou, o que é o mesmo, em dizer à sua Palavra e ao seu projecto “amén”

A aceitação de querer deixar-se guiar por Deus, de consentir no seu amor oferecido, de preferir deixar-se habitar interiormente por Ele a viver na solidão, de se confessar débil e de se saber forte n’Ele e desde Ele, de fazer um espaço para a alegria que vem de Ele, é essencial no ministério sacerdotal de Pedro Poveda. De tal maneira que a sua própria experiência pessoal de Cristo a oferece aos outros como realização plena da sua vida. Em Cristo descobre esse “amén” do homem a Deus. Daí os seus grandes desejos que se manifestam na escolha que faz da Palavra de Deus para deixar que Cristo tome forma em nós, a opção por manter vivo o desejo de Cristo de que sejamos todos um n’Ele e o de sermos rosto vivo do amor de Deus no meio deste mundo:

¹⁷ Pedro Poveda: Jesús maestro de oración, edición facsímil, Madrid 1984, pg 99-102.

a) “Até que Cristo seja formado em vós” (*Gal 4,19*). A primeira condição para se confiar na totalidade a Deus é deixarmos entrar Cristo em nós. O comentário que faz a estas palavras do apóstolo são de uma profundidade especial: “Todos os meus conselhos vão dirigidos a que Cristo se forme em vós, a que representeis a Cristo, a que sejais, em suma, verdadeiros cristãos, pois a imitação de Cristo é, segundo S. Basílio, a definição do cristianismo... Se os que prescindem, ao julgar a doutrina e exemplos de Cristo, do seu carácter divino, mas no humano louvam os seus sábios ensinamentos e os seus adoráveis exemplos, vissem em cada cristão a encarnação dessa sabedoria e a reprodução daquela vida exemplar louvariam os que com tanta perfeição representam e imitam o homem extraordinário... é indubitável que os que odeiam a Cristo, os que satânicamente o perseguem, perseguirão e odiarão a quem o segue e imita; mas não acontecerá também que as nossas deficiências, a inexactidão com que imitamos aqueles divinos exemplos, a falta de fidelidade em reproduzir o original, a mistificação que fazemos dos seus ensinamentos, as tergiversações que introduzimos na doutrina, sejam a causa de tais desprezos? Ao encontro sai esta réplica: E então como se explica que os santos, que também imitaram Jesus, fossem também tão perseguidos e desprezados? Mas também sai outra: Ainda que tenham sido odiados e uma parte da humanidade os tenha abominado, não tiveram durante as suas vidas e depois da morte e no decorrer dos séculos uma parte considerável dessa humanidade, precisamente a mais sã e honesta, rendendo-lhes culto, tributando-lhes homenagens e adorando a sua memória? ... Não o duvideis, a doutrina de Cristo professada com fé viva e praticada com abnegação heróica, reluz e brilha, e se impõe com força irresistível. Haverá quem feche os olhos para não ver, quem reconheça tais maravilhas e persiga aqueles que as realizam, como perseguiram Cristo, pelo crime de as fazer; mas no fim, se o ódio não é satânico e o endurecimento do coração não é de réprobo, esses mesmos que se rebelam contra nós e gritam e pedem a nossa ruína, concluirão por onde terminaram os que batiam no peito no monte Calvário e desciam dizendo, “verdadeiramente era Filho de Deus”.¹⁸

b) “Que sejam um, como Tu, Pai em mim” (*Jo 17,21*). A segunda condição de se fiar à totalidade de Deus, é ser uno,

¹⁸ Pedro Poveda: Consideraciones, edición facsímil, Madrid 1982, pg 11-17

reflectir a unidade da trindade, de quem nos fez e em quem somos. E isto reflectido na vida da comunidade cristã. Certamente o que constitui uma comunidade cristã não é a simpatia dos seus membros, nem sequer os fins que, conjuntamente, perseguem. A unidade da comunidade constitui a Palavra, palavra viva e eficaz, palavra do Pai que chega até nós com nome próprio e em figura humana. Palavra que nos exige o êxodo de nós próprios para nos unirmos a outros no caminho para a pátria e o dar-mo-nos as mãos para superar a tentação do desalento e do abandono: “Cristo... dirige-se ao Pai Eterno, para lhe suplicar pelos seus discípulos e por todos nós na pessoa deles... Porque o completo não é ser uma coisa fora do Pai e do Filho, uma coisa alheia a eles... Que grandeza a de um cristão! Que amor o de Cristo que assim pede por nós ao Pai! O Salvador há-de vir a nós na Sagrada Eucaristia, quer viver em nós; mas ainda mais, deseja que nós unidos intimamente, estejamos no Pai e n’Ele... se ponderássemos devidamente o que isto significa, e se tivéssemos ao menos uma centelha do amor de Deus e de zelo pela salvação do próximo, que empenho não poríamos em conservar e acrescentar a caridade mútua, o amor fraternal!”.¹⁹

c) “Caríssimos, se Deus nos amou desta maneira, também nos devemos amar uns aos outros” (*1Jo* 4,11). É a terceira condição para se fiar à totalidade de Deus, amar como Ele nos amou; Pedro Poveda ao falar do amor mútuo, arranca de um condicional, quer chegar ao fundamento último do amor, que é o amor de Deus. O amor de Deus não é um ente de razão, é uma realidade histórica, palpável e concreta. O amável, o atractivo do próximo não é motivo suficiente para amar, uma vez que seria um amor não a todos. O amor cristão dirige-se também ao não amável e inclusive ao evitável, como seria o inimigo. Nós podemos falar desse amor, porque Deus nos revelou o seu amor de forma experimental: “Vejam como nos amou Deus. Recordemos as inumeráveis forças de amor que lhe devemos e detenhamo-nos em duas expressões do seu infinito amor: na Encarnação e na Eucaristia... Que nos amou, quem o pode duvidar? De que maneira nos amou, quem o pode expressar com língua humana? E nós, amamo-nos uns aos outros?, como nos amamos?”.²⁰

¹⁹ Pedro Poveda: Jesús maestro de oración, edición facsímil, Madrid 1984, pg 103-105

²⁰ Pedro Poveda: Jesús maestro de oración, edición facsímil, Madrid 1984, pg 106-108.

3. Pedro Poveda, ministro dos sacramentos: proposta da parte de Deus de vivência e realização do ministério sacerdotal

3. 1. Consciência clara da sua missão e do seu ministério

Diz-nos a exortação apostólica “Pastores dabo vobis” assim: “o sacerdote é o homem de Deus, o que pertence a Deus e faz pensar em Deus. Quando a Carta aos Hebreus fala de Cristo, apresenta-o como Sumo Sacerdote “misericordioso e fiel no que diz respeito a Deus” (*Heb 2,17*)... Os cristãos esperam encontrar no sacerdote não só um homem que os acolhe, que os escuta com gosto e lhes mostra uma sincera amizade, mas também e sobretudo um homem que os ajude a olhar a Deus, a subir até Ele. É preciso, pois, que o sacerdote esteja formado numa profunda intimidade com Deus”.²¹ A Bíblia, quando fala do homem, põe em primeiro plano e com grande relevo, a origem do homem, o fundamento que tem e o seu destino. O pensamento moderno e a nossa cultura, conseqüentemente, hoje, vive afectada quando fala do homem, pela redução a dimensões psicológicas do homem, por essa trama interna que se instaura na interioridade do ser humano mas a partir do que ele pensa e portanto, desde os seus metros e medidas. Pedro Poveda no entanto, sabe do ser humano e tenta traduzi-lo à cultura de outro modo. Na sua pessoa de sacerdote que tem uma intimidade profunda com Deus, experimenta, e assim se traduz nos seus escritos, o que há muito pouco tempo nos dizia o Papa João Paulo II com estas palavras: “É sobretudo na celebração dos Sacramentos, e na celebração da Liturgia das Horas, onde o sacerdote está chamado a viver e a testemunhar a unidade profunda entre o exercício do ministério e a sua vida espiritual: o dom da graça oferecido à Igreja torna-se princípio de santidade e chamamento à santificação. Também para o sacerdote o lugar verdadeiramente central, tanto do seu ministério como da sua vida espiritual, é a Eucaristia, porque nela se contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e Pão vivo, que mediante a sua carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo, dá a vida aos homens”.²²

Há um sonho na sua vida de sacerdote que tem muito a ver com o que acabo de afirmar, diz assim: “Eu quero, sim, vidas humanas (...),

²¹ DV, 47.

²² PDV, 26.

mas como entendo que essas vidas não poderão ser como as desejamos se não são vidas de Deus, pretendo começar por encher de Deus aqueles que hão-de viver uma verdadeira vida humana (...) Haverá então excesso de generosidade? Inegável. Teremos simpatias? Indefectivelmente. Pretender destruir o humano? Jamais; é uma quimera. Tentar a perfeição do humano por meios diferentes? Vão empenho. Prescindir de Deus para aperfeiçoar a sua obra? Néscia ilusão. Não vos parece simplicíssimo o procedimento, racional o processo e infalível o resultado do sistema? Deus inclina-se para o homem; o homem propende para Deus; a humanidade foi tomada pelo Filho de Deus – Deus como o Pai – para a não deixar jamais, e essa humanidade adorável, na pessoa divina foi elevada à sua maior perfeição. O humano aperfeiçoado e divinizado porque foi cheio de Deus. A Encarnação bem entendida, a pessoa de Cristo, a sua natureza e a sua vida, dão, para quem o entende, a norma segura para chegar a ser santo, com a santidade mais verdadeira, sendo ao mesmo tempo humano com o humanismo verdadeiro”.²³ Este sonho tem uma origem, que é a fundamental referência da sua vida, do seu fazer e do seu dizer, a quem é o centro da mesma, Cristo: “A graça não há-de destruir a natureza, mas elevá-la e aperfeiçoá-la. Tu hás-de ser sempre tu; mas cada dia mais santo e procurando aperfeiçoar esse teu tu, não imitando, nem querendo fazer outra coisa distinta da que Deus criou (...) O modelo é Cristo e nada mais”.²⁴

Para Pedro Poveda a configuração com Cristo, mediante a consagração sacramental, situava-o como sacerdote no seio do Povo de Deus, fazendo-o participar de um modo específico e em conformidade com a estrutura orgânica da comunidade eclesial no triplo “munus Christi”. Esta configuração para Pedro Poveda tem a sua expressão de um modo eloquente quando agimos em nome de Jesus Cristo, “in persona Christi Capitis”. É o que acontece quando celebramos os sacramentos e especialmente a Eucaristia: “Faz trinta e seis anos que recebi a ordenação de presbítero. Quantos mais viverei? Só Deus o sabe. A Ele peço a graça de não deixar de celebrar com fervor nem um só dia a Santa Missa”.²⁵

3. 2. Conteúdos existenciais que expressam o seu viver o ministério sacerdotal

Só quando o homem se distancia de si próprio, dos seus projectos e possessões, quando renuncia a viver desde si próprio, pode ter a experiên-

²³ Pedro Poveda: *Amigos fuertes de Dios*. Narcea, Madrid 1993, pg 94.

²⁴ Pedro Poveda: *Escritos Espirituales*, Madrid 1968, pg 672.

²⁵ AHIT. Pedro Poveda: *Diario*, 17 abril 1933.

cia fundamental da sua vida. Este é o caso de Pedro Poveda. Ele renunciou a viver-se a partir de si mesmo e tomou a decisão de viver a partir do “acolhimento” total, na sua vida, de Jesus Cristo, emprestando a própria vida ao Senhor para que nele se fizesse presente o Senhor. E por outro lado, fez do amor de Deus património da sua vida, de tal modo que o prazer da sensação ou do egoísmo da auto contemplação ficam eliminados da sua vida. Palavras como comunhão, amor, doação, precariedade e disponibilidade tornam-se conteúdo da sua vida e definem a sua vida.

Os conteúdos existenciais que expressam o seu ministério sacerdotal, eu os reduziria a estes:

a) Realização de uma adesão absoluta e incondicional a Cristo como sinal vivo e Palavra última de Deus aos homens. Convencido de que é assim que se pode oferecer o rosto autêntico de Cristo e torná-lo fecundo na história, em confronto com o que seja. Existem formulações de Pedro Poveda que expressam o que agora digo. Escolho esta: “Sem Ele não se pode nada, absolutamente nada e o que se pode, por Ele se pode e a Ele há que tributar glória e acção de graças. Ora bem, quem está nele, esse dá muito fruto. Não diz algum fruto, nem somente fruto, mas muito fruto. Claro está se ele está em Deus e Deus nele, Deus faz tudo, a seiva divina corre por esse sarmento. E como se conhecem estas coisas! Como se notam os frutos das pessoas que vivem unidas a Deus, compenetradas, inundadas, possuídas pelo espírito de Deus! Tudo o que dizem, o que fazem, o que ensinam, ainda que seja o mesmo exteriormente que aquilo que dizem, fazem e ensinam os outros, leva toda uma virtualidade – a seiva de Deus – uma modalidade, um quid inconfundível que edifica, atrai, eleva, aperfeiçoa. Os homens e as mulheres de Deus são inconfundíveis”.²⁶

b) Recolocar o interesse por Jesus Cristo e pelo cristão a partir do movimento interior que anima todas as suas realizações. Neste sentido é fundamental o significado da Cruz no movimento interior de Pedro Poveda como sacerdote. Assim entendemos o segredo que oferece Pedro Poveda para viver o amor ao Crucificado: “Olha para Jesus Cristo Crucificado e aprende com Ele tudo o que te ensina desde a Cruz”²⁷ ... “tenhamos sempre ante os nossos olhos o Crucificado. Assim morreu Jesus, assim salvou a humanidade, assim fundou a sua Igreja. Deixemos aos do mundo autoridade, pontinhos de honra, etc., e para nós tudo o que recebeu Cristo”²⁸ ... “Eu quero e

²⁶ Pedro Poveda: *Escritos Espirituales*, Madrid 1968, pg 447.

²⁷ *Ibid.*, pg 652.

peço constantemente ao céu que sejais todos um crucifixo vivo (...) E como sereis um crucifixo vivo? Estudando, conhecendo, amando e imitando o Crucifixo; (...). Não procureis apoio humano, afirmai-vos cada dia mais no vosso amor ao Crucifixo e exclamai como o Apóstolo: Tudo posso naquele que me conforta (*Fil* 4,13), porque Cristo Crucificado é para os que o amam fonte perene de paz, luz e fortaleza”.²⁹

c) Reviver em profundidade e em comunhão a experiência cristã primordial dos grandes testemunhos. Tem uma paixão especial Pedro Poveda para ir às origens e levar-nos ao encontro dos primeiros testemunhos. Diz-nos: “Protótipo: os primeiros cristãos. Tão santos como eles, tão abnegados como eles, tão desapegados, tão zelosos pela glória de Deus, tão proselitistas, tão da Igreja”³⁰. Anima-nos a procurar sempre o caminho seguido pelos santos: “Pensar que há um caminho para os santos de outros séculos e outro para nós. Pensar que os santos deveriam santificar-se assim e que nós para nos santificarmos não necessitamos de tanto, é uma ilusão que não creio que seja de bom espírito”³¹. Comunica-nos onde está o segredo da santidade: “O segredo da santidade dos primeiros cristãos não se há-de encontrar na diferença dos tempos. Nem na diversidade dos climas, nem na distinção das perseguições, nem na melhor natureza, mas na fé viva que engendrava a caridade e dava os seus frutos naturais que são as virtudes. Virtudes excelentes no meio de costumes pagãos, e mantidas com um heroísmo que só na fé tem explicação”.³² Manifesta-nos o seu grande desejo, o que está no mais profundo do seu coração: “Oxalá fosseis como aqueles cristãos de quem dizia S. Crisóstomo que se pareciam ao sol; que assim que apareciam, dissipavam as trevas, que persuadiam antes de falar. Como perdoavam, como amavam, como bendiziam ao Senhor, como alentavam os seus irmãos”.³³

d) Prolongar a adesão à pessoa de Jesus Cristo numa adesão mediada pelos actos das nossas obras. Em Pedro Poveda isto foi chave desde o início do seu ministério. Ele oferece, a partir da sua radical encarnação na Espanha do seu momento, um cúmulo de profundas encarnações que prolongam a Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pedro Poveda oferece um sistema educativo humanista, preocupado por desenvolver a pessoa enquanto tal e que

²⁸ *Ibid.*, pg 656.

²⁹ *Ibid.*, pg 214-219.

³⁰ Pedro Poveda: *Vivir como los primeros cristianos*, Madrid 1995, pg 33.

³¹ *Ibid.*, pg 43.

³² *Ibid.*, pg 13

³³ *ibid.*, pg 59

confronta a sua vida como mistério de Deus. Ele, nas covas de Guadix, descobre-nos o valor significativo e pedagógico dos pobres como aqueles que o Senhor deseja que estejam ao seu lado. Num mundo em que custa dar a vida por algo, Pedro Poveda a dá, dia após dia, às vezes na vulgaridade e o faz com uma consciência de pertença à Igreja muito clara e com um amor entranhável para com ela. Flávia Paz Velázquez reflecte com grande vivacidade o lugar concreto onde Pedro Poveda historiciza a encarnação: “A maior parte dos homens desaparecem de madrugada, cavaleiros sobre burricos, pelos caminhos de Almería, Granada ou Baeza, para trabalhar no cultivo das terras. Em núcleos mais reduzidos se distribuem os grêmios de artesãos. Pela parte confinante da cidade, vivem os fabricantes de cadeiras... Mais em cima se... estendem as olarias... No centro ... se acomoda o reduzido grémio dos ferreiros. Disseminados pelos barrancos, trabalham os curtidores de peles, correeiros, fabricantes de esteiras e oleiros, que conservam no rústico, a tradição cerâmica romana. Existe também uma considerável população de ciganos, nómadas..., vendedores, tosquiadores ou caldeireiros..., a população menos estabilizada a nível laboral. Fica um núcleo, não pequeno, de coveiros e coveiras que vivem do contrabando... saltando a alfândega nacional ou municipal ... As mulheres trabalham em casa... As raparigas novas vão de manhã para a cidade... trabalhando como cabeleireiras, engomadeiras, aguadeiras ou no serviço doméstico. À volta de cada cova, e no labirinto total dos montes, formiga uma espessa população de crianças irrequietas, descalços e mal vestidos, ao ar livre, desde o amanhecer quando se abre a porta da cova. Sem mais tarefa que a de preparar as colinas, explorar cada monte, brigar entre si e jogar. Quando chega um desconhecido ao seu terreno, os rapazes dão a voz de alerta, pegam em bolas de argila endurecida pelo ar e se situam estrategicamente para começar o ataque. O limite da zona deve franquear-se passando pelas crianças”.³⁴ Neste lugar Pedro Poveda quer ser expressão viva de Nosso Senhor Jesus Cristo, vive o seu ministério sacerdotal e vive-o como acção e paixão de toda a sua vida, como a sua única tarefa e sendo total testemunho. Assim podemos entender estas palavras: “Naquele quarto, onde tantas vezes vivemos ânsias de recristianização de Espanha, jamais nos ocupou a mente nem um minuto coisas vãs. Ali se pensava sempre em sacerdote”.³⁵

³⁴ F.P.Velázquez: Cuadernos autobiográficos Pedro Poveda, nº 2. En los Cerros de Guadix, Madrid, 1986, pg 106.

³⁵ J.Gurruchaga: Homenaje del Boletín da la Institución Teresiana a la memoria de su fundador.

4. Pedro Poveda, guia da comunidade: amigo afectuoso que nos ajuda a descobrir perfis psicológicos para quem deseje ser sacerdote nas entranhas da cultura:

Através de toda a vida de Pedro Poveda, observamos como ele tem consciência clara a partir do seu ministério sacerdotal, de que é sinal vivo e portador de misericórdia que não oferece como própria, mas como dom de Deus. Ele se sabe a si próprio servidor do amor de Deus e ministro da misericórdia. Ele não se entende a si próprio como um organizador de coisas, pois sabe muito bem que “em virtude do sacramento, os sacerdotes, foram consagrados como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento, segundo a imagem de Cristo, Sumo e Eterno sacerdote (*Heb 5,1-10; 7,24; 9,11-28*), para pregar o Evangelho e apascentar os fiéis e para celebrar o culto divino”.³⁶ A atitude pastoral há que modelá-la junto a Jesus Cristo, para viver os mesmos sentimentos dele. A partir daqui podemos entender algumas exigências que Pedro Poveda viveu com força especial para estar nas entranhas da cultura:

4. 1. Arriscar a existência por Jesus Cristo

Aceitou margens de insegurança na sua vida, já que ele sabia que quem não aceita esta situação, quem não é capaz de se manchar com o barro desta terra, quem não corre determinados riscos, quem não embarca, não é criador, nem está capacitado para anunciar o Evangelho. Ele sabia em quem apoiava a sua vida, por isso pode dizer assim: “Os nossos procedimentos até resultam simples, porque se reduzem a pensar desta maneira: Nesta ocasião o que fez Cristo? Quando sucedeu tal coisa, que mandou Cristo que se fizesse? Para tais casos, que regra nos deixou Cristo? E como crendo assim e agindo do modo dito, deixamos a Deus tudo o resto, sem que nos perturbe o resultado, nem pretendamos triunfos, nem recusemos fracassos, ficamos em paz”.³⁷

³⁶ LG, 36.

³⁷ Pedro Poveda: Jesús maestro de oración, edición facsímil, Madrid 1984, pg 101-102.

4. 2. *Saber oferecer amizade*

Soube escutar e falar, acolher e compreender. Dada a complexidade da situação histórica que lhe calhou viver, se ele se tivesse fechado na solidão, não teria sabido responder às exigências que o Evangelho levantava no seu tempo. A amizade é sempre fonte de compreensão para as atitudes do próximo que podem ser diferentes das nossas, mas a quem devemos a nossa sinceridade. Recolho uma carta de um companheiro de estudos, que mostra como Pedro Poveda dava amizade: “Nestes tempos de ss e rrs, de padres trapalhões é difícil encontrar um sacerdote que una, à grande ilustração que ele possui, a tolerância que supõe conversar amistosamente comigo sobre os problemas mais transcendentais, sem que alguma vez surgisse o teólogo, nem nos seus olhos brilhantes o fulgor de Torquemada; mas é o único que me fez sentir a religião, até ao ponto de deplorar não ter fé para fazer vida de eremita naquelas solidões”.³⁸

4. 3. *Viver com liberdade de espírito*

Para isto há que estar para além de nós próprios. É a liberdade que, como filhos de Deus, temos em Cristo, que oscila entre duas margens que não são cristãs: o temor e a libertinagem. Numa dessas margens esquecemos que foi Jesus Cristo quem nos redimiu, na outra nos cremos nós próprios redentores. Assim o manifesta desde o início do seu ministério sacerdotal nas covas de Guadix, quando saía do seminário para a ermida nova às oito da noite com alguns estudantes e quando se reunia como operário especialista da vida evangélica com as crianças. Cultiva sempre uma máxima que lhe dá essa liberdade e que depois deixa à Instituição Teresiana: “Como a vossa missão há-de ser de atracção, o vosso espírito tem de ser atraente”.³⁹ Esta liberdade deu-lhe grandes amigos, assim o manifestam uns versos que para ele compuseram os habitantes da Ermida Nova, quando teve de suspender a sua actividade apostólica por uma doença: “A la Virgen de gracia/ le pediremos/ que a Don Pedro Poveda/ lo ponga bueno/... Si al cielo quieres ir/ vete a la Ermita Nueva/ y allí el Padre Poveda te enseñará a subir.”⁴⁰

³⁸ AHIT: Carta de un compañero de estudios de Pedro Poveda, dirigida a la directora de la Academia de Linares, 18 de marzo de 1914.

³⁹ Padre Silverio de Santa Teresa: Vida de Don Pedro Poveda Castroverde, Madrid 1952, pg 36.

⁴⁰ *Ibid.*, pg 36-37.

4. 4. *Sentir e transmitir a alegria do Evangelho*

O anúncio do Evangelho é verdade que proporciona sofrimentos, mas é indubitável que dá uma incomensurável alegria. Não há sentimento mais alheio ao espírito do Evangelho que a tristeza e o aborrecimento, a desilusão e o desespero. O cristão lúcido põe-se alegre porque percebe o amor de Deus na sua existência. Para Pedro Poveda isto é tão importante que dedica uma reflexão à alegria: “Começarei por te saudar como o anjo a Tobias: *gaudium tibi sit semper*. Deus te dê sempre muito gozo e alegria. E isto por ti, pela Obra, pelas almas. Por ti, para que corras pelos caminhos do Senhor, pelos quais se corre quando se dilata o coração com a alegria... Pela Obra... Logo se estás alegre tudo farás com perfeição, com gosto, com regozijo, sem cansaço, sem desfalecimentos... pelas almas porque assim se afeiçoam à virtude... e não só ... mas à perfeição quando vêm que as almas perfeitas vivem alegres, contentes, ditosas... Ocorre-me esta reflexão, porque vivendo tão no meio das pessoas, tão cheia de assuntos, tão rodeada de impressões diversas, oferece alguma dificuldade manter-se alegre, fazendo abstracção de tudo o que nos pode tirar essa alegria que devemos procurar que seja imperturbável... Quando o de fora nos mova à tristeza, deitemos o olhar para dentro, ao mais secreto da alma, e encontraremos a alegria”.⁴¹

4. 5. *Saber ter a “sabedoria” para renunciar e distanciar-se*

O ser humano quando é maduro, sabe que a existência humana impõe uma hierarquia de valores. Quando se procuram uns, há que renunciar a outros. E isso não é pressão externa à nossa liberdade, mas pertence ao que é fundamento ontológico do nosso ser pessoal. Quem não sabe renunciar, não tem essa capacidade eminentemente humana de saber preferir e decidir na preferência. Há maneiras de pensar e de agir que nos separam de Cristo e são uma alternativa para os que escolhem seguir a vida tal e como Ele nos ensinou. A renúncia e a distância é fundamental como vontade do pastor que quer entrar nas entranhas da cultura para anunciar o Evangelho. Neste espírito de saber viver a renúncia e a distância, podemos entender estas palavras de Pedro Poveda: “Querer receber muito e não dar nada: querer viver ao

⁴¹ *Ibid.*, pg 355-357.

nosso gosto, numa placidez imperturbável, gozando dos dons do Senhor e não sentindo as misérias, é um sonho irrealizável. Nem o discípulo há-de ser de melhor condição que o Mestre, nem podemos gozar com Cristo sem padecer com Ele, nem para nós se há-de traçar um caminho que não seja o que percorreram a Santíssima Virgem e os Santos... Esse cristianismo adulterado dos que pretendem livrar-se de perseguições, calúnias e martírios, desejando ao mesmo tempo viver muito unidos com Cristo, não se pode professar. Sois linhagem escolhida, pois tendes de viver a vida desses escolhidos, e a destes é idêntica à de Cristo, primeiro dos predestinados; se sois gente santa, haveis de saber que não há outra santidade que a de Cristo, e se convinha, segundo as Escrituras, que Cristo padecesse, os Santos hão-de padecer com Cristo; se sois o seu povo, haveis de defender os seus direitos, confessar a sua fé, estender o seu reinado e unir-vos aos que militam sob a sua bandeira”.⁴²

5. Pedro Poveda, guia da comunidade: amigo afectuoso que nos ajuda a descobrir o perfil espiritual para quem deseje ser sacerdote nas entranhas da cultura

Os sacerdotes, do terceiro milénio, devem formar-se para irradiar no mundo a luz da fé que recebemos há XXI séculos. Há que saber assumir o passado, actualizá-lo e projectá-lo para o futuro como impulso do Espírito Santo. Temos uma dívida de gratidão para com Deus e para com os servidores do Evangelho que entregaram as suas vidas para dar a conhecer Jesus Cristo. Dívida que há que saldar mantendo uma maior fidelidade ao Evangelho e projectando uma acção missionária cada dia mais forte. Quando reflecti sobre a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* e sobre outros documentos posteriores do magistério da Igreja, descobri com clareza, como a Nova Evangelização nos está pedindo sacerdotes intimamente unidos a Deus, à Igreja e ao mundo. Pessoalmente em Pedro Poveda encontrei sempre este sacerdote e quando quis ver como realizar essa tripla sintonia, ele foi um amigo insubstituível na minha vida, que me deu luz para combinar todos estes elementos.

⁴² *Ibid.*, pg 255-256.

5. 1. *Sacerdote de comunhão com Deus*

A Nova Evangelização requer a santidade dos sacerdotes, a sua união íntima com Deus, a sua oração, o seu testemunho. Somente uns homens assim, serão capazes de fazer escutar a sua voz no meio de tantas vozes que confundem hoje o homem, no meio de um mundo onde existem tantos comunicadores e tantas comunicações. Oferecer um testemunho, digno de fé, de santidade e assim serem dignos seguidores de tantos santos e beatos que embelezam este mundo é a nossa tarefa e a nossa responsabilidade. Quando se nos fala que a Nova Evangelização tem que ter novo ardor, este é nem mais nem menos que a santidade dos sacerdotes que cheios do amor de Deus se lançam a anunciar sem descanso Jesus Cristo como único Salvador. Esta comunhão com Deus a valoriza Pedro Poveda, que chega a expressar-se desta maneira: “A magnitude da empresa na que estamos empenhados, a necessidade de virtude, talento, laboriosidade e perseverança nas pessoas, e o imprescindível dos meios materiais para levar a cabo a obra, fazem mais espanto à medida que melhor se conhece o seu fim. As dificuldades de dentro e os perigos de fora, juntamente com as perseguições de uns e os temores dos outros levam ao desalento o ânimo do mais esforçado. Agora, se pensais que para vencer tudo não dispomos nem queremos dispor de outro meio para além da oração, formareis um juízo exacto do que esta significa na vida... Onde noteis este silêncio sepulcral não tardareis a ver um cadáver; onde noteis esta paralisação da garganta, depressa não deixareis de ver a escuridão de inteligências e a insensibilidade dos corações. Se falta a comunicação com o Céu, haverá excessiva comunicação com a terra; se não vos elevais, descereis. Que será então...?... Porque se, como vos dizia ao princípio, não contamos com outra força que a oração e esta nos falta, o que é que nos fica?”⁴³

A comunhão com Deus gera uma mística, um entusiasmo, que não se pode conter, para anunciar o Evangelho em primeira mão. A comunhão com Deus situa-nos no dinamismo da santidade. Ser santo suscita uma necessidade de contínua conversão ao Senhor. E como nos diz o Papa João Paulo II na Carta Apostólica “Novo millenio ineunte”: “Para esta pedagogia da santidade é necessário um cristianismo que se distinga antes de tudo na arte da oração... as nossas comunidades

⁴³ Pedro Poveda: Jesús maestro de oración, edición facsímil, Madrid 1984, pg 18-22.

cristãs têm que chegar a ser autênticas escolas de oração, onde o encontro com Cristo não se expresse só na petição de ajuda, mas também na acção de graças, louvor, adoração, contemplação, escuta e vivacidade de afecto até ao êxtase do coração. Uma oração intensa, pois que, no entanto, não afasta do compromisso na história: abrindo o coração ao amor de Deus, o abre também aos amor aos irmãos, e nos torna capazes de construir a história segundo o desígnio de Deus”.⁴⁴

5. 2. Sacerdote de comunhão com a Igreja

Temos que proclamar e dar a conhecer, cada dia mais e melhor, a Igreja como mistério de fé e de comunhão, pela presença de Cristo que está nela “até ao fim dos séculos”, pela presença do Espírito que a anima como sua alma e que a enriquece com os seus dons. Quando o olhar que se lança sobre a Igreja o lançamos só com os olhos humanos, é normal que surja e nasça no nosso coração a falta de afecto e a crítica. A Igreja é mistério de unidade, é o próprio Cristo, porque todos os baptizados somos o seu Corpo e Ele é a Cabeça. A Igreja é a Esposa do Cordeiro. A presença de Cristo e do Espírito na Igreja, são os que garantem a sua santidade, o seu amor, a sua infalibilidade e a sua eficácia para ser instrumento de salvação. Já o Santo Padre na sua Carta Apostólica “Tertio millenio adveniente”, propunha no segundo ano de preparação e exortava a aprofundar na eclesiologia contida na Constituição “Lumen Gentium”, onde se sublinha expressamente que a unidade do Corpo de Cristo se funda na acção do Espírito Santo, e que a unidade da Igreja está garantida pelo ministério apostólico e apoiada pelo amor recíproco.⁴⁵

Para Pedro Poveda esta comunhão com a Igreja foi algo querido, amado e vivido na sua máxima profundidade, até dar a vida por ela, por anunciar Jesus Cristo. É toda a sua vida a que manifesta um grande amor à Igreja, mas talvez estas palavras sintetizem o seu grande amor à Igreja: “Uma das maiores penas que padecemos todos os que amamos afectuosamente a nossa Santa Mãe Igreja é a que nos produz o ver tantos filhos de tão santa mãe que nos momentos de maior angústia, quando aumenta a perseguição, não só não lhe oferecem consolo com os seus sacrifícios, as suas orações, a sua acção, o seu zelo, o seu exemplo, a sua vida santa, mas que a amarguram cruelmente com os seus pecados, os seus orgulhos, os

⁴⁴ NMI, 32-33.

⁴⁵ Cfr. TMA, 47.

seus egoísmos, a sua indisciplina os seus escândalos. Quando pensamos no que é a Igreja, os que somos seus filhos, o que devemos fazer e o que fazemos, sempre acabamos por nos arrependermos, por fazer propósitos, por reagir”.⁴⁶ E falando de Santa Teresa de Jesus diz uma expressão que manifesta o que para ele é a Igreja: “Que mais se pode dizer? Talvez a chave esteja em que tão assombrosa criatura foi formada pelas virtudes da Igreja, até tal ponto que sem a Igreja não teria sido formada”.⁴⁷ A comunhão com a Igreja leva sempre a assumir a sua missão essencial, a mesma que Cristo lhe encomendou: levar o Evangelho a todas as nações, a abertura missionária. Assim deste modo entendemos tudo o que trabalhou Pedro Poveda na Igreja para anunciar Jesus Cristo.

O Papa João Paulo II diz-nos que há que “fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: este é o grande desafio que temos diante de nós no milénio que começa”.⁴⁸ E, em concreto, isto significa que há que “promover uma espiritualidade da comunhão” que tem estas conotações: 1) Olhar ao coração, sobretudo para o mistério da Trindade, chave da espiritualidade de Pedro Poveda; 2) Capacitar-nos para sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, alguém que me pertence, insistência permanente de Pedro Poveda; 3) Capacitar-nos para ver o que há de positivo no outro, em Pedro Poveda é tarefa chave para o amor mútuo; 4) Dar espaço ao irmão, levando mutuamente a carga dos outros.⁴⁹

5. 3. *Sacerdote de comunhão com o mundo*

Quando falo de comunhão com o mundo, entendo o mundo como criação de Deus e campo no que se há-de semear a semente do Evangelho. Este mundo é o que há que conhecer, amar e evangelizar. Com um tremendo olhar de amor: “nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amais uns aos outros” (Jo 13,35). “A caridade abre-se, pela sua natureza, ao serviço universal, projectando-nos para a prática de um amor activo e concreto em cada ser humano”.⁵⁰ O amor ao mundo tem que entrar na natureza e no ministério sacerdotal, pois “a mensagem cristã não afasta os homens da tarefa da construção do mundo, nem os impulsiona a despreocuparem-se do bem dos seus semelhantes, mas obriga-os mais a levar a cabo isto como um dever”.⁵¹

⁴⁶ Pedro Poveda: *Escritos Espirituales*, Madrid 1968, pg 383.

⁴⁷ *Ibid.*, pg 363.

⁴⁸ NMI, 43.

⁴⁹ Cfr NMI, 43.

⁵⁰ NMI, 49.

⁵¹ GS, 34.

Pedro Poveda tinha tal amor ao mundo, no sentido que eu disse antes, que dos seus lábios saíram aquelas palavras tão profundas: “perguntar-me-eis agora o que podeis fazer... podeis conquistar o mundo, nem mais nem menos”.⁵² E noutro lugar diz: “há que viver longe do mundo, entendendo por mundo o que entende a Escritura, e por esse desprezo, inimizade e afastamento, não viver conforme às sus máximas, mas crucificado como o estava o Apóstolo, que pregou e trabalhou no meio do mundo, como vós o estais fazendo e haveis de estar, pois nele se há-de realizar o vosso apostolado e exercitar o vosso zelo e nele haveis de salvar as vossas almas”.⁵³ E esse amor ao mundo ele, leva-o ao extremo, quando diz: “sem derramamento de sangue não há remissão. Seja esta verdade o fundamento da nossa vida espiritual”.⁵⁴ Um homem que pensa e pede assim, como é que não vai ter um amor afectuoso ao mundo? “Senhor, que eu pense o que Tu queres que pense; que eu queira o que Tu queres que eu queira; que eu fale o que Tu queres que eu fale; que eu aja como Tu queres que eu aja. Esta é a minha única aspiração”.⁵⁵

6. A modo de conclusão ou epílogo: Pedro Poveda, amigo afectuoso que nos ajuda a descobrir os pilares nos que se apoia o seu dinamismo apostólico, para ser sacerdotes nas entranhas da cultura

Ao fazer um seguimento interior do ministério sacerdotal de Pedro Poveda, descubro dois pilares nos que apoia o seu ministério e a sua acção apostólica:

6. 1. Contemplação e experiência do mistério da Encarnação

Recordo somente algumas expressões que manifestam a importância que Pedro Poveda dá à contemplação deste mistério: “Veio o divino Infante absolutamente nu, e ainda que tivesse podido subtrair-se, por

⁵² Pedro Poveda: *Escritos Espirituales*, Madrid 1968, pg 552.

⁵³ *Ibid.*, pg 216.

⁵⁴ Citado em C.S.Beato: *Cartas*. Publicaciones de la I.T. Madrid 1963, pg 135.

⁵⁵ Pedro Poveda: *Escritos inéditos*. Diário, I, pg 119, 2 de marzo de 1933.

virtude da sua onnipotência às penalidades que esta nudez traz consigo, sentiu-as, chorou e sofreu para nos dar, em tudo isso, o exemplo. Que temos de nos desnudar de todo o apego terreno, que não ter mais roupa que a divina vontade, é coisa sabida. Nascendo assim, Jesus inicia na graça, e se queremos progredir no caminho dela, haveremos de nos despojar de tudo o que seja a própria vontade... A entrega total nas mãos de Deus e a abdicação da própria vontade. Viver assim é viver no céu... Não o procure na grandeza porque não o encontrará; procura-o na humildade. A partir do seu nascimento assinala e determina quais hão-de ser as armas, os braços dos seus. Humildade, pobreza e martírio”.⁵⁶ Por outro lado, toda a sua vida e o seu ministério é uma tentativa de dar rosto concreto ao Senhor neste mundo. Rosto que deseja entregar a partir da contemplação do mistério da Encarnação. “A Encarnação bem entendida, a pessoa de Cristo, a sua natureza e a sua vida, dão, para quem o entende, a norma segura para chegar a ser santo, com a santidade mais verdadeira, sendo ao mesmo tempo humano com o humanismo verdadeiro”.⁵⁷

6. 2. Contemplação e experiência do mistério da Crucificação

Pedro Poveda manifesta na contemplação do Crucificado, o que para ele tem que ser a força e o poder do seu ministério e de toda a tarefa apostólica que o Senhor pede da sua vida: “Dir-vos-ei hoje, em primeiro lugar, que o Crucifixo é a força, o poder, o único tesouro ... que tudo podem no seu Crucifixo, com o seu crucifixo e pelo seu crucifixo... O poder ... está no Crucifixo ... Além disso, o Crucifixo é a glória ... o Crucifixo é também o sítio onde há-de estar arquivado o coração ... porque ali está o seu tesouro ... o crucifixo é propriedade única ... tudo o resto deixaram ... o crucifixo, portanto, o temos por direito próprio ... Disse-vos já que ... não tem outra fortaleza que a que vem do Crucifixo, que é a sua armadura, a armadura de Deus; que o Crucifixo é o único tesouro, a única propriedade que, por diversos títulos, legitimamente, possui. Mas agora digo-vos mais: que... não deve contentar-se com isso só, mas que deve aspirar a transformar-se em Crucifixo, quer dizer, a ser um Crucifixo vivente ... Não procureis o apoio humano, afirmai-vos cada dia mais no vosso amor ao Crucifixo e exclamai como o Apóstolo: “Tudo posso n’Aquele que me conforta”.⁵⁸

⁵⁶ Pedro Poveda: *Escritos Espirituales*, Madrid 1968, pg 3-33.

⁵⁷ Pedro Poveda: *Vivir como los primeros cristianos*, Madrid 1995, pg 33

⁵⁸ Pedro Poveda: *Escritos Espirituales*, Madrid 1968, pg 205-219

6. 3. *A contemplação do mistério da Encarnação e da Crucifixão a sintetiza Pedro Poveda assim:*

“Há que fazer-se tudo para todos, a fim de os ganhar a todos para Cristo. Se há que velar, se vela; se há que sofrer, se sofre; se há que humilhar-se, se humilha; se há que pedir esmola, se pede; se há que adoecer, se adoece; se há que morrer, se morre, mas morre-se na batalha, com honra e com glória, com Cristo, em nome de Cristo e para glória de Cristo”.⁵⁹ Conseguir viver assim não é fácil, é obra da graça, mas também está a nossa liberdade para que entre essa graça. Por isso nós, diria Pedro Poveda, temos que pôr os meios, há que formar-se, há que entrar num plano. Josefa Segóvia na introdução que faz ao livro de Pedro Poveda, “Plano de Vida”, diz assim: “Era o Padre Poveda um homem que tinha um plano. E a ele se ajustou plenamente e do seu cumprimento arrancou a sua perfeição e a sua obra. Não se movia ao acaso, nem era amigo de improvisos ... por isto punha um grande empenho em que as pessoas que com ele tivessem alguma relação espiritual comesçassem com seriedade um plano de vida que os ajudasse a empregar bem o seu tempo, a aperfeiçoar as suas acções, submetendo-as a regras fixas, e a caminhar para a virtude, obrigando as potências a encaminhar-se pelos rumos que lhes fixe a obediência”.⁶⁰ Numa carta autógrafa, que conservo, de Carmen Sánchez Beato para me indicar que me enviava a obra de D. Felipe Fernández Ramos, “Espiritualidad bíblica en Consideraciones de Pedro Poveda”, diz-me assim: “O P. Poveda, conclui este autor, não era um biblista mas sim um homem bíblico”. E concluo eu, o homem bíblico por excelência é o que se nos oferece no rosto de Deus que se faz Homem, que é Crucificado e morre por nós e que Ressuscitou. Este é o Único e Eterno Sacerdote que viveu e continua vivendo nas entranhas da cultura. A este Sacerdote Único e Eterno, Pedro Poveda emprestou toda a sua vida para que nele se fizesse presente para os homens.

⁵⁹ Pedro Poveda: *Escritos Espirituales*, Madrid 1968, pg 625

⁶⁰ Pedro Poveda: *Plan de Vida*, Introducción, 9ª edición, Madrid 1964, pg 7-8.

PERFEIÇÃO E MODELO III

DR. CARLOS HENRIQUE DO CARMO SILVA

(Continuação do número anterior)

3. A aporia do modelo e a linguagem da exemplaridade*

“Les saints nous montrent la voie. Chacun d’eux est pour nous une sorte de guide, mais qui doit nous apprendre à suivre notre propre voie, plutôt que la sienne. C’est là le seul moyen d’être fidèle à ce qu’ils nous enseignent. Aucune existence ne peut être recommencée. Aucune existence n’est une existence d’imitation.”

(Louis LAVELLE, “De la sainteté”, in: Id., *Quatre saints*, Paris, Albin Michel, 1951, p. 34)

3. 1. - Ser santo *em Igreja* (na relação com e para benefício de outrem)

Há-de se fazer notar que a relação social também determinante da realização individual torna-se condicionante e até ambigüante de tal processo de *santificação*, já que constitui o balizamento em relação ao qual tal evolução se processa (averiguação eclesial e Processo formal...),

* Terceira e última parte da Conf. na *XIX Semana de Espiritualidade: «A Santidade»* org^a. pelos Padres Carmelitas Descalços, no “Centro de Espiritualidade”, em Avessadas, 26-31/Agosto/2002.

constituindo ainda uma delimitação desse processo, quer em termos de linguagem (de *reconhecimento*), quer de efeitos ou resultados participados (de *intercessão*).¹ Por conseguinte, sempre como o lastro de uma *topologia linguística* em que se legitima a *comunicação exemplar* da vida dos santos que exige observar os modelos retóricos e práticos de tal *exemplaridade*.²

É certo que, à luz da Fé, os santos são *engendrados pelo Espírito*, como *unção* que manifesta a Presença de Deus em Aliança com o Homem e na sua exemplaridade perfeita em Jesus Cristo. Então, a *graça* que é a manifestação deste *ingrediente espiritual*, qual ‘fermento na massa’ da natureza (S. Paulo...), permite entender tal perfeição ou tal santidade à luz desse Modelo divino, posto que – como se costuma pensar – *não de forma substancial*, como em Cristo, porém na ordem participada desse “*acidente*” *sobrenatural* ou característica divina assim *analogicamente* compreendida.³

Por esta condição comparativa e ainda de *crença*, viabilizada pela *sociedade dos falantes do mesmo credo*, é na *linguagem* que se tipifica a própria condição eclesial do ser-se santo. E, isto, não só pelo uso pastoral, pela parenese do exemplo moral, a propósito dos santos, mas pelos *lugares*

¹ Como se justifica FÉNELON, em *Explication des maximes des saints*: «Avertissement», ed. cit., p. 1002: “Quand je parle des saints auteurs, je me borne à ceux qui sont canonisés, ou don’t la mémoire est en bonne odeur dans toute l’Église, et don’t les écrits ont été solennellement approuvés après beaucoup de contradictions. Je ne parle que des saints qui ont été canonisés ou admirés de toute l’Église pour avoir pratiqué et fait pratiquer au prochain le genre de spiritualité qui est répandu dans tous leurs écrits.” Este era o critério de **aceitação pública e eclesial** da exemplaridade da vida dos Santos. Cf. *supra* ns. 101, 116.

² É a união com Cristo... traduzida, por exemplo, na linguagem de Stº. AGOSTINHO, *In Ps. 26 enarr.* 2, 2: “Diz-se «*Chriatinus alter Christus*»: o cristão é outro Cristo e nada é mais verdadeiro. Mas não haja engano: *outro* não significa aqui *diferente*. Não somos outro Cristo diferente do Cristo verdadeiro. Estamos destinados a ser o Cristo único que existe. *Christus facti sumus* (...)” Mas, esta mesma linguagem pode constituir-se mais como o âmbito de uma “ortodoxia” do dito e não já pertinente experiência; cf. Michel de CERTEAU, *La fable mystique*, Paris, Gallimard, 1982, p. 155: “Il y a théologie, en effet, là où une herméneutique réduit au «Même» les fissures diverses du temps. Elle élimine l’irréductibilité de différences par la production d’une «tradition», c’est -à-dire par la définition d’un «essentiel» qu’un savoir clérical découpe, s’approprie et tient pour le dénominateur commun d’une pluralité océanique.” *Vide infra* n. 211.

³ Cf. *supra* n. 119; *vide* C. SPICQ, O.P., *Dieu et l’homme selon le Nouveau Testament*, Paris, Cerf, 1961, pp. 190 e segs. e cf. p. 190: “Saint Paul connaît donc trois sortes d’images religieuses, don’t deux lui viennent de l’Ancien Testament: *l’idole*, image de l’homme corruptible; l’homme, *une certaine image* de Dieu; le Christ, *image et représentation si parfaite de Dieu* ...” Mais do que o *ícone* ou essa *similitudo* sempre próximas, sempre infinitamente distantes do Exemplar, só na *Imago Dei* por excelência se encontra esse “santo” encontro: ‘o *crente* é, desse modo, **a imagem de Cristo**’... (*Ibid.*, p. 190).

lingüísticos, pela retórica do próprio modelo de santidade.⁴

Se a experiência santificante se oculta no abscôndito do que é, e não precisa de ser dito, neste outro polo de linguagem, e comunidade de fé *ex auditu*, o santo *antecipa-se no seu modelo de ser dito*, como exemplaridade a ser proposta, como ideal repetibilidade e fecundidade do *exemplum*.⁵ E, isto, de tal modo que chegou, como bem se entende na economia do imaginário, no maravilhoso medievo, a inventar santos a partir dessa idealidade parenética, dessa retórica edificante, já que o primordial sentido desse discurso a que se resume o santo é o do benefício e justa formação moral dos fiéis.⁶

⁴ Mas haverá de se distinguir entre a retórica *como poética* e capacidade de simbolizar tal itinerário de vida e aquela outra retórica como arte normativa, moralidade de clichés de certa **topica da linguagem religiosa** e *representação normal* do santo. Na primeira acepção pode, mesmo na fantasia hierológica descobrir-se a útil sugestão o indicativo de exemplaridade catalizadora, enquanto na segunda, apenas se lê a estratégia da divulgação do comum e, por isso, comunicável e de correspondência à *opinião geral*, à sensatez desejada... Neste sentido *social*, já muito criticado em F. PESSOA (cf. [Cristismo em liquidação], ed. cit., p. 193: "... fenômeno cristista: passou para o campo político, e a febre de domínio que agita as tresloucadas sociedades contemporâneas é ainda um fermento cristão..."; *vide supra* n. 72), cf. J. HABERMAS, *Strukturwandel der Öffentlichkeit*, Frankfurt, 1962 e reed., bem como Pierre BOURDIEU, *La distinction*, ed. cit. e cf. *infra* M. de CERTEAU, n. 222. Por isso lembre-se, em contraste, o que disse G. BERNANOS, "Nos amis les saints", ed. cit., p. 104: "C'est la sainteté, ce sont les saints qui maintiennent cette vie intérieure sans laquelle l'humanité se dégradera jusqu'à périr. (...) À un danger pire que la barbarie, la servitude bestiale de la fourmilière totalitaire." - que no eco de André Malraux quando apontava o século XXI como tendo de ser de místicos, de santos, não de reformadores ou políticos..., ou mesmo de St^a. Teresa do Menino Jesus na consciência de que os santos são os luzeiros na grande noite do mundo..., antecipa a exemplar crítica de Thomas MERTON, a certa Igreja socio-política dos nossos tempos: "...if the contemplative, the monk, the priest, and the poet merely forsake their vestiges of wisdom and join in the triumphant, empty-headed crowing of advertising men and engineers of opinion, then there is nothing left in store for us but total madness." (in: "Symbolism: Communication or communion?" in: ed. cit., p. 79).

⁵ O exemplarismo é na sua matriz analógica e retórica (cf. ARIST., *Rhet.* I, 1357b...) de índole pretensamente moral. Onde a sua presença didáctica simples como *exemplum* e, no caso, como "modelo" de santidade e a ser seguido, imitado. Porém, se para Kant a verdadeira ética - o puro *Sollen* - nunca poderia ser movido a partir do exterior (empírico) dos exemplos, por outra parte reconhece-se a favorável influência em aspectos subtis - *l'appel* - do psiquismo moral: cf. H. BERGSON, *Les deux Sources de la morale et de la religion*, ed. cit., p. 1003: "Pourquoi les saints ont-ils ainsi des imitateurs, et pourquoi les grands hommes de bien ont-ils entraîné derrière eux des foules? Ils ne demandent rien, et pourtant ils obtiennent. Ils n'ont pas besoin d'exhorter; ils n'ont qu'à exister; leur existence est un appel. Car tel est bien le caractère de cette autre morale. Tandis que l'obligation naturelle est pression ou poussée, dans la morale complète et parfaite il y a un appel." (sublinhámos). Quanto à própria questão *metafísica* da repetição possível (qual *Wiederholung* heideggeriana) como estrutura desta *imitabilidade* do modelo de santidade, cf. Gilles DELEUZE, *Différence et répétition*, Paris, P.U.F., 1968, pp. 128 e segs.: "La répétition et l'inconscient: «Au-delà du principe de plaisir»".

⁶ Cf. Edith WYSCHOGROD, *Saints and Postmodernism, Revisioning Moral Philosophy*, Chica-

3.2. - A providência divina e o valor de exemplo

Neste espaço de ambiguidade entre o *ser-se santo* e o *ser-se reconhecido tal*, há uma dinâmica de passividade e de *acordo* entre a moção subjectiva e a expectativa inter-subjectiva na qual aflora a economia do *providencial*; o que importa acaba por não ser o que se é, mas o que se *tem de ser* de acordo com tal linguagem e função exemplarista.⁷ No entanto, a *linguagem metafórica* da santidade constitui-se na inutilidade pedagógica de um discurso reiterado, posto que na circularidade hermenêutica sem real abertura para a experiência mesma santificante.⁸

Porém, na perspectiva da *instantaneidade da graça*, sobretudo entendida como *eminência da hora*, ou na prática escuta do “momento presente” (P. De Caussade...),⁹ a economia interpretativa da ‘substância permanente’ de Deus e do seu ‘acidente gratuito plurímido’ deverá inverter-se, pondo em causa o paralelismo ali analógico com a distinção entre o *ser substantivo* da criatura e a sua *predicação efêmera na contingência dos acidentes*.¹⁰ Então, o que seria nesta óptica finita e

go/ London, Univ. of Chicago Pr., 1990, pp. 165 e segs.: «Language without Alterity: The Suppression of Reference and Mood». Por outro lado, o correlato dessa apreciação exterior dos Santos, quase se diria da *publicidade*, ou da sua valorização como “galeria de tipos”, sobretudo numa perspectiva de panegírico ou de fama fácil, *vide* hoje a “sacralização” da *Cultura* (cf. observações em nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, “A hodierna sacralização da cultura e o sentido indomito da experiência espiritual”, in: Várs. Aut., *O Sagrado e as culturas*, (Colóquio ACARTE, 18-22 de Abril 1989), Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1992, pp.155-191) e J.-C. SCHMITT, (éd.), *Les saints et les stars. Le texte hagiographique dans la culture populaire*, Paris, 1983.

⁷ Cf. Jean-Pierre ALBERT, “Sens et enjeux du martyre: de la religion à la justice”, in: P. CENTLIVRES, *Saints, sainteté et martyre*, ed. cit., p. 22: “On a vu... que la fabrication de l'exemplarité imposait aussi d'effacer ce qui, dans l'image du martyr, pourrait faire obstacle à une identification valorisante, le risque principal étant de ne voir en lui qu'une malheureuse victime, et non plus un héros glorieux.”

⁸ Tenha-se presente o paralelo entre o *gênero hagiográfico* (cf. R. AIGRAIN, *L'hagiographie. Ses sources, ses méthodes, son histoire*, Paris, 1953; remetendo ainda para o estudo clássico de P. DELEHAYE, *Cinq leçons sur la méthode hagiographique*, (Paris, 1934)) e o modelo *biográfico e autobiográfico* tal é hermenêuticamente perspectivado por Georges GUSDORF, *Les écritures du moi, Lignes de vie I*, Paris, Odile Jacob, 1991, pp. 111 e segs. Pode ser também atractivo e até sedutor ler as « Vidas dos Santos »... como observa, até com ironia, o incrédulo André Gide: cf. *infra* n. 243.

⁹ O que aqui se pretende salientar é a meditação do *tempo presente*, ou seja, um anulamento do que fosse um *trânsito* para a santidade... Cf. de CAUSSADE, *L'Abandon à la Providence divine*, (1861), reed. Paris, Desclée, 1996, c. IX, pp. 96 e segs.: «De l'excellence de la volonté de Dieu et du moment présent». *Vide* ainda a *graça actual*, cf., entre outros, GARRIGOU-LAGRANGE, *Les trois étapes...*, ed. cit., t. I, pp. 97 e segs. Noutra acepção *erótica* ou “desiderativa” da santidade, sobretudo, a partir dxe uma hermenêutica pós-moderna, a temporalidade na vida de santidade modifica-se num sentido existencial da finitude que resta... Cf. E. WYSCHOGROD, *Saints and Postmodernism...*, ed. cit., pp. 85 e segs.

¹⁰ Quase se ensaiaria aqui o que Émile BOUTROUX, em *De la contingence des lois de la*

criatural mais importante, ou substancial, passará, *na ordem sobrenatural a ser efêmero*, ou uma mera e ôntica cristalização momentânea, outrossim *constituindo o acidental a ordem mesma da verbalidade divina*, o seu “ser” *sempre novo e inesperado* a cada momento.¹¹

As graças de Deus, ou melhor dizendo a graça de ‘um’ Deus a cada instante,¹² na pluralidade infinda do Dom, já não permite definir, à luz da própria exemplaridade da substância outros sujeitos nessa perfeição santa, pois santa será a Hora (cf. St^a. Margarida Maria Alacoque reinterpretada...),¹³ e ‘Deus’ a Temporalidade (não discursiva, nem superada em eternidade), como *instância consagrante*, e, dir-se-ia, como *ordem de santidade* ou de perfeição *sem santo* (cp. em Kant: “finalidade sem fim”...).¹⁴

Ressalto sutil para fora da linguagem ainda neste mesmo reconhecimento linguístico da discursividade metafórica, metafísica... ou metalinguística que outorga valores substantivos na idealidade do ser

nature, (18741), Paris, Alcan, reed. 1927, pensou a propósito da *natureza real* a partir duma **espontaneidade livre**... Uma posição muito mais recente, permitiria dialogar o nosso pensamento com Alain BADIOU, *L’être et l’événement*, Paris, Seuil, 1988, pp. 49 e segs.: «Théorie du multiple pur: paradoxes et décision critique».

¹¹ É curioso que, neste sentido, tal experiência espiritual desse “agora” coincide, por outra parte, o que na sensibilidade pós-moderna pareceria o puro *efêmero*. Cf. Michel de CERTEAU, *L’invention du quotidien*, I, ed. cit, em «La société récitée», p. 273: “Le «réel» est ce que, dans chaque place, la référence à un autre fait croire.” - e é esta *referência indirecta*, esta relativa credibilidade do “real”, que mostra tal acesso *eventualmente inovador* mesmo neste contexto linguístico-social.

¹² No eco do nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, “Do Deus vário ao sempre Novo – Monoteísmo e sedução do múltiplo”, in: *Cadernos ISTA*, «Proliferação de Transcendências», VI, nº 11 (2001), pp. 5-34.

¹³ “... tu te lèveras entre onze heures et minuit, pour te prosterner pendant une heure avec moi. (...)” (Ste. MARGUERITE- MARIE, *Autobiographie*, § 57: [l’Heure Sainte] in: ed. cit., t. I, p. 86.

¹⁴ Tratar-se-ia da extrema purificação (não tanto em termos de uma “moral formal”, como ali se comparou com o autor da *Kritik der praktischen Vernunft*), mas até no sentido hebraico de que **santo é o Caminho de rectidão** (a *Torah* e os *mitsvot*... e vide Moisés Hayyim LUZZATO, *Le Sentier de rectitude*, ed. cit., pp. 201 e segs.) e, só por isso, de santidade (cf. M. BUBER, “Der heilige Weg” (Maio de 1918), reed. e trad. in: Id., *On Judaism*, N.Y., Schocken B., 1967, pp. 90 e segs.), - salienta-se essa *santa graça* de cada *oportunidade* (cf. gr. *kairós*, hebr. *'eth-* ...). De facto, mesmo no “legalismo” talmúdico abre-se *lifnim mi-shurat ha-din* (“para além ou dentro da linha da lei”), pois o que está em causa é justamente aquela *presença atencional* que o rabi indica e testemunha pela *kavanah* ou plena *intentio* (consciente). Sobre esta última dimensão de *consciência atencional* (aliás paralela ao exortativo evangélico: “Quem tiver ouvidos para ouvir..., ou quem tenha olhos para ver...”), cf. Robert GOLDENBERG, “Law and Spirit in Talmudic Religion”, in: Arthur GREEN, (ed.), *Jewish Spirituality, From the Bible through the Middle Ages*, (in: «World Spirituality: An Encycl. History of the Religious Quest», vol 13), N.Y., Crossroad, 1989, pp. 235 e segs.: “Kawwanah” (“Counsciousness”).

santo longe desta evidência do precário, efêmero, sempre falível de cada momento de santificação ou não...¹⁵

3.3. - Deus é quem santifica

Pode-se ser santo sem se desejar e desejar-se sem ser...

A santidade aparece como convergência do Desígnio divino (5), do desejo próprio (1) e do reconhecimento social- eclesial (3), podendo ainda ser *destino* (4) ou até resultado do contraponto à *danação* ou “caminho de iniquidade” e de morte moral (2)...

Donde que a *santidade* possa ser ambígua:

- | | |
|------------------------------|---|
| 1. de desejo humano; | - razão subjectiva e intelectualmente justificada |
| 2. de contraponto ao mal; | - razão sensorial / material |
| 3. de constituição eclesial; | - razão emocional / sentimental |
| 4. de <i>destinação</i> ; | - razão “imaginária” |
| 5. de vontade divina. | - razão volitiva / espiritual |

É a partir da consciência desta *harmonia de interesses* que, entretanto, se pode descobrir o *desinteressado dom*, ou seja, a lei de gratuidade que rege o desenvolvimento verdadeiramente espiritual e já não subjectiva ou objectivamente esforçado por exercícios de virtude ou de ascética heroicidade.¹⁶

¹⁵ Cf. L. WITTGENSTEIN, *Vermischte Bemerkungen*, ed. G. H. von Wright, Oxford, Blackwell, 1980, p. 53: “Das Christentum sagt unter anderm, glaube ich, dass alle gute Lehren nichts nützen. Man müsse das *Leben* ändern.”. Cf. ainda Michel de CERTEAU, *L'invention du quotidien, I Arts de faire*, ed. Luce Giard, Paris, Gallimard, 1990, p. 277: “Rien n'est dicible là où plus rien ne peut être fait. Avec l'oisif, plus que lui, le mourant est l'immoral: l'un, sujet qui ne travaille pas; l'autre, objet qui ne s'offre même plus à un travail; tous deux intolérables dans une société où la disparition des sujets est partout compensée et camouflée par la multiplication des tâches.” De facto, também dos santos, tão “inutilmente” contemplativos e *inefáveis* como tais, se quis fazer a **moral do trabalho de imitação**, etc. e sobretudo o *discurso tranquilizador* da crença e seu “marketing” em período como o actual de crise... Vale a pena escutar ainda M. de CERTEAU, *ibid.*, pp. 263-264: “La religiosité semble plus facile à exploiter. Les agences de marketing réemploiement avec avidité les débris de croyances hier volontairement combattues comme des superstitions. La publicité se fait évangélique. Nombreux sont les gestionnaires d'un ordre économique et social qu'inquiète le lent naufrage d'Églises où gisent les restes de «valeurs» qu'ils entendent récupérer à leur service en les baptisant «actuelles».” O obscuro não se deixa “acreditar”... e a verdadeira fé passa esta prova da *noite escura*.

¹⁶ A plena *santa indiferença*... - que chega a ser expressa como a redução à “matéria” dúctil: “Le coeur indifférent est comme une boule de cire entre les mains de son Dieu, pour recevoir semblablement toutes les impressions du bon plaisir éternel; un coeur sans choix (...)” (S.

Ser-se santo a partir da graça mesma da Divina santificação, reconhecendo-se haver *um resíduo de ambiguidade* no mesmo louvor desinteressado, ou dito de puro amor. Será o resíduo, – o do subconsciente *poder* ou do reconhecimento do *mérito* da “razão de tal louvor”, dos que entoam o *Sanctus eterno...* –, mais do que do louvor *sem porquê* e sem fórmula de eterna divina razão de ser...¹⁷ (O próprio louvor está a mais, e não só a linguagem já no a-social da individuação do santo...)

Ser-se santo, então, por puramente se corresponder a essa presença espiritual divina, sem essa identificação própria substante, seja em termos de ‘autoria’, seja em termos de méritos, outrossim “de mãos vazias”¹⁸ – corresponde a um real *oubli de soi*, já que se dá a transformação na hora e segundo a multidimensionalidade desse Advento divino.¹⁹ Típica condição de quem, assim, pela ordem da sua oblação emocional mais inteira, se funde com o cântico mesmo da Vida, perdendo-se no divino Amor...

FRANÇOIS DE SALES, *Traité de l'Amour de Dieu*, IX, 4, ed. cit., p. 770) Cf. Michel TERESTCHENKO, *Amour et désespoir de François de Sales à Fénelon*, Paris, Seuil, 2000, pp. 148 e segs.

¹⁷ Cf. Angelus SILESIIUS, *Cherubinischer Wandersmann*, I, § 289: «Ohne warum»...*sem porquê*. O que corresponde ao efeito da célebre *Abegescheidenheit* ou “despojamento”, gr. *ana-khóresis*, na aceção de completa renúncia (“surrender”, St^a. Teresa dirá «desasimimento») ou *abandono...* do Mestre ECKHART, *Von Abegescheideinheit*, in: in: Id., *Die deutschen und lateinischen Werke*, Suttgart, 1936 e segs.; cit. *apud* QUINT (ed.), *M. E., Traktate und Predigten*, Frankfurt, W. Kohlhammer, 1971, t. V, pp. 434..., cf. *supra* n. 96. Entre esta deliquiscência de razões, como ‘Céu antecipado’ (Isabel da Trindade...), e o sempre ‘tarde demais’ (já da clássica tragédia...), também duma razão exaurida mas pós-Juízo Final, duma danação eterna, há a **ambiguidade** da superação de *critérios transitivos*, como os do *desejo*, da *esperança*, do próprio *caminho...* E, se A. DANTE, *Div. Com.: Inferno* III, 9, coloca nas portas do Inferno o lema: “...*lasciate ogni speranza, voi ch'entrate./ Queste parole di colore oscuro/ vid'io scritte al sommo d'una porta;...*”, haverá de se demandar de dentro do ser santo outra *niilização da esperança* em puro Amor. Cf. S. PAULO, *1Cor* 13, 13 e veja-se ainda E. LÉVINAS, *L'au-delà du verset*, ed. cit., pp. 107 e segs., sobretudo pp. 117 e segs.: «Les impossibles louanges».

¹⁸ Cf. St^a. TERESA DO MENINO JESUS, “*Offrande de moi-même, comme victime d'holocauste à l'Amour Miséricordieux du bon Dieu*”, in: ed. cit., p. 556: “...**les mains vides...**”. Caminho ‘minimal’ de santidade que não de acumulação de montanhas de méritos... para o que é necessária a *ruse* do “elevador” de St^a. TERESA DO MENINO JESUS, *Ms C 2vº-3rº*; cf. ainda nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, “O miniatural em Santa Teresa do Menino Jesus – Da mudança de escala na via de santidade”, in: *Didaskalia*, (2002) (no prelo).

¹⁹ Cf. Jean GUITTON, *Le Génie de Thérèse de Lisieux*, Paris, ed. de l'Emmanuel, 1995, p. 76: “Chez Thérèse on remarque que l'ascétisme est sans cesse rappelé: elle enseigne *l'exercice incessant des vertus infinitésimales, par une application inconsciente de l'idée leibnizienne de «l'infiniment petit» du sacrifice.*” (sublinhámos).

3. 4. *Scala coelis* e estruturação sinóptica da *via perfectionis*

A consideração das condições expressivas do *sagrado*, suas dimensões naturais e culturais e sua interpelação religiosa como capacidade de re-ligar o homem com o sobrenatural, o divino, conduziu ao reconhecimento paradoxal desse caminho de *santidade* possível.

Por um lado, caminho aberto ao mais Alto, de transformação espiritual, atraente e até desejado em comunhão, em final união com Deus; por outro, vedado no *timor Dei*, pelo terrível e inviolável desse totalmente Outro, de quem se tem medo, podendo ler-se, então, aquele outro desejo como mera violência de superação deste temor e, por conseguinte, projectiva.²⁰

E esta oscilação emocional entre atracção e repulsa, entre o desejar ser santo e o sentimento de frustração, de traumática incapacidade ou, afinal, *invidia* dessa mesma alteridade, apenas tipifica - nos alvares da humanidade - essa evidência de estranheza e inconformidade do *sagrado* face à existência vulgar (profana), como algo que *é belo e terrível* (Rainer-Maria Rilke), salvação e morte, *éros e thánatos* (Sigmund Freud)...ou vice-versa, na conjugação ascética, no trabalho integrativo, na tentativa de síntese desta dramática situação.²¹

Então, aquela condição aparentemente exterior ao homem torna-se antropológicamente integrada e constitutiva do caminho de aperfeiçoa-

²⁰ Não tanto o *thaûma* perante o sagrado como *mysterium tremendum et fascinatum* - na conhecida posição de Rudolf OTTO, *Das Heilige*, ed. cit., c. IV, pp. 28 e segs., nem já a teológica hermenêutica do *timor Dei*, mas, outrossim, a *violência* mesma dessa *alteridade* assim adveniente, como diz René GIRARD, *La violence et le sacré*, ed. cit., p. 370: "La pensée moderne conçoit les rapports avec le sacré sur le mode unique de la médiation parce qu'elle essaie d'interpréter la réalité primitive à partir d'un religieux partiellement nettoyé de ses éléments maléfiques. Nous avons vu (...) que toute mélange de la communauté au sacré, que celui-ci intervienne par l'intermédiaire des dieux, des héros mythiques ou des morts, est exclusivement maléfique. Toute visitation surnaturelle sera d'abord vengeresse. Les bienfaits ne viennent qu'avec le départ de la divinité." Está aqui implícita a antiga economia de *aplaçar a cólera divina*, mas também o ensino da 'santidade' como *técnica de protecção* contra esse 'demais divino'...(cf. *ibid.*, pp. 370-371)

²¹ Não só se refere o temor perante o Sagrado, cf. n. anterior e *vide supra* n. 5, mas a *consagração* do mesmo *tabu* num medo primordial, difuso, contagiante das moções mais remotas da emocionalidade: afinal a *angústia* paradoxal e primeira... (lembre-se a *Sorge* e *angst* na reflexão heideggeriana). Tal vivência é frequentemente traduzida na consciência religiosa da vida dos santos em termos de *culpabilidade* (e remorso), que não de *conversão* (positiva integração, *metánoia*...). Cf. S. FREUD, *Totem und Tabou*, in: «Werke», p. 66.

mento do humano, a que se chama *via de santidade*. E, embora este caminho não tenha propriamente um começo, já que toda a origem detectável é só ulteriormente reconhecida tal (perdendo-se a causa no subconsciente, na dormência de um estado ‘paradisiaco’ ainda de fusão, onde, quer o acaso de circunstâncias materiais, quer o destino de conjunturas sociais, culturais, astrais e cósmicas, ou sobretudo a predestinação e a vocação divina como pre-eleição nesse superior Desígnio, se não distinguem ainda), também não tem um fim finito.²²

É o que fica de permeio que constitui, como esta mesma *fala*, a sua *fábula* narrável, aliás rigorosamente esquematizável não só de acordo com a gramática discursiva deste nosso entendimento, mas ainda em correspondência com graus e instâncias reconhecíveis na complexidade do humano e da hierarquia das suas faculdades e expressões possíveis.²³

Veja-se até em esquema:²⁴

²² Não se pretende aqui defender o carácter apenas *mediativo*, na perspectiva da “*opera aperta*” de Umberto Eco ou do interminável “círculo hermenêutico” que, tal refere Maurice Blanchot, se apresenta como um “*entretien infini*” que não leva a parte alguma... O que está em causa são, outrossim, *espessuras* bem sensíveis do que *acontece*, está *determinado a tal*, ou pode ser experimentado na vida como *predestinação*: são níveis de menor ou maior **liberdade imediata**. Como quis pensar Maurice BLONDEL, *L’action*, t. II, pp. 132 e segs.

²³ Cf. *infra* ns. 257 e 258. Desenvolvemos este tema em: Carlos H. do C. SILVA, “*Diário da Misericórdia e dom imaginário da linguagem - Condições diferenciais e regime redaccional da mensagem mística de St^a. Faustina Kowalska*” (entregue para publ. na *Rev. de Espirit.*).

²⁴ **apresentação sinóptica** que permite relacionar os *vários níveis de grelha de leitura* ou de enquadramento perspectivo e metódico com as *dimensões, quer objectivas, quer de estados interiores*, da vida de santidade. Estes *vários graus* que aqui se pensam a partir da antropologia bíblica e cristã, se encontram vocabulário relacional tradutor nos *graus de oração*, nos *níveis de consciência*, etc., são correspondentes com os *chakras* da psico-fisiologia e da espiritualidade do *yoga*, bem assim análogos às instâncias da *árvore sefirótica* na tradição cabalística, ou a outras formas de simbolização escalar integral. (Correspondências essas que aqui não explicitamos.) Fez-se, entretanto, ressaltar os *níveis 3 e 4*, por serem aqueles em que melhor se situa a centralidade da fenomenologia do santo e da santidade, até em relação, respectivamente, aos casos evocados de St^a. Faustina Kowalska e de St^a. Edith Stein, ou seja, de uma *santificação emocional* (enquanto em devoção) e de *outra mais intelectual* (enquanto em doutrina). Note-se, ainda, que na última coluna se apontam as *contrafaçções*, todo o frequente ilusionismo que tal caminho manifesta. Mas o comentário a esta síntese esquemática acaba por se encontrar desenvolvido justamente nos números e texto que o segue.

grau	Perspectivação metódica	objecto: 'sagrado' -o que manifesta a santidade	Relação: <i>sacrificium</i> 'santificação'	sujeito: 'santo' - as valorizações e a "tipologia"	Ilusórias re-presentações
7	Economia simbólica	<i>Theôsis</i> Toque míst.	Abandono vol. e absorção em D.	Bemaventurança plena. <i>Mártir</i>	"Autoridade" exemplar
6	V.Contemplativ. Teologia mística	Êxtases, visões e estados teopáticos	Experiência espiritual	Exp. comunhão Profeta/Místico	'Anjo de luz' confusão interior
5	Teologia espirit. Ascét.-Mística	Locuções e experiência vivas	Discernimento intelectual	St.indif. <i>Confess</i> Mestre/Doutor	"Auto-identif." Hipnose/fantasi
4	Teologia e Apologética	Doutrinas e hagiografias	Bons pensamentos	Intel.Fé/retór.ét <i>Apóst./Mission.</i>	Egoísm intelect. Endoutr/dogmat
3	Pedagog./pastor Psicologia	Preces e ensinamentos	Exemplaridade das emoções	Devoção/oração Sacerdot/Padre	Fanatismo/idolat Obsessão/medo
2	Medicina/cura Moral	Carisma/odor s. gestos e obras s.	'Cruzada' dos desejos	Virtud.her.Asc. Monge/ <i>Virgem</i>	Projecção delir. Sugest/violência
1	Magia/poder ícos de tal	Relíquias e lugares s.	Pureza ritual dos sentidos	Abstinência Eremit.Peniten.	Trauma sexual Misog./complex

1. Na base desta via estarão ainda as ressonâncias mágicas e xamânicas de técnicas de poder e cura, ligadas aliás com ancestral referência à sexualidade, então frequentemente traduzida em preceito de abstinência.²⁵

Aqui, no entanto, se geram ou se amplificam por tais preceitos, traumas muito subtis e persistentes acerca da *pureza* ou *impureza*, conduzindo frequentemente menos a uma saudável realização da energia vital e sua potência sexual própria, do que a recalcamientos por antecipação de enfermias formas de moralização.²⁶ A reorganização

²⁵ O que está em causa não é tanto o trauma civilizacional (cf. S. FREUD...) diagnosticado pela obsessiva oposição entre *santidade* e *sexualidade* (cf. *supra* ns. 24, 33... e *vide* n. 234), nem a sua suposta resolução moral em termos de tais preceitos ascéticos, mas um outro conhecimento dessa *abstinência* (cf. F. MUGNIER, art. "Abstinence", in: *Diction. de Spirit.*, t. I, cols. 112-133), aliás igualmente atestada em várias outras grandes tradições religiosas (*brahmacharya* dos hindus, o "celibato" sufi...) que implica outra real sinergia e em ressonância daquelas valências mais ancestrais. Sobre este campo, que aqui não se poderá desenvolver, cf. Marc ORAISON, *Le mystère humain de la sexualité*, Paris, Seuil, 1966; também Julius EVOLA, *Metafisica del sesso*, Roma, Atanor, 1958 e *vide* K. WILBER, *Sex, Ecology and Spirituality*, ed. cit. *supra*, e ainda Xavier LACROIX, *Le corps de chair, Les dimensions éthique, esthétique et spirituelle de l'amour*, Paris, Cerf, 1994.

²⁶ *Vide supra* n. 24. Tenha-se presente a destriça que Michel TOURNIER, *Le miroir des idées*, Paris, Mercure de France, 1994, pp. 171 e segs. salienta entre *pureza* e a *inocência*; cf. p. 173:

técnica, dir-se-ia, essa bela poética do santo viver – como por exemplo em Francisco de Assis – passa a ser encarada em termos práticos, por ética justificação que culpabiliza, que desenvolve em ética de pecado, o que não seria ainda passível de decisão moral.²⁷

2. Mas mais do que nesse plano muito ascético de proezas físicas e de ritualismo, o caminho ascende, para além desta sua ‘liturgia’ básica, à aquisição de capacidades morais, pelo exercício de virtudes e o treino habitual de forças próprias, sejam as que se ligam ainda com regimes de vida (jejum, disciplina ou austeridades...), sejam as ditadas por costumes e regras de convivialidade.²⁸

Santo é, assim, alguém capaz de bem fazer, de ajudar mesmo neste plano das obras. Porém, este sentido fraterno poderia ser lido mais na perspectiva ainda natural de bem fazer altruísta, que não de correspondência à divina inspiração de Bem e de misericórdia.²⁹ Mas o que sobretudo está em causa é a coragem própria perante mesmo situações adversas.

“L’homme chevauché par le démon de la pureté sème la mort et la ruine autour de lui. Purification religieuse, épuration politique, sauvegarde de la pureté de la race, recherche anticharnelle d’un état angélique (...). À l’opposé de la pureté, l’innocence lui ressemble comme son inversion bienfaisante. Innocent est l’animal, le petit enfant et le débile mental. Sur eux le mal n’a pas de prise. (...) L’innocence est amour spontanée de l’être, oui à la vie, acceptation souriante des nourritures célestes et terrestres (...).”

²⁷ **Santidade e pecado**... confundidos com pseudo-pureza e culpabilidade. Cf. Jean DÉLUMEAU, *Le péché et la peur, La culpabilisation en Occident (XIIIe-XVIIIe siècles)*, Paris, Fayard, 1983; e cf. Brenda DUNN-LARDEAU, *Le saint fictif. L’hagiographie médiévale dans la littérature contemporaine*, Paris, Honoré Champion, 1999, p. 135: “Dans la littérature hagiographique, que ce soit dans *Les Confessions* de saint Augustin ou la *Vie des Pères*, on retrouve sous une forme ou une autre le lieu commun du corps de la femme comme obstacle à la sainteté auquel il faut renoncer pour sauver son âme.” *Vide supra*, n. 232.

²⁸ Trata-se da ascese e da regra de vida... cf. *supra* n. 46. Do ponto de vista **hagiográfico** o que importa é o seu *reconhecimento eclesial*: “Le saint est un homme qui, par sa correspondance à la grâce divine, a été constitué en état surnaturel de sainteté, mais il faut, pour que l’hagiographe ait à s’occuper de ce qui le concerne, que cet état de sainteté, avec les vertus héroïques qu’il comporte, ait été reconnu par l’autorité de l’Église, reconnaissance qui entraîne comme conséquences les manifestations d’un culte liturgique et public.” (René AIGRAIN, *L’Hagiographie*, ed. cit., p. 8; sublinhámos).

²⁹ No limite, dir-se-ia *ser santo*, por tal **bem-fazer** sem “ter fé”, sem indispensável referência teologal; ou *viver-se uma fé*, entretanto, menos dadivosa... É o que, sociologicamente, se reconhece na definição de *santidade* proposta por E. WYSCHOGROD, *Saints and Postmodernism*, ed. cit., p. 34: “[saint] as one whose adult life in its entirety is devoted to the alleviation of sorrow (the psychological suffering) and pain (the physical suffering) that afflicts other persons without distinction of rank or group or, alternatively, that afflicts sentient beings, whatever the cost to the saint in pain or sorrow. On this view theistic belief may but need not be a component of the saint’s belief system.”

Conquista-se, neste último plano, o domínio sobre as forças psico-físicas caracterizadas por coragem, tenacidade, etc., mas que acabam por ter usos na dita *violência sacra*, seja ela de *aóratos pólemos*, “guerra santa” consigo próprio, contra os daímones a este nível, ou seja de *cruzada e jihad*, ou ainda de *catequese forçada* (ao odo da *Sokka Gakai* japonesa) num proselitismo fanático.³⁰

3. Porém, nestes dois patamares, mágico-mítico e médico-ascético, se deste outro modo se quiser caracterizar, apontam-se aspectos essenciais que se integram na figura do santo - a *taumaturgia*, a *ascese*, a *vida virtuosa* e de bem fazer... - mas falta-lhe o mais típico: a dimensão da *oração*. De facto, o corpo também reza, desde as posturas aos gestos, etc., as atitudes relacionais também exprimem essa consagração de vida (desde a alimentação, a higiene, o vestuário, a habitação, etc.), mas é na *parrhesía*, nesse vir à palavra, nessa expressão *eloquente* que o humano (*zôon lógon ékhon - animal rationalis e homo loquens...*) explora uma outra possível dimensão de santificação.³¹

É claro que o que aqui está presente como fundamento desse uso da fala (depois de variantes de linguagem, oral: cantada, entoada, em surdina, silenciosa...; escrita: por imagens, pinturas, símbolos...; etc.) é um básico acerto com a *respiração*, com o alento vital e sua correspondente alteração de estado psíquico, ou seja, uma plena relação rítmica, capaz de harmonizar o homem com o que de mais profundo e excelso se lhe proponha.³² Prece vocálica, louvor e súplica, mesmo oração meditada e

³⁰ Vide também n. 227. Quanto à *guerra santa*, mesmo sob a forma de “combate espiritual ou invisível” (*aóratos pólemos*), cf. referências em nossos estudos: Carlos H. do C. SILVA, “«Poética do Combate» – A estética da pura acção segundo a *Bhagavadgíta*”, (Comun. 1.º Simpósio Nac. de Estética e Teorias da Arte: «Jogos de Estética/ Jogos de Guerra», org. Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, Palácio Fronteira), Lisboa (19.02.1998), inédito; ; Id., “Da Violência sagrada à milícia do Templo – O ‘*De laude*’ de S. Bernardo”, Comun. a Jornadas de Estudos sobre os Templários «Em Demanda do Templo Tradição e Continuidade», Instit. de Sociol. e Etnologia das Religiões, Univ. Nova de Lisboa, Tomar, (10.10.1998) inédito; Id., “Não a Moral de *Ahimsa* mas a Intrépida Força do Sagrado - Reflexão a propósito da *não-violência* nas Religiões da Índia” (U.C.P., Lisboa, 2002; a publicar). Sobre aquele movimento “budista” japonês, cf. nossas recensões: Carlos H. do C. SILVA, Notícia bibliográfica sobre algumas obras do movimento do budismo japonês: *Sôka Gakkai*”, in: *Didaskalia*, vol. IX, 1 (1979), pp. 256-263.

³¹ Veja-se o quão grave possa parecer esta afirmação que reduz a vida religiosa tal como ela é *doutrinalmente* encarada à *linguagem* e como uma “geografia” típica dessa mesma *narrativa*... Cf. Michel de CERTEAU, *L'invention du quotidien*, ed. cit., pp. 279 e segs.: «Dire, c'est croire»; Thomas MERTON, *The New Man*, ed. cit., pp. 49 e segs.; e Michel de FOUCAULT, *L'herméneutique du sujet*, (*Cours au Collège de France, 1981-1982*), Paris, Seuil/ Gallimard, 2001, pp. 355 e segs.: «La *parrhêsia* comme attitude éthique et procédure technique...».

³² Vide nossos estudos nesse âmbito da *oração*: Carlos H. do C. SILVA, *Experiência orante em*

de silêncio, enfim contemplativa e unitiva... – tal escala orante tem, no caso do santo, uma centração nas palavras sinceras, de comovida devoção, de afecto puro, ainda que traduzam bons pensamentos e sobretudo propósitos catequéticos ou edificantes.

Por isso, para o santo, não importa tanto as alcanduradas alturas do místico silêncio, os balbuceios de um louvor pouco útil na eclesial pedagogia, mas o *discernimento pastoral* do que mais importa, – comunicativamente falando –, aos outros. Consciência ainda, de que rezar não é caminho egoísta de oração pessoal e aperfeiçoamento próprio, mas partilhar em Igreja, louvar em comunidade o que assim advém como algo intersubjectivo como tal *linguagem da fé*.³³

É neste nível de caracterização da santidade que mais se impõe a sua capacidade de contágio, por sugestão e sedução, pela exemplaridade emotiva e moral; e é, portanto, neste plano do santo que assim reza a vida que melhor se encontram as estratégias da possível pedagogia da imitação do *exemplum* e também da *apologética* eclesial em torno de determinada *tipologia* da santidade (mártir, profeta, apóstolo, doutor, sacerdote, missionário, eremita...)³⁴

Mas é também neste nível, assim tão nuclear, e típico até da espiritualidade sacerdotal e da centralidade desse tipo de santidade pastoral, que podem surgir grandes enganos já psicológicos, como sejam os de projecção fantasiosa de desejos de santidade, de fuga traumática de medos infantis ou outros, e até de comportamentos obsessivos e de psicotipia nevrótica... Donde o terreno fértil para o fanatismo, o obscurantismo crédulo e mesmo a combatividade violen-

Santa Teresa de Jesus, Lisboa, ed. Didaskalia, 1986; Id., “A Oração como experiência essencial em todas as Religiões – do carácter diferencial do tempo orante como repetição”, in: Várs. Auts., *Oração, encontro de comunhão*, Paço d’Arcos / Oeiras, ed. Carmelo, 1985, pp. 135-320; também, Id., “A verdade «essencial» da oração – A pretexto de Edith Stein. A procura da verdade pela oração; Oração – linguagem do Essencial.”, in: *Revista de Espiritualidade*, IX, nº 36, Outº/Dezº. (2001): «Voltar ao Essencial», pp. 245- 309.

³³ Sobre a *comunidade* desta vivência em termos de *linguagem*, cf. *supra* n. 238.

³⁴ Sobre tal **tipologia** exemplar, cf. Stª TERESA DO MENINO JESUS, Ms B, 2vº- 3rº (ed. cit., pp. 294-295): “...ma vocation, Carmélite, Épouse et Mère, cependant je sens en moi d’autres vocations, je me sens la vocation de Guerrier, de Prêtre, d’Apôtre, de Docteur, de Martyr... le courage d’un Croisé, d’un Zouave Pontifical... la vocation de Prêtre... je voudrais éclairir les âmes comme les Prophètes, les Docteurs...”; e *vide supra* n. 114 e 117. Não esquecer a “quadratura” implícita das dimensões antropológicas (cf. *supra* ns. 6, 7...) e o carácter exemplar do *santo*, como *herói, modelo, intercessor* e *guia*... cf. *supra* ns. 47 e 80.

ta, persecutória, etc. – isto, quer como reacções desse *páthos* do santo, quer atitudes suscitadas em relação a tal caso de santidade.³⁵

E aqui se impõe a relação de doação, a prática culminante da caridade a evitar tais formas desviantes ou “especialistas” de santidade...

4. A palavra rezada, celebrada em comunidade, sobretudo escutada ainda no ritmo, quer da *fides ex auditu*, quer da *ruminatio* da própria *lectio divina*, desenvolve-se, entretanto, num outro plano de exigência acrescida ao caminho de santidade. Trata-se da *intelligentia fidei*, não tanto como racionalidade, mas no timbre psicológico-intuitivo e de uma compreensão contemplativa, que não só corresponde aos planos superiores da vida orante, mas se implica na missão específica, qual carisma apostólico, de uma santa orientação pela mente assim iluminada.

É o que se encontra no santo *director espiritual*, também no *confessor* assim “guia” de almas, ainda no *mestre e doutor* da Igreja, como no apóstolo... Estando, então, em causa, a santificação não já predominantemente emocional, pelo ideal de ataraxia, transposto em santa indiferença e inteira conformação do seu sentimento com o de Deus, mas, outrossim, da *santificação dos pensamentos*, de uma “santa sabedoria” que culmina a santidade.³⁶

³⁵ Independentemente dos casos clínicos, importa sublinhar o risco de ‘fanatismo’ no próprio **excesso de desejo** presente no que Edith WYSCHOGROD, *Saints and Postmodernity*, ed. cit., pp. 191 e segs. designa por “santos depravados”. Partindo da análise feita pelo *Anti-Édipo* de Deleuze e Guatarri, lembrando ainda M. de Foucault e sobretudo Derrida, E. Wyschogrod, realça o papel omnipresente do *desejo* no pósmoderno e como chave de leitura hagiográfica. É o paradoxal “solipsismo” da santidade: “I have designated those who practice unconstrained desire but in whom the altruistic impulse remains intact *saints of depravity*. Desiring production is not without love, but in the absence of the Other this eros turns itself inside out like a glove and exposes itself as pure negation.” Se tal visão está muito presente na moderna literatura, não deixa de se atestar mesmo no *excessivo místico*: cf. as “folies dans la foule” quer no mosteiro, quer na rua... (como diz M. CERTEAU, *La fable mystique...*, pp. 48), reflectidas sobre M. Eckhart e Surin: Stanislas BRETON, *Deux mystiques de l’excès: J.-J. Surin et Maître Eckhart*, Paris, Cerf, 1985, pp. 177 e segs.

³⁶ **Sabedoria** não segundo o mundo, como indica S. PAULO, *1Cor 2, 6* e segs. Ensino que parece de *insânia* para os critérios vulgares da Cultura e do apreço racional da *inteligência*... Lembrar-se-ia o significativo trecho de André GIDE, *La porte étroite*, 19091, Paris, Mercure de France, 1959, pp. 130-131: “... Je venais de m’apercevoir que ces livres étaient (...) remplacés par *d’insignifiants petits ouvrages de piété vulgaire* (...). - Je pensais qu’une intelligence habituée à de substantielles nourritures ne pouvait plus goûter à de semblables fadeurs sans nausée. - Je ne te comprends pas, dit-elle. *Ce sont là d’humbles âmes qui causent avec moi simplement*, s’exprimant de leur mieux, et dans la société desquelles je me plais. Je sais d’avance que nous ne céderons, ni elles à aucun piège du beau langage, ni moi, en les lisant, à aucune profane admiration.” (sublinhámos) Tenho exactamente a mesma - quase mágica e maravilhosa experiência - desses livrinhos devotos...

5. *Calor* da caridade e *luz* da sabedoria - eis a simbólica síntese da santidade assim preclara que ultrapassa a mera *amizade de Deus*, nessa *intimidade do Seu conhecimento* e o que supõe, pois, especial graça correspondente.³⁷

Aqui os enganos, a havê-los, já não serão, como se costuma dizer, do ‘caminho’, nem da ‘estalagem’, mas da “cripta”, ou dessa interior habitação ou intimidade gnóstica de Deus.³⁸ Conhecida prova da miragem daquele falso santo que se procura a si mesmo em Deus, ou que acaba até em nível mais amplo de experiência espiritual por O confundir com o ‘Anjo de Luz’ (qual *Mefistófeles*) que exteriormente O falsifica (na respectiva projecção daquele desejo-resíduo egocêntrico).³⁹ Tentação gnóstica e sobretudo moralista ao “dualizar” a realidade e desenvolver um espírito separativo, sectário, iluminista, longe da diferente evidência espiritual...⁴⁰

6. Mas, além deste nível de *santa sapiência*, tão patente em Padres e Santos Doutores, etc., pode o caminho de santidade apontar ainda para cumes de perfeição, já menos eclesiais em termos de *comunicação* de linguagem e de pensamento, de liturgia e de dogma, de comunidade de amor e de conhecimento, outrossim antecipando misteriosa economia celestial e dos bemaventurados, posto que não ainda por inteiro nessa *lumen gloriae*, mas como vida contemplativa ou mística.⁴¹

³⁷ Cf. *infra* n. 256.

³⁸ Recordamos aqui com esta terminologia esotérica utilizada do simbolismo pessoano: “A primeira tentação a ser vencida, para que os Erros do Caminho sejam evitados, é o Mundo. A segunda tentação a ser vencida, para que os Erros da Estalagem sejam evitados, é a carne. A terceira tentação a ser vencida, para que os Erros da Cripta sejam evitados, é o Demónio.” (F. PESSOA, “Ensaio sobre a Iniciação”, em «O Estádio Gnóstico», ed. António QUADROS, *F.P.*, *Obra Poética e em Prosa*, vol. III- *Prosa 2*, Porto, Lello, 1986, p. 453). Esta nomenclatura lembra a tradição cristã e os três “**inimigos da alma**”, por exemplo em S. JOÃO DA CRUZ, *Cautelas*, 3 (*vide supra* n. 177). No caso do santo a tentação mais explícita é a do mundo... Diz ainda o texto de F. PESSOA: “As tentações são comuns a todos os caminhos, mas o místico é mais vulnerável à tentação do Mundo, o mago à da carne, o gnóstico à do Demónio.” (*Ibid.*)

³⁹ “**Anjo de luz**”, *Lucifer*, ainda que no paradigma mítico de Prometeu, *pýrphoros*... (cf. J. DUCHEMIN, *Prométhée*, ed. cit., pp. 181 e segs.), aqui na acepção do *supremo engano*, como no Mefistófeles do *Faust* de GOETHE. Explica S. JOÃO DA CRUZ, *Subida*... III, 10, 1: “... cuanto daño se le puede seguir al alma por vía destas aprehensiones sobrenaturales de parte del demonio; pues no solamente puede representar en la memoria y la fantasía muchas noticias y formas falsas que parezcan verdaderas y buenas (...) sino que aquello es así como se le asienta, porque, *como se transfigura en ángel de luz* (2Cor 11, 14), *parece al alma luz*.” (sublinhámos). Cf. *supra* n. 166.

⁴⁰ Tentação maniqueia... Muito frequente na literatura mesmo moderna e de tema hagiográfico: cf. Brenda DUNN-LARDEAU, *Le saint fictif*, ed. cit., pp. 52 e segs.

⁴¹ Cf. *supra* ns. 37 e 211. Os santos comportam-se, realmente, como *theophoroi*, ou seja, como

Aí, curiosamente, já a santidade de alguém se ultrapassa na perca do seu “eu” em Deus, ainda que não por diluição, mas na transformação de uma outra identidade, a verdadeira. Donde já se apontar, ora para uma aguda e sofridíssima consciência de si, nesse nada até ao parto do “homem novo”, e, por outro lado, a oblação nesta nova identidade, de tal individuação radical, na perspectiva realmente espiritual de uma consciência cósmica: Um “já não sou eu, mas Cristo em mim”...⁴²

Neste plano, mais do que o engano de locuções interiores, ou de certo visionarismo apenas projectivo ainda dos planos inferiores, potenciados em vez da real presença desta experiência espiritual, é o próprio *discernimento* de uma *superação de todo o âmbito finito* da santidade que advém. Em várias tradições estando claro que o homem de bem, o justo ou o piedoso, o santo em suma, não se pode confundir com o homem de grandeza, o bemaventurado, o iluminado por essa intimidade em que se dá a *inhabitatio* do divino.⁴³

E é vulgar contrapôr-se aos simples fiéis e, depois, aos amigos de Deus – os santos –, os amigos íntimos, chamados a este místico matrimónio, ou ainda apontando, por último, para os “filhos ocultos” à semelhança máxima com o Filho e Revelador de Deus.⁴⁴

“portadores de Deus” e, esta presença neles dessa Transcendência manifesta-se essencialmente como irradiação desse dom, dessa Luz... Donde todo o simbolismo e a realidade mesma dos fenómenos dioráticos, que os artistas registaram em auras, auréolas, feixes de luz, cores especiais... mais tarde convencionais.

⁴² Cf. *Gál* 2, 20.

⁴³ O *santo* pode não ser um *Doutor* (ou, mais recentemente, *Doutora*) da Igreja, pois embora S. TOMÁS DE AQ., tenha afirmado o coroamento da Teologia por esse *dom* de Sabedoria (*Sum. Theol.* II-2, q. 45...), que também terá de estar presente nos Doutores, nesta acepção, o que efectivamente é condição de salvação e universal chamamento é a *perfeição da santidade*, que aliás também o Angélico via como sinónima da *virtude de religião* (*Ibid.*, II-2, q. 81, a. 8). Ora, entre esta perfeição comum e aquela eleição e carisma especial vai a diferença análoga à que na antiga tradição monástica e oriental se pretendia entre os *justos* e os *perfeitos*, lembrados da gnóstica herança de *hylicos* ou seres “materiais”, ‘grosseiros’, depois os *virii iusti* “psíquicos ou piedosos, e, enfim, os *pneumáticos* ou “espirituais”: os perfeitos. Cf. *supra* ns. 87 e 88; *vide* também n. seguinte. Sobre essa união íntima com Deus e essa especial graça da *inhabitatio*, cf. *supra* ns. 98 e 174.

⁴⁴ É a linguagem afectiva e, ao mesmo tempo, muito precisa dos místicos, demarcando estes **três graus**: I - *fiéis servidores* ou *amigos*; II - *amigos íntimos*; e, III - *filhos ocultos* de Deus. Cf. J. RUYSBROEC, *Nupc. Spir.*, III, 1 e segs. (ed. e trad. A. Louf, *Jan van RUUSBROEC, Écrits*, t. II - *Les nocces spirituelles*, Abbaye de Bellefontaine, ed. Ab. de Bellefontaine, 1993, pp. 212 e segs.) Sendo, entretanto, de reconhecer o carácter *élitista* que tem esta caracterização do caminho espiritual: santos contemplativos e ascendidos a essa *união mística* serão muito poucos ou raros, como diz o Autor: *Ibid.*, III, 1, pp. 205 e segs.

7. Porém, neste plano teológico de perfeição última, o que está em causa frequentemente já não é esta *unio mystica*, mas a economia capaz de a divulgar, as mediações até políticas que a traduzem em termos de Autoridade, de princípio de catequese e, sobretudo, de doutrinação eclesial.⁴⁵ Estratégias que reconduzem ao *âmago linguístico-doutrinal* de todo o ensinamento habitual sobre a via de santidade e sobretudo centrado no modelo do santo, capacidade de usar a sua figura, exemplaridade imitável da sua vida e legibilidade doutrinal do seu ensinamento.

Mas isto é reconduzir do carácter libertador e indómito da experiência espiritual ao *marketing* da “utilidade social” da medida *média*, frequentemente *mediocre*, de uma santidade murcha, do património exemplar de meras atitudes programáveis, de galeria de tipos, mas longe da autêntica aventura de ser.⁴⁶

3. 5. - A *dramatis persona* do santo e a santidade como *miraculosa representação da fé*.



Fig. 5: Imagem de S.Paulo de Tebas segundo pintura romântica, séc. XIX

De facto, diz-se o caminho *da perfeição*, mas tal perfeição acaba por *transcender tal acesso*, tais *meios*, como se se dissesse que a santidade

⁴⁵ A **santidade** legítima, então, historicamente o **poder**: cf. Christian GIORDANO, “Gérer l'exemplarité en (re)mettant l'histoire à jour: les saints, les héros et les victimes”, in: Pierre CENTLIVRES, (dir.), *Saints, sainteté et martyre*, ed. cit., pp. 121-132.

⁴⁶ Cf. Michel de CERTEAU, *L'invention du quotidien*, ed. cit., pp. 267 e segs.

transcende a figura do santo, ou que, paradoxalmente o termo para que se caminha exige a elisão desse caminhante enquanto tal, exige mesmo a plena superação da discursividade mediata do caminho.⁴⁷

Dir-se-ia que o percurso interior do santo terá de fazer oblação de si mesmo, eliminando-se essa identificação personalística justamente na descoberta, libertadora, de que só no Infinito, em Deus, se encontra a Santidade em si mesma, sem tais limites pessoais. Donde que o caminho de perfeição tenha de ultrapassar o registo psicológico de tal ou qual santidade e aponte para uma *individuação* de outra natureza, de ressalto ontológico, que por *espiritual* se indica.⁴⁸

E, isto, está bem marcado no duplo andamento ascético e místico da compreensão da santificação: por um lado no esforço que parte da integração pessoal, do esforço próprio e como apropriação de capacidades e virtudes, inclusive dons de tal contacto espiritual; por outro lado, na passiva aceitação, melhor, em activo consentimento de que tal processo de *morte e ressurreição* se faça, transformando nessa *imediate Mediação* o que era transitório e ainda finito.⁴⁹

⁴⁷ Cf. *supra* n. 88; vide Aldous HUXLEY, *The Perennial Philosophy*, London, ed. Chatto & Windus, 1946, e reed., pp. 54 e segs. Vide ainda G. Van der LEEUW, *La religion dans son essence et ses manifestations*, ed. cit., p. 452: “L’expérience religieuse vécue est celle dont la signification se rapporte à l’ensemble, au tout. Elle ne se laisse jamais comprendre autrement que du point de vue de l’éternité. Son sens est un sens dernier, concernant les «choses dernières». Elle est de nature eschatologique; elle se dépasse elle-même. Elle désigne à l’homme un terme ultime, un limite.” (sublinhámos). O que está em causa não é a *laetitia* ou “alegria” inicial do caminho de santidade, mas o seu “**louvor**” final, como *gaudium*, assim antecipado; ou como diria, diversamente St^a. TERESA DE JESUS, *Moradas del Castillo Interior*, III, 2, 10..., o que já não suscita o provisório *contento* (ou contentamento), mas é o pleno *gozo* espiritual...Vide também n. seguinte.

⁴⁸ Tal como a *modéstia* está para o *pleno amor*, assim a *santidade* para com um seu mais completo *sacrifício*... A santidade enquanto *sacrifício* mesmo e de si própria é um *acto* e, por conseguinte, superando todos os modos e toda a temporalidade, dá-se no *instante*, no presente que não se pode recuperar em termos de *história*, ou de *justificação*... transcendendo justamente essas determinações *representativas*: “quand il s’agit du *tout-autre* ordre, la continuité est brisée. Dans cette acceptation d’un sacrifice qui irait, s’il le fallait, jusqu’à l’annihilation-de-soi - «*sui ipsius abnegatio*», comme dit l’*Imitation* - , jusqu’à la mort inclusivement, dans ce oui contre-nature, ou plutôt surnaturel consiste la suprême liberté de l’homme. (...) Le sacrifice est, comme le courage héroïque, vertu de l’instant.” (Vladimir JANKÉLÉVITCH, *Les vertus et l’amour* (t. 2 de *Traité des vertus*), Paris, Flammarion, 1986, vol. 2, p. 344) Sobre esta “santa” dimensão da *liberdade*, do *espírito* - lembrados de *Jo* 3, 8 -, do *infinito*, da *criatividade*...cf. Yves RAGUIN, *Maître et disciple, La direction spirituelle*, Paris, Desclée, 1985, pp. 12 e segs.

⁴⁹ Trata-se de uma perspectiva que implica o próprio contacto espiritual, mudando da discursividade finita, para a comunhão no e com o *infinito*... Como dirá Thomas MERTON, *The New Man*, ed. cit., § 67, p. 76: “The existential knowledge of the goodness of God is only possible when we experience the goodness of God in God Himself, that is to say, as He Himself “experiences” it. Our experience of His goodness is therefore *an experience of infinite freedom*, of

“No interior de nós todos existe a outra pessoa, o homem interior, que a Escritura chama o *homem novo*, o homem celeste, o jovem, o amigo, o nobre” (Eckhart).

Mas é claro que a montante e a juzante deste núcleo que constitui o *enigma* da santidade na ignorada sinergia que permite *unir realmente*, fundir, transmutar... *uma natureza noutra*, qual “transsubstanciação” aqui efectuada, há aquelas estruturações, aquelas dimensões que se geometrizam num global entendimento fenomenológico, circunstancial das várias instâncias e passos típicos desse caminho.

E o santo, como no *teatro*, embora neste caso no drama da própria vida, é aquele que representa esse papel, esse modelo, até que seja mais esse paradigma a viver nele do que ele próprio.⁵⁰ Faz parte da “lógica” da fé, crer de tal modo que assim passe a ser e, se à mera sugestão natural se potencia este gratuito dom de uma revelação que pode assim ser vivida passivamente em hipnose incôscia, o verdadeiro acordar, a exigida ressurreição que vivifique o símbolo, aponta para essa poética do *fingimento* que de dentro sofre, se configura e se deixa plasmar na forma transformada de um outro viver possível, em consciência, em que o ser santo será equivalente a ser fonte de iluminação...⁵¹

infinite giving, infinite selflessness.” (sublinhámos). Cf. Mestre ECKHART, *Von dem edeln menschen* (“Tratado do Homem Nobre”), Sermão e parte do livro *Benedictus*, ed. cit., t. V, pp. 6 segs, a *imago* mais perfeita é a de Deus no homem... Embora no *acme* desta experiência se dê justamente a *entbilden*, ou perda da “forma” (*Bild*)... numa total renúncia, ou despojamento, cf. *supra* n. 130 e *infra* n.

⁵⁰ É claro que como considera um psicólogo, mesmo reducionista, tal o caso de Théodule RIBOT, em *La logique des sentiments*, (1905), Paris/ Montréal, L’Harmattan, 1998, p. 166: “En somme, chez les mystiques, l’amour est la cause de l’invention; il inspire et soutient les contemplatifs dans leurs spéculations, les actifs dans leurs oeuvres de propagande; mais il n’est qu’un moyen. Les cas précités où il est à la fois le ressort et la *matière* de l’invention sont exceptionnels.” A *projecção* de tão intenso “desejo” espiritual, gera, nalguns casos (místicos), a equivalente *realização* desse estado (casos de *estigmatização*, de *anédia*, de *êxtases* especiais...). T. Ribot, numa época em que a psicanálise dava os seus primeiros passos (a *Traumdeutung* de Freud...), considera, entretanto, que tal experiência amorosa indutora da vida de santidade, se tem, enquanto tal, evidentes paralelos com a criação literária, sobretudo ao modo dos simbolistas, por outro lado é “monocórdica” - “l’amour, toujours l’amour, et la même espèce d’amour” (*Ibid.*, p. 165) - e não manifesta a real e vivida paleta multiforme que ele situa no amor humano (não-sobrenatural). A *teatralização mística* reveste, entretanto, diversas características no plano da “linguagem” gestual, *visual* (cf. Roland MAISONNEUVE, *L’oeil visionnaire, L’univers Symbolique des Voyants Chrétiens*, Saint-Vincent-sur-Jabron, ed. Présence, 1992, pp. 17 e segs.: «Le langage mystique et son déciffrage»), etc., e, por outro lado, na *efabulação narrativa*, contada e escrita que aproxima mais estes casos da *retórica literária*. Cf. Anne FERRARI, *Figures de la contemplation, La «rhétorique divine» de Pierre de Bérulle*, Paris, Cerf, 1997, pp. 385 e segs.; *vide* sobretudo: Michel de CERTEAU, *La fable mystique*, ed. cit., pp. 243 e segs.: “L’institution du dire”.

⁵¹ Embora a luz que assim se pode recolher dos santos, sempre aponte para outra revelação, grande

Porém, tal *fingimento* implícito em toda a *imitação* é tanto mais perfeito, quanto mais cômico da própria inutilidade de toda essa *dramatis persona*, podendo elidir-se a pseudo-verdade da santidade na evidência do ser em falta, do intervalo de estranheza que devolve à Vida espaço de revelação. E só deste modo, pelo pecado assim convertido no âmago desse *fazer de conta*, que na santidade se espelha, é que se pode assumir uma interior *transcendência*, ou seja, a autêntica criatividade já não do “personagem” da fábula religiosa, nem desse *locus* linguístico da retórica piedosa habitual, mas de algo inenarrável e ainda em esboço de.⁵²



Figs. 6: Imagem de St^a. Maria Madalena, penitente, segundo pintura romântica, séc. XIX.

parte do seu brilho próprio se condensa na **linguagem** em que a fé se deixa transmitir. Linguagem largamente determinada pelo critério comum do uso, do que assim *faz sentido*, e pode constituir uma *encenação* global, por simbólica que se pretenda. De facto, o quotidiano habitual é como que um sono, uma colectiva hipnose, de que a linguagem religiosa, a retórica de santos e místicos poderá ser ainda mais um poderoso reforço. Cf. Michel de FOUCAULT, *La fable mystique*, pp. 158 e segs.: «Une pragmatique du langage» (a teoria dos *speech acts* de Austin, de Searle...). Dever-se-ia, no entanto, sempre de novo perguntar - suscitando a interrupção de tal “hipnose” - quem é o *sujeito da enunciação* de tal discurso sobre a santidade, que “eu” é esse que o próprio santo supõe, muitas vezes sem se dar conta da sua prévia imposição, a montante de toda a verdadeira experiência espiritual, como um *volo!*, isto é, como uma “subjectiva vontade de poder”... (*Ibid.*, pp. 230 e segs.) Como não detectar em tal *semiótica* expressiva as “indecentes” pretensões do “santo”, a obsessão pelo “corpo” (ainda que “místico”) ou aquele constante “desejo” de Deus? *Vide supra* n. 183.

⁵² É a lição absolvente do *tudo é graça* (*tout est grâce*) de St^a. Teresa do Menino Jesus... - (expressão tornada célebre a partir do romance de Georges BERNANOS, (*Journal d'un curé de campagne*, (in: «Oeuvres romanesques», ed. Pléiade), Paris, Gallimard, 1961, p. 1259) que ficcionava um ‘santo Cura’, mas onde aparece aquela exclamação de Teresa de Lisieux...Cf.

Deste modo reconhece-se que a santidade é mais própria deste caminho assim dúplice e conjugatório do humano e do divino e, no entanto, normalmente deixado infecundo neste seu mesmo entendimento.

Nota conclusiva:

Santos de pé ou caídos por terra...

“Ce n’est pas la connaissance qui nous rapproche des saints, mais le réveil des larmes qui dorment au plus profond de nous-mêmes.”

(E.M. CIORAN, *Des larmes et des saints*, trad. do romeno «*Lacrimi si Sfinti*», Paris, L’Herne, 1986, p. 31)

Fique apenas um indicativo final e que iremos retomar da imagética plástica. Trata-se de chamar a atenção para o *modelo erigido* pela canónica da estatuária sacra e também de certo paradigma da *representação heróica do santo*, quase sempre *de pé*, ornado pelos seus atributos ou sinais simbólicos desse ensino por imagem.⁵³

De facto, em contraponto a este modelo moral a liberdade dos pintores e artistas preferiu muitas vezes retratar os santos caídos por terra, não só jazentes como se perigosamente mortos ou adormecidos (a eufemística ou real *dormição*), mas também sob o *peso* da tentação,

Carnet jaune, 5.6.3 («Derniers entretiens», in: N.E.C., «Oeuvres complètes», ed. cit., p. 221), - mas ainda a confirmação de uma *outra linguagem* da Vida mesma: “Tel est le langage normal de Dieu dans la vie mystique. Il parle en actes plus qu’en paroles. C’est là le vrai langage, le langage qui seul peut exprimer son être et son amour. Il n’est pas très raisonnable de mettre dans la bouche de Dieu de pieux discours. La réalité de son langage est tellement plus belle. Il n’a que faire de littérature pour parler aux âmes. Son Fils a tout dit et cette parole est vie.” (Yves RAGUIN, *Chemins de contemplation, Éléments de vie spirituelle*, Paris, Desclée, 1969, p. 160)

⁵³ Desde alguns dos modelos egípcios, passando pelos *Kouroi* da Grécia arcaica, a postura de pé generaliza-se e simboliza o vigor erecto do homem em plenitude, ornado dos seus diversos atributos, como também se encontra em representações indígenas afro-americanas e sobretudo no *Purusha* ideal e até como arquétipo na tradição Jaina. Mais do que à *sede* episcopal, como no trono régio, do Rei-divino *Faraó*, ainda da tradição semita, a *estatuária cristã* herda o modelo dominante da figura de pé. Neste último aspecto cf. André GRABAR, *Les voies de la création en iconographie chrétienne - Antiquité et Moyen Âge*, Paris, Flammarion, 1979, pp. 47 e segs.; também Jean WIRTH, *L’image à l’époque romane*, Paris, Cerf, 1999.

do pecado, do drama crucial.⁵⁴ E, se é certo que aos corpos incorruptos de santos ou outros relicários jazentes normalmente na base de altares, etc. essa horizontalidade não parece macular a vida que, de outra forma, se assinala no imaginário das suas figuras hirtas e ressurrectas, parece, outrossim, difícil de se aceitar – como edificante – a queda, a crise, a deliquiscência mesma das formas do santo.⁵⁵ Qual perfeita consciência dessa monstruosa imperfeição...

Ora, é para esta condição pobre – da perfeita alegria – dir-se-ia lendo o Poverello,⁵⁶ que se pretende apontar, nos dois extremos: o da máxima força, mínima doçura, como a de S. Paulo de Tebas, modelo de todos os eremitas, cuja ascese doma leões... por esse mesmo sono, essa tranquilidade perfeita;⁵⁷ e, o da mínima força, máxima doçura, como a de St^a. Madalena amantíssima e penitente ⁵⁸...ela que tocou em lágrimas

⁵⁴ Sobre aquele letargo do Santo noutra mundo como que intervalar entre o Além e o aquém... não deixará de se lembrar o *limbo* não como ulterior *locus purgatorium*, mas no registo grego e da escatologia homérica (*Il* XIV, 231...) desse equivalente ‘*hýpnos kai thánatos adelphoi estin.*’ [“o sono e a morte são irmãos”]. Não deixa, entretanto, de ter pertinência a observação de Tzvetan TODOROV, *L’Homme dépaycé*, Paris, Seuil, 1996, p. 70, quando diz: “La mémoire collective préfère habituellement retenir dans le passé de la communauté deux types de situation: celles où nous avons ou des héros victorieux, ou des victimes innocentes.” Ora, do que aqui se trata é, paradoxalmente, de **heróis santos abatidos**, ou tornados vitoriosos de suas mesmas culpas...

⁵⁵ De lembrar as representações patéticas, levadas ao paroxismo da paixão, do desalinho emocional e da **tentação diabólica** nas representações, por exemplo de St^o. Antão por Jerónimo Bosch, ainda de outra iconografia de Autores desse declínio da medievalidade... *Vide* Enrico CASTELLI, *Il demoniaco nell’arte*, Milano, Electa Ed., 1952, pp. 59 e segs.

⁵⁶ Cf. S. FRANCISCO DE ASSIS, “*A verdadeira e perfeita Alegria*” in: «Avisos Espirituais»: *Fontes Franciscanas: S. Francisco de Assis, Escritos, Biografias, Documentos*, Braga, ed. Francisc., 1994, pp. 123-124.

⁵⁷ A ilustração a propósito no texto é do pintor A. Douillard, e encontra-se em Nantes. Para a iconografia tradicional deste Santo cf. Louis RÉAU, *Iconographie de l’art chrétien*, t. III - *Iconographie des saints*, ed. cit., t. 3 e pp. 1051 e segs.

⁵⁸ Ilustração, também no texto, de é do pintor P. Baudry, de 1858. Para a iconografia, ainda L. RÉAU, *op. cit.*, t. 2, pp. 846 e segs. É figura muitíssimo edulcorada na **iconografia piedosa** do séc. XIX... de notar o mau gosto do “estilo são-sulpiciano” que, sobretudo em França, e muito divulgado pelos Salesianos de D. Bosco, invadia a iconografia das imagens dos santos. Mas *vide* também a imagem desta Santa na lenda e literatura...já desde a “*Legenda aurea*” e o “Espelho da alma pecadora” (1531) de Margarida de Navarra... Cf. Brenda DUNN-LARDEAU, *Le Saint fictif*, ed. cit., pp. 30 e segs.: «Les emprunts hagiographiques à la *Légende dorée*»; ainda Y. GIRAUD, (ed.), *L’Image de La Madeleine du XVe au XIXe siècle*, Fribourg, Éd. univers. de Fribourg, 1966; Susan HASKINS, *Maria Magdalena (Mito y metáfora)* trad. do ingl., Barcelona, Herder, 1996. De outra índole, vejamos, por exemplo: Rainer Maria RILKE, *L’amour de Madeleine*, (Sermão anón. francês do séc. XVII descoberto por R.-M. RILKE), ed. e trad. Barcelona, Herder, 1998; e a profundidade poética do tratamento desta figura em Khalil GÍBRAN, *Jesus, the Son of Man*, 19281, New York, Alfred A. Knopf, 1984 reed. pp. 12 e segs. e 107 e segs.

mas o Senhor da Vida.⁵⁹ As imagens, a título de exemplo, falam por si e ajudam a compreender, mais do que em palavras de ‘doutrina’, ou *clichés* de ‘santoral’, o que é a *santa Humanidade* também ali extrema- da em cruz de sofrimento e amor, retalhada em *gratuidade* - e que, por isso, afinal não tem importância alguma.

Decantada fica, assim – em suor e lágrimas –, uma outra *essência* descoberta e por dizer...

⁵⁹ Cf. Jo 12, 3: ‘*He oûn Mariám laboûsa lítran mýrou nárdou pistikês polytímou éleipsen toûs pódas toû Iesoû kai exémazen taîs thrixìn autês toûs pódas autoû; he dè oikía ekleróthe ek tês osmês toû mýrou.*’ [Trad.: “Então Maria tomando uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, ungiu os pés de Jesus, e enxugou-os com os cabelos; e a casa encheu-se com o cheiro do perfume.”] Não será que, em última análise, a questão da *santidade* se resume, - como se lembra no *Cant* 1, 3: “...e suave é a fragrância dos teus perfumes...” - a perseguir um certo *odor*...? - “*L’odeur des parfums du Bien-Aimé - Puisque Jésus est remonté au Ciel, je ne puis le suivre qu’aux traces qu’Il a laissées, mais que ces traces sont lumineuses, qu’elles sont embaumées!*” - tal o revive Teresa de Lisieux (*Ms C 36vº, ls 6-11*)... - esse assim o verdadeiro *odor de santidade* !?... Cf. J.-P. ALBERT, *Odeurs de sainteté. La mythologie chrétienne des aromates*, Paris, 1990.

PERFEIÇÃO E MODELO:

- Santidade e tipologia espiritual a propósito de Edith Stein e Faustina Kowalska

SINOPSE

1ª parte: Introdução - Homem e caminho de santidade

Chamamento universal à santidade, distinto do da valorização específica e heroicidade de virtudes...

Que o *humano* não é o que parece ser, mas o que pode tornar-se, estando pois em *dever* e *in fieri*; ou seja, que há um *desenvolvimento possível do humano*; porém, esse desenvolvimento poderia não ser no sentido da *santidade*, mas no ideal de *sabedoria, de poder, de vontade...* ou até de libertação da própria *forma e tradição “regional” da santidade...*

Por um lado, a tradição hebraico-cristã primitiva e o sentido de seguimento da perfeição d’Aquele Único que é *Santo* (hebr. *Kadosh*), a não confundir com as formas de “consagração”, ou do *sagrado* por contágio e transmissão, lugar de *teofanias*;

por outro lado, a influência greco-latina e pagã do culto dos *heróis* (agora mesmo que *mártires...*), onde importa *quem se é e como se é santo* (gr. *hierós, hósios*, lat. *sanctus, sacro...*) nessa condição privilegiada ou até “predestinada” (cf. Bernanos, Claudel, Lavelle...).

Esta dupla postura está já atestada nas etimologias de *hólos* e *sanctus*, também na diferença entre “santo” e “sagrado” (cf. É. Lévinas), etc. apontando para uma primitiva reflexão sobre a *identidade* como separada, ou não, e o seu carácter “puro” ou *tabu...*

Donde duas atitudes dominantes na consciência hagiográfica cristã: a *universalização da santidade* na via protestante; e a *pluralização de exceções heróicas* na hierarquia católica... (cf. L. Lavelle...)

2ª parte: Tipologia doutrinal e experiencial da santidade assim exemplificada.

Stª. Edith Stein

mártir

Apóstolo

Guerreiro- Cruzado

Stª Teresa de Ávila

Sábria/ mestra

Doutora

Stª. Teresa do Menino Jesus

Missionária

“sacerdotiza”

Btª. Isabel da Trindade

santa

monja

Stª. Faustina Kowalska

vítima

medium

[cf. THÉRÈSE DE LISIEUX: “ma vocation, ... *épous... carmélite... mère des âmes... d’autres vocations, je me sens la vocation de GUERRIER, de PRÊTRE, d’APÔTRE, de DOCTEUR, de MARTYR... (...) d’un Croisé (...) comme les Prophètes...*” (in: Ms B 3rº...)]

3ª parte: Ideias básicas implícitas no *ser santo*, na aceção de *tornar-se*, ou *ser tornado, santo*:

- Ser santo é em Igreja (na relação com e para benefício de outrem)

que a relação social assim determinante da realização individual torna-se condicionante e até ambivalente de tal processo de *santificação*, já que constitui o balizamento em relação ao qual tal evolução se processa (averiguação eclesial e Processo formal...), mas também delimitação desse processo, quer em termos de linguagem (de *reconhecimento*), quer de efeitos ou resultados participados (de *intercessão*); por conseguinte, sempre ainda o lastro de uma *topologia linguística* em que se legitima a *comunicação exemplar* da vida dos santos...; de observar os modelos retóricos e práticos de tal *exemplaridade*;

- A providência divina e o valor de exemplo

que neste espaço de ambiguidade entre o *ser-se santo* e o *ser-se reconhecido tal*, há uma dinâmica de passividade e de *acordo* entre a moção subjectiva e a expectativa inter-subjectiva na qual aflora a economia do *providencial*; o que importa não é o que se é, mas o que *tem de ser* de acordo com tal linguagem e função exemplarista; - a linguagem metafórica da santidade constitui-se na inutilidade pedagógica de um discurso reiterado mas na circularidade hermenêutica sem abertura para a experiência santificante;

- Deus é quem santifica

que a partir da consciência desta *harmonia de interesses* se pode descobrir o *desinteressado dom*, ou seja, a lei de gratuidade que rege o desenvolvimento verdadeiramente espiritual e já não subjectiva ou objectivamente esforçado por exercícios de virtude ou de ascética heroicidade; ser-se santo a partir da graça mesma da Divina santificação; e haverá um resíduo de ambiguidade no mesmo louvor desinteressado ou de puro amor, o do poder subconsciente ou do reconhecimento do mérito da “razão de tal louvor” – dos que entoam o *Sanctus eterno...* –, mais do que do louvor sem porquê e sem fórmula de eterna divina razão de ser... (O próprio louvor está a mais, e não só a linguagem já no a-social da individuação do santo...)

Pode-se ser santo sem se desejar e desejar-se sem ser..., donde que a *santidade* possa ser ambígua:

- | | |
|------------------------------|---|
| 1. de desejo humano; | - razão subjectiva e intelectualmente justificada |
| 2. de contraponto ao mal; | - razão sensorial / material |
| 3. de constituição eclesial; | - razão emocional / sentimental |
| 4. de <i>destinação</i> ; | - razão “imaginária” |
| 5. de vontade divina. | - razão volitiva / espiritual |

Então: Santidade como convergência do Desígnio divino (5), do desejo próprio (1) e do reconhecimento social- eclesial (3), podendo ainda ser *destino* (4) ou até resultado do contraponto à *danação* ou “caminho de iniquidade” e de morte moral (2)...

Nota conclusiva: Santos de pé ou caídos por terra...

A GLORIFICAÇÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE NA INCARNAÇÃO, NA CRUZ E NA EUCARISTIA

MANUEL FERNANDES REIS

«“Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória agora e para sempre”. Com estas solenes palavras conclui o sacerdote na celebração da Eucaristia as orações que têm como ponto central o acontecimento cheio de mistério da Transubstanciação. Nelas se resume do modo mais conciso *o que é a oração da Igreja: Glória e honra do Deus Uno e Trino por, com e em Cristo*. Ainda que estas palavras estejam dirigidas ao Pai, note-se que não há uma glorificação ao Pai que não seja ao mesmo tempo glorificação do Filho e do Espírito Santo. *A doxologia proclama a glória que o Pai comparte com o Filho e ambos com o Espírito Santo para sempre*. Todo o louvor dirigido a Deus acontece por, com e em Cristo. Por Cristo, porque a humanidade tem acesso ao Pai só por Cristo e porque o seu ser humano-divino e a sua obra de salvação representam a glorificação mais perfeita do Pai. Com Cristo, porque cada oração autêntica é fruto da união com Cristo e, ao mesmo tempo, um reforço dessa união; além disso, porque cada louvor do Filho é um louvor do Pai e vice-versa. Em Cristo, porque o próprio Cristo é a Igreja orante e cada orante em particular um membro vivo do seu Corpo Místico e, ainda, porque o Pai está no Filho e no Filho se faz

visível o esplendor e a glória do Pai. O duplo sentido do “por”, “com” e “em” transforma-se desse modo na expressão do carácter mediador do Verbo Encarnado».¹

Na Missa, o sacerdote, tomando o cálice e a patena com a hóstia e, elevando-os, diz o «per ispum», a oração conclusiva do grande louvor de glória da Santíssima Trindade, que é a Eucaristia, que prolonga a Encarnação e actualiza a imolação da Cruz.

«*Encarnação, paixão, eucaristia* são as três expressões de um projecto de comunicação de Deus: de comunhão com a nossa condição metafísica de finidade mortal e com a nossa situação de pecadores para nos aproximar da sua vida; de aceitação da nossa indigência para nos tornar participantes da sua riqueza. Que Ele, o seu “Filho” chegue a nascer da descendência de David segundo a carne (Rm 1, 3); que Ele, a “imagem de Deus invisível” (Cl 1, 15), se faça história visível; que Ele, semelhante a Deus, comece a existir na forma de escravo (Fl 2, 6 -11); que Ele, rico da riqueza de Deus, partilhe a nossa pobreza para nos enriquecer com a sua riqueza (2 Co 8, 2): é o que surpreende, mas é exactamente o que é próprio do cristianismo e o que fundamenta a sua mensagem moral. *Encarnação, cruz e eucaristia* dizem assim como Deus é Deus com os homens e como é por nós e não contra nós. Tal comportamento pró-existente de Deus estabelece o modo do comportamento cristão».²

Na verdade, é na Eucaristia que a Igreja glorifica a Santíssima Trindade, mediante a Sagrada Comunhão do Verbo encarnado, que, na Cruz, morreu pelos nossos pecados, e ressuscitou, para ser sempre o «Pão vivo descido do Céu», que o Pai nos dá hoje como verdadeiro alimento da «vida eterna», ou, como diz Santa Teresa de Jesus, «como meio para podermos aguentar esta vida».

«Estando eu uma vez com esta *presença das três Pessoas que trago na alma*, era tanta a luz, que não *se podia duvidar estar ali Deus vivo e verdadeiro*, e, ali, se me davam a entender coisas que depois não saberia dizer. Entre elas era *como havia a Pessoa do Filho tomado carne humana e não as demais*. Não saberei, como digo, dizer coisa alguma disto que ouvi, pois passam-se algumas tão no secreto da alma, que parece que o entendimento entende como

¹ E. Stein, «*A Oração da Igreja*», em *Obras Selectas*, Edit. Monte Carmelo, Burgos, 1998, pp. 393-394.

² Olegario González de Cardedal, *La entraña del cristianismo*, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1997, pp. 492-493.

uma pessoa que, dormindo ou meio adormecida, julga entender o que se diz. Eu estava pensando quão duro era este viver que nos priva de estar sempre assim naquela admirável companhia e disse interiormente: Senhor, dai-me algum *meio para eu poder aguentar esta vida*. Disse-me: “Pensa, filha, que depois de acabada não me podes servir como agora; e *come por amor de Mim* e dorme por amor de Mim, e tudo o que fizeres seja por Mim, como se tu não vivesses já, senão Eu, que isto é o que dizia S. Paulo”». ³

A «Trindade imanente», que outrora se fez «Trindade económica» na Encarnação e na Cruz de Jesus Cristo, torna-se hoje e sempre a «nossa Trindade», a «Trindade-para-nós» na Eucaristia, o «mistério da fé» contemplado, celebrado, adorado e vivido pela Igreja cada dia.

«Esta eterna fonte está escondida
neste vivo pão para nos dar vida,
embora seja de noite.
Aqui se está chamando as criaturas
e desta água se fartam, embora às escuras,
porque é de noite.

Esta viva fonte que desejo
neste pão vivo eu a vejo,
embora seja de noite».⁴

1. «A Trindade de carne ao Verbo vestia»

«O mistério da Trindade é origem do caminho de fé e o seu termo último, quando finalmente os nossos olhos contemplarem eternamente o tosto de Deus. Ao *celebrarmos a Encarnação, mantemos o olhar fixo no mistério da Trindade*. Jesus de Nazaré,

³ S. Teresa de Jesus, CC 42. «Fiquei, daqui, a não poder pensar em nenhuma das Três Pessoas Divinas, sem entender que estão todas três; de maneira que estava eu, hoje, considerando como sendo tão «una», *havia tomado carne humana só o Filho*, e deu-me o Senhor a entender como, apesar de ser uma Essência, são distintas as Pessoas» (CC 36, 2. 3; 42). «Como, pois, vemos que são *distintas* as três Pessoas, e *como tomou carne humana o Filho* e não o Pai nem o Espírito Santo? Isto não o entendi eu; os teólogos o sabem. Bem sei eu que *naquela obra tão maravilhosa da Encarnação estavam todas Três*, e não me ocupo a pensar muito nisto. Logo se conclui meu pensamento com ver que Deus é todo-poderoso, e *do modo como quis assim o pôde*, e poderá tudo o que quiser; e, *quanto menos o entendo, mais o creio* e me faz maior devoção. Seja para sempre bendito. Amen» (CC 60, 5).

⁴ S. João da Cruz, P 4, 27-35.

revelador do Pai, satisfaz plenamente o desejo escondido no coração de cada homem de conhecer Deus. Aquilo que a criação conservava impresso em si como selo da mão criadora de Deus e que os antigos Profetas tinham anunciado como promessa, adquire a sua manifestação definitiva com a revelação de Cristo (DV 2. 4). *Jesus* revela o rosto de Deus *Pai*, “misericordioso e compassivo” (Tg 5, 11), e, com o envio do *Espírito Santo*, torna patente o mistério de amor da Trindade. É o Espírito Santo que actua na Igreja e na história: é preciso permanecer à escuta d’Ele, a fim de reconhecer os sinais dos novos tempos e fazer com que a expectativa do regresso do senhor glorioso se torne cada vez mais ardente no coração dos fiéis». ⁵

A relação do mistério da Santíssima Trindade com o mistério da Encarnação foi assim evidenciada por J. Paulo II na Carta Apostólica *Tércio Milenio Adventiente* nos seguintes termos: «Há que evidenciar o carácter vincadamente cristológico do Jubileu, que celebrará a Encarnação e a vinda ao mundo do Filho de Deus, mistério de salvação para todo o género humano (...) Na fase *celebrativa*, o objectivo será a *glorificação da Santíssima Trindade*, da qual tudo procede e à Qual tudo se orienta no mundo e na história. Para esse mistério apontam os três anos de preparação imediata: em Cristo e por Cristo, no Espírito Santo, ao Pai. Neste sentido, a celebração jubilar actualiza e simultaneamente antecipa a meta e o cumprimento da vida do cristão e da Igreja em Deus uno e trino (...). O ano 2000 será intensamente eucarístico: no *sacramento da Eucaristia* o Salvador, que *encarnou* no seio de Maria vinte séculos atrás, continua a oferecer-se à humanidade como fonte de vida divina». ⁶

O Jubileu do ano 2000, ao mesmo tempo que introduz os cristãos no terceiro milénio da sua história, fá-los contemplar com um olhar sempre novo o mistério da encarnação de Deus. Em Jesus de Nazaré, Deus fez-Se homem para revelar o mistério trinitário do seu amor e salvar a humanidade.

«Embora a encarnação tenha sido obra das três pessoas divinas, a pessoa do Filho foi a única que Se fez carne, a única que assumiu a carne como sua propriedade. Ele é, portanto, a única que doa a sua própria presença de carne. *Tanto no caso da Eucaristia, como da encarnação, devemos reconhecer a intervenção das três pessoas*

⁵ J. Paulo II, Bula *Incarnationis Misterium*, n. 3.

⁶ J. Paulo II, *TMA* 40. 55. «Deus fez-Se homem, para que o homem se tornasse deus» (S. Agostinho, *Sermo 13 de Tempore*: PL 39; 1097-1098).

divinas. Contudo, a acção própria do Filho tem a particularidade da entrega da sua carne. A presença pessoal, comunicada no banquete eucarístico, é, portanto, presença do Filho incarnado (...). Como é natural, *no mistério eucarístico a Trindade não perde nada da sua unidade*. O facto de a presença eucarística ser exclusiva do Filho não anula, de modo algum, a perfeita união entre o Filho e o Pai, união que se desenvolve e se afirma no próprio dom da Eucaristia. *A Trindade mantém-se actuante em todos os aspectos do mistério*, mas de maneira a valorizar a presença da pessoa de Cristo na sua carne, presença que tem um carácter muito específico».⁷

«O Ano Santo tem no *Congresso Eucarístico Internacional* o seu coração e o seu momento culminante, porque a celebração do mistério eucarístico é o centro de toda a vida da Igreja». «Ponto culminante do Jubileu é o encontro com Deus Pai, por meio de Cristo Salvador, presente na sua Igreja, de modo especial nos seus sacramentos». «O mistério redentor de Cristo, inaugurado no seio da Virgem Maria e manifestado plenamente na Cruz, abrange toda a História e consagra a humanidade de geração em geração».⁸

«Penso no Congresso Eucarístico Internacional, que terá lugar em Roma de 18 a 25 de próximo mês de Junho, subordinado ao tema *Jesus Cristo único Salvador do mundo, pão para a nossa vida*. Trata-se de um acontecimento central do Grande Jubileu, que deve ser “um ano intensamente eucarístico” (TMA 55). O mencionado Congresso porá em evidência precisamente *a íntima relação entre o mistério da encarnação do Verbo e a Eucaristia*, sacramento da presença real de Cristo».⁹

«O plano de Deus é sacramental, isto é, torna-se presente numa figura finita como a humanidade de Jesus ou os sinais sacramentais da Igreja».¹⁰

«No ar de festa de toda a comunidade reunida no “dia do Senhor”, a Eucaristia apresenta-se, mais visivelmente do que nos outros dias, como a grande “acção de graças” com que a Igreja,

⁷ Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do Ano 2000, *Eucaristia sacramento de vida nova*, Ed. Paulinas, Lisboa, 1999, pp. 76-77.

⁸ Documento preparatório para o 47º Congresso Eucarístico Internacional (18-25 de Junho de 2000), Roma, em «*L'Osservatore Romano*», 05-06-1999, p. 5.

⁹ J. Paulo II, *Carta aos Sacerdotes na Quinta-Feira Santa de 2000*, n. 15, Jerusalém, 23 / 3 / 2000.

¹⁰ J. Paulo II, *Aos Bispos Portugueses*, Roma, 30 de Novembro de 1999.

repleta do Espírito, invoca o Pai, unindo-se a Cristo e fazendo-se voz da humanidade inteira».¹¹

A glória de Deus revelou-se na Encarnação do Verbo de Deus: «E nós contemplamos a sua glória (Jo 1, 14). Jesus, o Verbo encarnado, é o «Evangelho da glória» de Deus (2 Co 3, 4).

A cristologia do N. T. descobriu a glorificação da Santíssima Trindade no mistério da Encarnação do Filho Unigénito do Pai.¹² «Depois que a Trindade eterna se agradou da trindade criada, mandou o Verbo a encarnar e a redimir o homem».¹³ Na «missão trinitária» da Encarnação apenas o *Filho* se fez homem, enviado pelo *Pai*, na força do *Espírito Santo* (Lc 1, 35).

«“O Verbo fez-se carne” (Jo 1, 14). Esta sublime apresentação joanina do mistério de Cristo é confirmada por todo o Novo Testamento. Assim, S. Paulo afirma que o Filho de Deus nasceu “da descendência de David segundo a carne”. (...) Para a fé da Igreja, é essencial e irrenunciável afirmar que verdadeiramente o Verbo “se fez carne” e assumiu todas as dimensões do ser humano, excepto o pecado (cf. Hb 4, 15). Nesta perspectiva é verdadeiramente um “despojar-se” (kenosis), por parte do Filho de Deus, da glória que Ele possui desde toda a eternidade (cf. Fl 2, 6-8; 1 Pe 3, 18). Por outro lado, esta humilhação do Filho de Deus não é fim em si mesma, mas visa a plena glorificação de Cristo, inclusivamente na sua humanidade: “Por isso é que Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, todo o joelho se dobre nos céus, na terra e nos abismos, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para glória de Deus Pai” (Fl 2, 9-11)».¹⁴

Os sacramentos são o prolongamento da santa humanidade do Verbo encarnado,¹⁵ e, como “sinais sagrados”, estão ordenados à santificação dos homens, à edificação da Igreja e, enfim, para *dar glória a Deus*.¹⁶

¹¹ J. Paulo. II, *Dies Domini*, 42.

¹² Cf. Fl 2, 5-8; Hb 10, 5-7; 1 Jo 4, 2; 1 Tm 3, 16. «A glorificação da Santíssima Trindade pela Encarnação do Verbo de Deus está no reconhecimento da presença do Pai na Encarnação do seu Filho pela Comunhão do Espírito Santo (...). O centro da *história trinitária de Deus com o mundo* é a *História da Encarnação* do Filho de Deus na história dos homens» (J. Monteiro, «A Encarnação, glorificação da Santíssima Trindade», em *Bíblica*, série científica n. 8, Ano VIII, Novembro de 1999, pp. 9. 11).

¹³ S. Maria Madalena de' Pazzi, *Revelatione e intelligencie*, p. 286.

¹⁴ J. Paulo II, *Novo Millenio Ineunte*, 22.

¹⁵ S. Tomás, *Summa Theologiae*, III, q. 80. a. 5.

¹⁶ SC 59.

«[E o Verbo se fez carne]. Eis o que verdadeiramente aconteceu no estábulo de Belém. Mas cumpriu-se ainda de uma outra forma. “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna”. O Salvador, que sabe que somos seres humanos e que como tal permanecemos, que cada dia devemos lutar com as debilidades humanas, vem em ajuda da nossa humanidade de modo verdadeiramente divino. Assim como o nosso corpo de carne necessita do pão quotidiano, do mesmo modo também o corpo divino em nós necessita incessantemente de se alimentar. «Este é o pão descido do céu». Naquele que verdadeiramente faz deste pão o seu pão quotidiano, *cumprê-se cada dia o mistério do Natal, a Encarnação do Verbo*. Este é certamente o modo mais seguro de manter permanentemente o *Unum esse cum Deo*, de integrar-se cada dia de modo mais forte e mais profundo no Corpo místico de Cristo. (...) E o próprio Sacrifício [eucarístico] imprime em nós sempre mais o mistério central da nossa fé, eixo da história universal: *o mistério da Encarnação e da Redenção*. Quem poderá participar com empatia de espírito e de coração no Santo Sacrifício, sem ser ele próprio tocado pelo espírito de sacrifício, sem ser tomado pelo desejo de ser, ele próprio e a sua pequena existência pessoal, colaborador na grande obra de redenção do Salvador? Os mistérios do cristianismo formam um todo indivisível. Se mergulhamos num deles, somos conduzidos também a todos os outros. Assim, *o caminho de Belém conduz forçosamente ao Gólgota, do presépio à Cruz*. (...) Há vinte dias celebramos o Natal do Salvador; dentro de vinte dias será a Candelária, a festa da Apresentação de Jesus no Templo, festa com a qual se fecha o ciclo litúrgico do Natal. Quando a Virgem levou o Menino ao Templo foi-lhe profetizado que uma espada haveria de trespassar a sua alma, que aquele Menino seria ocasião de queda e de ressurreição para muitos, um sinal de contradição. Foi o anúncio das dores, o anúncio daquela luta entre a Luz e as trevas, que já se tinha manifestado no estábulo de Belém. (...). Na noite do pecado brilha a estrela de Belém. Sobre o esplendor que se difunde do Presépio projecta-se a sombra da Cruz. A Luz extingue-se nas trevas de Sexta-Feira Santa, mas espande como sol de graça na manhã da Ressurreição. *Per Passionem et Crucem ad resurrectionis gloriam*: é o caminho do Filho de Deus feito carne. Com o Filho do homem, através do sofrimento e da morte, à glória da Ressurreição: é o caminho de cada um de nós, é o caminho de toda a humanidade».¹⁷

¹⁷ E. Stein, «O mistério do Natal», 4, em *Obras Selectas*, p. 390.

No dizer do místico poeta S. João da Cruz, toda a glória da Santíssima Trindade resplandece quer na Encarnação (Gl 4,4) – «Na qual a Trindade / de carne ao Verbo vestia; / e embora três façam a obra, / no uno se fazia; / e ficou o Verbo encarnado / no ventre de Maria»¹⁸ – quer na Eucaristia (Jo 6, 63-66): «*Aquela eterna fonte está escondida (...). Esta eterna fonte está escondida / neste vivo pão para nos dar vida*».¹⁹

Deus é, biblicamente, para ele, a «fonte de água viva», e a Eucaristia é, eclesialmente, a fonte de «aquela eterna fonte». Deus é, no seu ser de Pai, a fonte do Filho e do Espírito Santo. Deus é a fonte da qual todos bebem, mas de modo diferente (CB 14-15, 2). O pensamento do Santo vai desde o mistério da fé em Deus uno e trino ao “misterium fidei” da presença e obra da Trindade na Eucaristia. Em primeiro, contempla o manancial sem origem de Deus Trindade em si mesma; depois, o fluir da vida trinitária do Pai no Filho e no Espírito Santo; por último, a revelação e doação do mistério trinitário na Eucaristia. Dá um salto da Trindade à Eucaristia, do mistério escondido em Deus ao mistério escondido no pão vivo. Atraído talvez pelos dois pólos festivos litúrgicos, a Trindade e a Eucaristia, passa de um ao outro. No pão da vida temos a presença próxima e sacramental da Trindade com a plenitude dos mistérios de Cristo, economia trinitária da salvação. É assim como João da Cruz nos conduz ao mistério eucarístico contemplado na perspectiva da salvação, com uma evidente tensão escatológica. De facto, a Trindade e toda a sua obra de salvação estão na Eucaristia, no sacramento celebrado, comungado, adorado.

Para ele, a Encarnação e a Eucaristia são, ao mesmo tempo, «acontecimentos cristológicos» e «acontecimentos trinitários».

«A palavra teológica e poética de João da Cruz sobre a Eucaristia, a sua experiência de fé e a sua saborosa comunhão com o mistério há que buscá-la numa das suas mais logradas poesias: *A Fonte*. Poderia ter como título: Da Trindade à Eucaristia, porque o mistério no sua mais profunda nascente é a Trindade, e na sua mais próxima e inefável presença está na Eucaristia. Mistério de fé um e outro, acolhidos na adoração amorosa e em noite escura. Mistérios pletóricos de vida, nos quais se contém a economia da salvação.

¹⁸ S. João da Cruz, R 8, 273-278.

¹⁹ S. João da Cruz. P 4, 1. 9. «A celebração do Natal não é uma simples comemoração do nascimento de Jesus, mas a *atualização* do mistério da *Encarnação* no sacramento da *Eucaristia*» (A. Nocent, *Celebrar a Jesucristo*, I, *Introduccion y Adviento*, pp 63-87. 24).

Escondidos um e outro. Abertos os dois mistérios para saciar fomes de vida e sede de felicidade. A Trindade ilumina o mistério eucarístico na sua plenitude, segundo a mais certa teologia deste mistério que é presença de Cristo, dom do Pai, efusão do Espírito. A Eucaristia aproxima o mistério da Trindade até à mais sublime condescendência. Aqui se sacia o crente, aqui se contempla o mistério».²⁰

«Nesta poesia, a *Fonte*, João da Cruz cantou o mistério que vai do céu à terra, e agora, pele esperança do desejo, da terra ao céu. Da Trindade à Trindade e da Eucaristia à Trindade. Mistérios da fé, um e outro. Os dois mistérios acolhem-se na mesma fé que adora. Mistérios repletos de vida. Escondidos os dois. Um sob o véu do céu. Outro sob o véu do sacramento. E os dois mistérios ao mesmo tempo abertos, oferecidos para saciar pela comunhão e participação a fome de felicidade, a sede de água viva. Os dois abrem-se para comunicar a vida divina. Neste contexto, João da Cruz une os dois mistérios para os quais ele foi caminhando com amor acendido. A Trindade e a Eucaristia são dois vértices de contemplação e de experiência».²¹

«S. João da Cruz deixou-nos um poema maravilhoso, que é também considerado uma das mais belas jóias da literatura universal. Nele consegue transmitir, em linguagem poética cheia de beleza, densidade e sentido, o mistério inefável da Santíssima Trindade. É esta eterna fonte, a Santíssima Trindade, donde tudo dimana e se deriva. O Pai é a fonte da fecundidade espantosa e inesgotável da vida, donde nasce uma corrente, o Verbo, o Filho, que é forte e onipotente e tão caudalosas são as suas águas que regam céus, infernos e as gentes. E daquela fonte de destas corrente, procede outra corrente que é água divina a circular incessantemente, mas nenhuma delas, a fonte e a corrente, a precede, é o Espírito Santo. Esta fonte está escondida no pão vivo de Eucaristia a dar-nos vida, onde está a chamar as criaturas, todos nós, que dela bebemos, mas às escuras. Esta fonte de vida tão desejada, no vivo pão da Eucaristia está encerrada e de que é o nosso

²⁰ J. Castellano, «La experiencia del misterio litúrgico en San Juan de la Cruz», em AA. VV., *Experiencia y pensamiento en San Juan de la Cruz*, Madrid, EDE, 1990, p. 151.

²¹ J. Castellano, «Un símbolo de San Juan de la Cruz: la fuente. Biblia, liturgia y espiritualidad», em *Phase*, 185, 1991, p. 401. «Este poema, que o santo não comentou, é uma formosa síntese teológica, na qual mística e teologia, objectividade mística e contemplação, dogmática e mistagogia se unem para cantar uma mística cristã que não pode ser senão trinitária e eucarística, dogmática e sacramental com os dois pólos da Trindade e da Eucaristia» (*Ibid.*, p. 403).

alimento, onde a podemos contemplar e saborear, mas às escuras porque é de noite. Embora seja noite, podemos entrar na treva luminosa e densa do mistério da Trindade com segurança, a segurança que nos vem da luz da fé, única capaz de nos guiar nos caminhos do Espírito e no abismo inefável de amor, a Santíssima Trindade».²²

«Jesus é o “homem novo” (cf. Ef 4, 14; Cl 3, 10), que convida a humanidade redimida a participar da sua vida divina. No mistério da encarnação encontram-se as bases para uma antropologia capaz de ultrapassar os seus próprios limites e contradições, caminhando para o próprio Deus, antes, para a meta da “divinização”, pela inserção em Cristo do homem resgatado, admitido à intimidade da vida trinitária. Os Santos Padres insistiram muito sobre esta dimensão soteriológica do mistério da encarnação: só porque se fez verdadeiramente homem o Filho de Deus, é que o homem pode, nele e por Ele, tornar-se realmente filho de Deus».²³

2. «E ficou o Verbo encarnado no ventre de Maria»

A Eucaristia, foi, para S. Ireneu, no século II, a verdadeira maneira de identificar a ortodoxia do mistério de Cristo e do mistério da Trindade. De facto, na Encarnação e na Eucaristia manifesta-se a grandeza do amor da Trindade por nós. A Eucaristia é uma manifestação do amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo. A liturgia, celebrada em honra da Santíssima Trindade, e principalmente a Eucaristia é um mistério de comunhão com a Trindade e divinização da humanidade. Na comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo podemos participa-se da graça da Trindade, do reino dos céus, do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

²² María de la Trinidad, *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*, Paulus, Lisboa, 2001, pp. 41-42. «“Bem eu sei a fonte que mana e corre, embora seja noite”, poema de S. João da Cruz, é o que encontro de mais aproximado, para exprimir aquilo que sinto sobre “aquele que é” e a quem chamamos Deus Trindade» (*Ibid.*, p. 119). «Esta vida, o Espírito Santo, a vida circulante da Trindade, já há muito entendi, é a vida que se nos dá e recebemos na Eucaristia. Daqui a devoção a Jesus Eucaristia e às Suas divinas chagas, por onde se derrama o Seu sangue, a Sua vida e que não é mais que a vida incessantemente circulante e inesgotável da Trindade, do Pai para o Filho.» (*Ibid.*, p. 123).

²³ J. Paulo II, *Novo Milenio Ineunte*, 23. «O homem não podia ser divinizado, se estivesse unido a uma criatura, ou seja, se o Filho de Deus não fosse verdadeiro Deus» (S. Atanásio, *Discurso II contra os Arianos*, 70: PG 26, 425B-426G). «Deus fez-se homem para que o homem seja divinizado» (*Id.*, *Sobre a Encarnação do Verbo*, 54, 3: PG 25, 92; *Sources Chrétiennes*, 199, 1973, p. 459).

«Quem, possuindo o Cristo,
precisa ainda de algum outro bem da vida presente?
Quem, tendo a graça do Espírito em seu coração,
não possui, habitando em si, a venerável Trindade
que o ilumina e o faz deus?
Quem feito deus pela graça da Trindade,
pensaria que há coisa mais gloriosa que celebrar a liturgia?
Se tivesses visto o Cristo e recebido o Espírito
e se, graças a ambos, tivesses sido levado ao Pai,
saberias o que eu te digo: o serviço divino é grande e temível,
ultrapassa toda a glória, iluminação, poder, riqueza e realeza,
quando se celebra com a consciência de um coração puro,
em honra da Trindade pura, santa e imaculada.
Lá está o paraíso, a árvore da vida,
o pão de doçura, a bebida divina.
Lá encontrei o Cristo que me deu esses bens
e o segui com toda a minha alma.
Lá eu comi o maná, o pão dos anjos,
e não desejei mais nada de humano.
Lá eu vi como Deus sofreu, impassível, a paixão,
como morreu, ele o imortal,
e saiu do túmulo sem romper o selo.
Lá eu vi a vida futura e a imortalidade
que o Cristo concede aos que o procuram
e descobri que estava em mim o reino dos céus,
o Pai, o Filho e o Espírito,
a divindade inseparável em três pessoas».²⁴

A liturgia, como oração da Igreja, diz Edite Stein, consiste em dar «honra e glória à Trindade», porque «não há glorificação do Pai que não seja ao mesmo tempo glorificação do Filho e do Espírito Santo. Canta-se a glória que o Pai participa ao Filho e os dois ao Espírito Santo por toda a eternidade».²⁵ Na missa prestamos culto à Santíssima Trindade: «Existe uma íntima ligação entre este altíssimo mistério e o Santo Sacrifício, que foi instituído conforme o decreto das

²⁴ Simeão, o novo teólogo, *Hino 19*, em *Oração mística*, Paulinas, S. Paulo, 1985, pp. 45-46. À luz de Jo 6, 57, a Eucaristia é, no dizer de Simeão, um banquete com a Trindade: «Vinde, vós todos que credes no mistério, *vós que comeis do pão celeste* e obtivestes por ele a vida eterna, *deixai-vos arrebatat* espiritualmente à vida eterna, até o terceiro céu, *até a SS. Trindade*, cantando um hino de gratidão: “Glória a ti que te dignaste revelar a nós!” (*Ética* 3).

²⁵ Edite Stein, *Obras Selectas*, p. 393.

Três Divinas Pessoas, serve para a sua glória e abre a porta para a participação da torrente eterna da vida trinitária».²⁶

«Levantaram-se sobre si mesmos à altura do Céu com a escada da virtude, tendo subido os três degraus que Eu te desenhei no corpo do meu Filho. (...) Acharam o descanso na doutrina do meu Verbo, e a mesa, o alimento e o servidor, alimento de que gozam por meio da doutrina de Cristo crucificado, meu Filho Unigénito. Eu sou para eles a cama e a mesa, e o meu doce e amoroso Verbo é para eles o alimento, seja porque as almas gozam dele neste glorioso Verbo, seja também porque Eu vo-lo dei, isto é, a sua carne e o seu sangue, todo Deus e homem, o qual recebeis no Sacramento do Altar, disposto por minha bondade para vós, enquanto sois peregrinos e viadores, para que, por debilidade, não desfaleçais no caminho e percais a memória do benefício do Sangue derramado por vós com tão aceso amor; mas antes vos fortaleçais e deleiteis no caminho. O Espírito Santo serve-lhes o afecto da minha caridade, a qual lhes concede dons e graças. Este doce servidor traz e leva: traz-me os seus penosos, doces e amorosos desejos, e leva às suas almas o fruto da divina caridade e de suas fadigas, gozando e alimentando-se com ela. Repara, pois, como Eu sou para eles a mesa, o meu Filho o alimento, e o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, o servidor».²⁷

Na sua mensagem de 30 de Novembro de 1999 aos Bispos portugueses, depois de evocar o testemunho dos “mártires do domingo” – cristãos que em tempos de perseguição enfrentaram corajosamente a morte para perseverarem assíduos à celebração eucarística dominical – , o Papa recordou a ligação íntima que existe entre o Jubileu e a Eucaristia: «há dois mil anos que a Igreja é o berço onde Maria depõe Jesus e O confia à adoração e contemplação de todos os povos». Por isso, «cada Eucaristia de período jubilar há-de revestir-se e aparecer cheia do encanto e mistério do Natal». E «cada Eucaristia há-de antes de mais oferecer aos participantes a oportunidade dum encontro e colóquio pessoal com o divino Emmanuel, o Deus conosco (Mt 1, 23), cujo desfecho seja a comunhão espiritual e, sempre que possível, sacramental». «Nisso se encerra o segredo da fidelidade e perseverança dos cristãos, da segurança e robustez da sua “casa” interior no meio das aflições e dificuldades do mundo (Mt 7, 24-27).

²⁶ Edit Stein, *Ciência de la Cruz*, Edit. Monte Carmelo – Ed. «El Carmen», 1989, p. 24.

²⁷ Catarina de Sena, *Diálogos*, capítulo XXVIII (78).

Na perspectiva de João Paulo II, o grande objectivo da acção pastoral é garantir que «em toda a vida eclesial, se reproduza de algum modo o ritmo binário da Santa Missa com a liturgia da palavra e a liturgia eucarística. Sirva-vos de exemplo o caso dos discípulos de Emaús, que só reconheceram Jesus ao partir o pão (Lc 24, 13-35)». «Concluindo, sublinha o Papa, *precisamos da Palavra* – a “Palavra de Deus que opera eficazmente nos crentes” (1Tes 2, 13) – e do Sacramento que torna presente e prolonga na história a acção salvadora de Jesus».

3. «Esta eterna fonte está escondida neste vivo pão para nos dar vida»

O Santo Padre, na Bula *Incarnationis Mysterium*, convidou toda a Igreja a contemplar e a viver unidos os mistérios da Santíssima Trindade e da Eucaristia: «Ao celebrarmos a Encarnação, mantenhamos o olhar fixo no mistério da Trindade».

«A Igreja está prestes a atravessar o limiar do ano 2000, celebrando o dom que recebeu das mãos do Salvador, através da Eucaristia. Neste momento tão solene da história, podemos colocar-nos melhor na presença do “Verbo feito carne”, recordando com fidelidade aquilo que Cristo confiou aos seus discípulos, durante a Última Ceia: “Fazei isto em memória de Mim” (...). No entanto como festejar a data da entrada do Filho de Deus no mundo, sem comemorar, de modo particular, a Eucaristia mediante a qual, até certo ponto, a sua entrada no nosso universo se renova continuamente? A melhor forma de nos colocarmos na presença da Pessoa do “Verbo feito carne” é, precisamente, remontar ao momento decisivo em que Aquele que nos amou manifestou até ao fim o seu amor, dando-Se na Eucaristia (...). A *continuidade entre a Eucaristia e o mistério da Encarnação* é muito significativa. Qual sinal eficaz da presença viva e actuante do Senhor no meio da sua Igreja, a *Eucaristia prolonga a encarnação*. Na Bula do Grande Jubileu, *Incarnationis mysterium*, João Paulo II afirma-o com clareza: “Há dois mil anos que a Igreja é o berço onde Maria depõe Jesus e O confia à adoração e contemplação de todos os povos. Possa, através da humildade da Esposa, *resplandecer ainda mais a glória e a força da Eucaristia*, que a Igreja celebra e conserva no seu seio. No sinal do pão e do vinho consagrados, Cristo Jesus, morto e

ressuscitado, luz das nações (Lc 2, 32), *revela a continuidade da sua encarnação*. Ele permanece vivo e verdadeiro no meio de nós, para alimentar os crentes com o seu corpo e o seu sangue”²⁸.

Tanto a iniciativa do mistério da Encarnação – «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único» (Jo 3, 16) – como a da Eucaristia provêm do Pai: «É meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu» (Jo 6, 32). O Filho, que há dois mil anos se tornou presente na história dos homens – «O Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14) – está realmente presente – «o Emmanuel» é o «Deus conosco» (Mt 1, 23) – na Eucaristia, segundo as suas palavras: «Isto é a minha carne», na linguagem aramaica, «Isto é o meu corpo», na tradução grega. O Espírito Santo é quem confere à Eucaristia toda a sua capacidade vivificante – «é o Espírito que dá a vida» (Jo 6, 63) – ao manifestar no pão, animado pelo Espírito, a carne de Cristo, o corpo de Cristo.

«Há dois mil anos que a Igreja é o berço onde Maria depõe Jesus e O confia à adoração e contemplação de todos os povos. Que, através da humildade da Esposa, resplandeça ainda mais a glória e a força da Eucaristia, que ela celebra e conserva no seu seio. Nos sinais do Pão e do Vinho consagrados, Cristo ressuscitado e glorioso, luz das nações (Lc 2, 32), manifesta a continuidade da sua Encarnação. Ele permanece verdadeiramente vivo no nosso meio, para alimentar os crentes com o seu Corpo e Sangue».²⁹

4. «Cumpre-se cada dia o mistério do Natal, da Encarnação do Verbo»

A Eucaristia prolonga e actualiza a Encarnação. Em virtude da encarnação, Jesus define-se a Si próprio como alimento eucarístico: «Eu sou o pão da vida» (Jo 6, 35). «O pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo» (Jo 6, 33). O dom divino do pão coincide com o dom da encarnação. «Descer do céu» e «dar a vida ao mundo» são dois aspectos característicos da encarnação: é o termo «pão» que nos faz reconhecer a Eucaristia. Na *consagração* eucarística, o Filho

²⁸ Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do Ano 2000, *Eucaristia sacramento de vida nova*, Prefácio, Ed. Paulinas, Lisboa, 1999, pp. 5-6.

²⁹ J. Paulo II, Bula *Incarnationis Mysterium* 11.

desce do céu e, no *banquete* eucarístico, dá a vida ao mundo. Assim, a Eucaristia renova sem cessar, o processo da *incarnação*.

«A Eucaristia permite-nos apreender, de forma mais concreta, o significado e o valor da *incarnação*. A presença do corpo e do sangue de Cristo, proclamada pelas palavras da consagração e celebrada como “mistério da fé”, faz-nos penetrar na realidade assumida pelo Filho de Deus como sua própria realidade humana. O gesto pelo qual Aquele que era Deus *desceu* do céu, para Se fazer homem e levar uma vida humana semelhante à nossa, reproduz-se na eucaristia. Quando são pronunciadas as palavras: “Isto é o meu corpo”, “Este é o cálice do meu sangue”, o Filho de Deus, em nome do qual elas são proferidas, torna-Se presente sobre a terra, na carne que recebeu de sua Mãe, a Virgem Maria. *A Eucaristia confere uma nova actualidade à incarnação.*

A ligação entre *incarnação* e Eucaristia manifesta-se, de modo particular, no Evangelho de São João. O prólogo do seu Evangelho apresenta-nos o Verbo que se fez carne (1, 14); em seguida, no discurso do anúncio da Eucaristia, o evangelista refere-nos as palavras de Jesus: “O pão que Eu vos der é a minha carne para a vida do mundo” (6, 51). O uso do termo “carne” para significar a *incarnação*, e mais tarde a Eucaristia, é característico. Ao que parece, a palavra “carne”, tipicamente semita, foi o termo utilizado por Jesus durante a Última Ceia; viria depois a ser traduzido para grego, pelo termo “corpo”. Os discípulos ouviram Jesus afirmar: “Isto (é) a minha carne”. A carne está na origem do termo “*incarnação*”, e sugere uma *estreita ligação entre o mistério da vinda de Cristo ao mundo e o mistério da Eucaristia.*

Quando o Verbo *desceu* à terra, “fazendo-Se carne”, não tinha apenas a intenção de levar uma vida paralela à nossa, mas também de oferecer a sua carne pela vida do mundo; assim, *a incarnação encontra o seu cumprimento na Eucaristia.* A Eucaristia confere à *incarnação* um alcance que nunca poderia ter o simples facto da vinda de Cristo, no âmbito da sua existência terrena. Ela permite que a carne do Filho de Deus se irradie e chegue a todos aqueles que, na sua carne humana, são chamados a partilhar a filiação divina e a viver como filhos do Pai. Ela oferece, em grau supremo, a capacidade transformadora da carne de Cristo, tal como deve ser exercitada, no desenvolvimento universal da graça, em cada existência humana».³⁰

³⁰ Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do Ano 2000, *Eucaristia sacramento de vida nova*, Ed. Paulinas, Lisboa, 1999, pp. 10-11.

Deus continua a sua Encarnação kenótica, como sua mesma condição divina. «Dá-se uma *kénose* básica com a criação como tal. Deus, desde a eternidade, assume a responsabilidade do seu êxito, embora à custa da liberdade do homem e do preço da Cruz, previstos. A Cruz está já inscrita no mundo criado desde o começo. No mundo real, pecador, a Paixão redentora começa no momento da encarnação. O acto de *querer* (amar) a *Kénose* redentora é um acto maravilhosamente trinitário. Deus Pai e o Espírito Santo estão também comprometidos até ao fundo na *kénose*». ³¹ A Eucaristia é o mistério da maior *kénose* de Jesus. Na Encarnação é Deus que se humilha (Fl 2, 6-8) e faz homem (Jo 1, 14). Na Eucaristia é Deus e Homem que, na humildade do pão e do vinho, do Corpo e do Sangue, está connosco até ao fim dos tempos (Mt 28, 20).

«Não há outro meio pelo qual nosso Salvador nos dê uma mais espantosa prova do seu amor e da sua ternura, que não seja o sacramento da Eucaristia, no aniquilamento de si mesmo para se dar em alimento às nossas almas». ³²

Por conseguinte, na Eucaristia o mistério do Verbo feito carne e crucificado manifesta-se e conhece uma actualidade sempre nova. Tudo é, no dizer santo de Teresa dos Andes, obra da «paixão de amor» de Deus para connosco.

«Amemos o Amor eterno, o Amor infinito, imutável. Amemos loucamente a Deus, já que Ele na sua eternidade nos amou. Sem necessidade de nós nos criou. Toda a obra do seu poder foi dirigida para o homem. Tudo pôs à nossa disposição. Sustém-nos e alimenta-nos continuamente. E para não se separar de nós na eternidade, deu-nos o seu Filho Unigénito. *Deus fez-se criatura. Padeceu e morreu por nós. Deus fez-se alimento das suas criaturas.* Aprofundaste alguma vez esta loucura infinita de amor? Acredita em mim, sinto a minha alma desfeita de gratidão e de amor. Passo a minha vida a contemplar essa Bondade incompreensível, e dói-me a alma ao ver que o Amor não é conhecido. Abismo-me na sua grandeza, na sua sabedoria. Mas quando penso na sua Bondade, o meu coração não pode dizer nada. Adoro-o...». ³³ «Acaso temes que o abismo da grandeza de Deus e o do teu nada nunca se poderão unir? N'Ele existe Amor; e *esta paixão fê-lo encarnar* para que, vindo um

³¹ H. U. von Balthasar, «El misterio pascual», em *Mysterium Salutis*, III, Ed. Cristiandad, Madrid, 1980, p. 681.

³² H-M Manteau Bonamy, *Marta Robin sob a orientação de Maria*, Ed. Missões, Cucujães, 1998, p. 85.

³³ Teresa dos Andes, Ct 121, em *Obras Completas*, Edit. Monte Carmelo, Burgos, 1995, pp. 559-563.

Homem-Deus, não temessem aproximar-se d'Ele... *Esta paixão fê-lo converter-se em pão*, para poder assimilar e fazer desaparecer o nossa nada no seu Ser infinito. *Esta paixão fê-lo dar a sua vida*, morrendo morte de Cruz». ³⁴ «A vocação da carmelita é toda fundada no amor. Ela não admite nada senão contemplar a Jesus. Se soubesses com a fé é nela tão viva... Tanto, que Jesus no sacrário vive com ela como quando estava na terra. Ela sabe quanto esse Deus a ama. Sendo o seu Criador faz-se homem. É Verbo Divino, essa Luz incriada viveu trinta e três anos nas trevas. Jesus era todo-poderoso e *reduziu-se à impotência em Belém, na Cruz*. Ele sentiu o peso das nossas misérias; a fome, o frio, etc., até à morte. Sendo Deus, Jesus sofreu o ódio, a perseguição, a traição, a hipocrisia dois homens. E não julgues que por ser Deus não sentia o pesar que isto lhe causava. Era homem como nós, homem perfeitíssimo e, portanto, o seu coração era mais nobre, mais terno, mais sensível do que nenhum; pois tudo o que era humano n'Ele era divino, infinito. Ama-o muito, mas conhece-o. Na *Eucaristia, esse Jesus vive entre nós*; esse Deus que chorou, gemeu e se compadeceu das nossas misérias. Esse pão tem um coração divino com as ternuras de pastor, de pai, de mãe, de esposo e de Deus... Escutemo-lo, pois Ele disse que é “a Verdade”. Contemplemo-lo, pois Ele é a fisionomia do Pai. Amemo-lo, porque é o amor dando-se às suas criaturas. Ele vem à nossa alma para que desapareça n'Ele, para a endeusar. Que união, por maior que seja, pode comparar-se com esta? Eu como a Jesus. Ele é o meu alimento. Sou assimilada por Ele. Que dita tão imensa é esta: estreitá-lo contra o nosso coração sendo Ele o nosso Deus!» ³⁵

5. «Céu... Presépio... Cruz... Altar... Coração da criatura»

A Igreja celebra o Natal de Jesus, nosso Redentor, participando ao mesmo tempo da atitude contemplativa de Maria junto do Presépio, junto da Cruz, e junto do altar.

«Natal! Natal! É Jesus Redentor! Que podemos contemplar de mais belo? Que podemos admirar de mais sublime? Que podemos

³⁴ Teresa dos Andes, Ct 138, em *o. c.*, pp. 609-610.

³⁵ Teresa dos Andes, Ct 141, em *o. c.*, pp. 620-625.

adorar de mais maravilhoso do que o nascimento do Filho de Deus, Jesus, que veio trazer e acender o fogo – o seu Fogo – na terra? Quando uma centelha deste Amor cai num coração, abrasa a alma no desejo de conhecer e amar este Deus, sempre mais, do O amar sem partilha, como Ele quer ser amado. Deus desce até à criatura para lhe permitir que suba até Ele. *Do seu céu de glória desce ao Presépio, do Presépio à imolação da Cruz, da Cruz ao aniquilamento do altar, do altar ao coração da sua criatura.* É o ponto máximo; é a possibilidade da união perfeita. Ele não podia dar mais; Ele não quis dar menos. O Amor ultrapassou as palavras. Agora é a nossa vez de dar, dando-nos sem partilha.

Deus Pai, enviastes o vosso Filho muito amado à terra para a nossa redenção, para que, do Presépio à Cruz, do berço ao túmulo, Ele fosse o caminho luminoso que a nossa alma deve seguir.

Deus Filho, nosso divino Redentor, princípio da vida imortal, guiai-nos até Vós. Amemos o Redentor e a Redenção que Ele opera.

Deus Espírito Santo, realizador deste prodígio de amor, pela vossa acção poderosa, revelai-nos as maravilhas do além. Sede sempre o facho ardente da minha vida. Ah! Se se conhecesse a acção dos dons do Espírito Santo nas almas, maravilhas do Amor, claridade suprema que orienta as almas dóceis a deixarem-se guiar!...

Ó Maria, mostrai-nos o *Presépio*, mostrai-nos a *Cruz*, mostrai-nos o *altar*, mostrai-nos Jesus!».³⁶

Santo Inácio de Loiola decidiu esperar, depois da sua ordenação sacerdotal, um ano e meio para celebrar a primeira Missa, e escolheu a noite de Natal do ano de 1538 e o altar da basílica de Santa Maria Maior, onde se veneram as relíquias do presépio, precisamente porque vivia «a Eucaristia como uma nova Encarnação simbólica, ou um novo Nascimento de Cristo, nas mãos do sacerdote».³⁷ O Santo sentia Maria imensamente presente durante a consagração eucarística. Maria é «parte ou porta de tantas graças sentidas em seu Espírito». De facto, o Jesus da Eucaristia é o bendito fruto do ventre da Virgem Santa Maria. Inácio «sentiu que Maria lhe dizia que a sua carne estava na de seu Filho, no momento da consagração»: «está a sua carne na carne do Seu Filho»³⁸.

³⁶ Marta Robin, *o. c.*, pp. 60-61.

³⁷ Santiago Thió de Pol, «La intimidad del Peregrino», Mensajero-Sal Terrae, p. 138.

³⁸ S. Inácio de Loiola, *Diário Espiritual*, n. 31.

A comunhão com a Santíssima Trindade celebra-se na Eucaristia que actualiza realmente o mistério da Encarnação: «Aquele que me ama será amado por Meu Pai, e Eu amá-lo-ei e manifestar-Me-ei a ele» (Jo 14, 21). É na Eucaristia e no S. Sacramento que preferencialmente amamos e adoramos o Senhor. A Eucaristia é a continuação sacramental da Encarnação de Belém. O Verbo encarnado, que há 2001 **nasceu** em Belém, é o mesmo que **se imola** sacramentalmente em cada Eucaristia».

*«Belém, nome que significa “casa do pão” é a santa Igreja na qual se dispensa o corpo de Cristo, o verdadeiro pão. A manjedoura de Belém é o altar da Igreja. Aqui se nutrem de Cristo as criaturas. Desta mesa está escrito: “Diante de mim preparaste a mesa” (Sl 22, 5). Nesta manjedoura está Cristo envolto em faixas: as faixas são o véu do sacramento. Aqui, sob as espécies do pão e do vinho, está o verdadeiro corpo e sangue de Cristo. Nós acreditamos que neste Sacramento está o verdadeiro Cristo, mas envolto em faixas, quer dizer, invisível. Não temos outro sinal da natividade de Cristo maior e mais evidente do que o corpo que comemos e o sangue que bebemos em cada dia aproximando-nos do altar: em cada vemos **imolar-se** Aquele que uma só vez **nasceu** para nós da Virgem Maria. Acorramos, pois, irmãos a este presépio do Senhor. Mas antes, tanto quanto nos é possível, preparemo-nos com a Sua graça para este encontro, para que em cada dia e em toda a nossa vida, “com coração puro, consciência recta e fé sincera” (2 Co 6, 6) possamos cantar juntamente com os anjos: “Glória nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados”».³⁹*

A Eucaristia permite-nos celebrar «hoje» na fé o «nascimento» do Salvador. O altar da nossa Eucaristia é o verdadeiro presépio de Belém ao vivo: «O altar é Cristo».⁴⁰ Belém, «casa do pão», orienta-nos para a casa do Pai e do Pão, que é a Eucaristia. «A Trindade económica – escreveu K. Rahner – é a revelação da Trindade imanente»,⁴¹ mas aqui e agora, referimo-lo sobretudo à Eucaristia.

«A eucaristia é a consequência última da encarnação. Deus leva nela ao extremo a sua aproximação da humanidade, a sua auto-doação como alimento, a sua despossessão e esvaziamento para nos enriquecer (2 Co 8, 9). A encarnação de Deus torna-se fecunda e

³⁹ S. Elredo, Abade, *Homilia 2 para o Natal*.

⁴⁰ Pontifical da Dedicção do Altar, nn. 4-5, IGMR 296 [259].

⁴¹ K. Rahner, «El Dios Trino como principio y fundamento trascendente de la historia de la salvación», em *Mysterium Salutis*, II / 1, Madrid, 1969, pp. 359-449.

vivificante para cada homem ao participar do corpo e sangue eucarísticos de Cristo (Jo 6, 53-56). A eucaristia é a revelação suprema de Deus. O movimento interno da vida trinitária tem a sua expressão última na extenuação do Cristo pelas espécies sacramentais, pela qual nos revela que Deus não é retenção nem ensimesmamento, mas dom em alienação própria para conferir vida e autonomia ao outro. Se a lógica interna da vida eucarística nos leva à Trindade – um livro muito lido, noutro tempo, leva por título: “Da Eucaristia à Trindade” – é porque previamente a lógica vivida da Trindade a levou até à eucaristia». ⁴²

Deste modo, a Eucaristia permite-nos acolher e experimentar espiritualmente a presença de Cristo – «Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo» (Mt 28, 20) –, como outrora foram convidados a fazer os contemporâneos de Jesus. O Verbo feito carne, concede-nos a felicidade de ver – «Felizes os vossos olhos porque vêem e os vossos ouvidos porque ouvem» (Mt 13, 16) –, com os olhos da fé, sob um sinal visível, o seu corpo e o seu sangue.

«A confiança é o que mais agrada a Jesus. Se confiamos no coração de um amigo que nos ama, como não confiar no coração de um Deus, onde reside a bondade infinita, da qual a bondade das criaturas é um pálida sombra? Desconfiar do coração de um Deus que *se fez homem*, que *morreu como malfeitor numa cruz*, que *diariamente se dá em alimento* às nossas almas para se fazer uno com as suas criaturas, não é um crime?». ⁴³

Os cristãos de todos os tempos ao acolherem, através da Eucaristia, o amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo nos seus corações, participam do privilégio oferecido aos contemporâneos de Jesus. Podemos beneficiar, assim, da felicidade da mais profunda intimidade com o Filho incarnado, que, no Espírito, nos «mostra» e «leva» ao Pai» (Jo 14, 8.3).

6. «O Ressuscitado incarna na Eucaristia»

Na Eucaristia, o corpo glorioso do Ressuscitado não está sujeito ao tempo e ao espaço, entra em comunhão connosco através dos «sacra-

⁴² Olegario González de Cardedal, *o. c.*, p. 520.

⁴³ Teresa dos Andes, Ct 143, em *o. c.*, pp. 627-629.

mentos», que actualizam a sua *Encarnação* gloriosa na *Eucaristia* (como sacerdote e vítima), mas em presença invisível, até que Ele venha... e nos «revista» de glória. «Reconheceram-no ao partir do pão» (Lc 24, 13-48).

«O Crucificado ressuscitado tem acesso à *mais secreta intimidade* dos seus discípulos: “*Não nos ardia o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as escrituras?*” (Lc 24, 32). Cheio de força interior do Espírito pelo qual o Pai o ressuscitou de entre os mortos Jesus pode introduzir-se na intimidade dos «corações» ainda mais firmemente do que o havia feito durante a sua vida terrena. O Crucificado ressuscitado pode, pelo Espírito, que actua como fogo, tocar as fibras profundas do «coração» dos crentes, porque, no Espírito, se tornou *radicalmente pró-existente*. O Crucificado ressuscitado domina com mais poder de *atração e união* os corações que o Jesus da história. O Crucificado ressuscitado é, pelo Espírito do Pai, um ser totalmente para os outros e capaz de atingir os «corações» segundo possibilidades absolutamente inéditas (...). *Dom interior* do Pai, o Espírito faz, de facto, do Crucificado – do qual ele se apoderou inteiramente –, um ser essencialmente aberto aos outros e mesmo capaz de atingir no núcleo mais substancial do seu ser para os conduzir a ele e se lhes unir segundo uma inefável intimidade. Deste ponto de vista, poder-se-ia sem falsa acomodação fazer apelo a este texto de S. Paulo: «Ainda que tenhamos conhecido a Cristo à maneira humana, agora já não o conhecemos assim» (2 Co 5, 16) (...). O texto de Lc 24, 31 sobre o reconhecimento de Cristo ressuscitado no momento da «fracção do pão» sugere o prolongamento sacramental da presença de Cristo Ressuscitado que, uma vez reconhecido, desaparece. O Ressuscitado incarna na *Eucaristia*, que é o *aparecimento do Crucificado ressuscitado*, no tempo que precede a plena irrupção da escatologia no fim dos tempos. O pão e o vinho são a tradução espaço-temporal, por excelência, da capacidade do Crucificado ressuscitado ter acesso à intimidade do crente, e da sua vontade de a ele se unir, a ponto de com ele se tornar uma substância».⁴⁴

«Quando dizemos “Mistério da fé. Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa Ressurreição. Vinde, Senhor, Jesus”, acentuamos o carácter pascal e escatológico da Eucaristia, que é o memorial da morte do Senhor até que Ele venha. Celebrando a Igreja, a

⁴⁴ Réal Tremblay, «Pão partido e vinho derramado rosto do Crucificado Ressuscitado. Meditação sobre Emaús», em *Communio*, Ano XVII – (2000 / 2) 118-128.

Eucaristia, a presença do Senhor até que Ele venha, ou seja, a centralidade do mistério pascal, o que celebramos é que a morte e ressurreição de Jesus é o grande e único acontecimento salvador para a multidão, ou seja, para a humanidade».⁴⁵

Como escreveu o Papa João Paulo II, «o Jubileu do ano 2000 pretendeu ser uma grande *oração de louvor e agradecimento* sobretudo pelo *dom da Encarnação do Filho de Deus e da Redenção por Ele operada*».⁴⁶ «Pela sua *Encarnação*, Cristo tornou-se o centro do mundo, isto é, do Universo e da História. A Cruz é o *profundum Christi*, a “profundidade de Cristo”».⁴⁷ Por nosso amor e pela nossa salvação o Verbo de Deus fez-se um de nós e, pela mesma razão, morreu e ressuscitou por nós (2 Co 5, 15). Ele reina no presépio, na cruz e para sempre glorioso nos céus. A Redenção é, de facto, obra da Santíssima Trindade, como realmente o reconhece e canta a Igreja na sua liturgia das horas durante a Semana Santa.

«Elevemos jubilosos
À Santíssima Trindade
O louvor que Lhe devemos
Pela nossa salvação
Ao eterno Pai, ao Filho
E ao Espírito de amor. Amen».⁴⁸

A Eucaristia é um milagre de Deus ainda maior que o da Encarnação e da Cruz, porque transforma a árvore da morte – a Cruz – em Árvore da Vida: «*Grande* sinal de caridade e benevolência manifestou o Filho de Deus na Encarnação, dando-se como irmão ao assumir a natureza humana; *maior* sinal realizou na Paixão, onde de seu como preço da nossa redenção; mas o sinal *máximo* do seu amor foi quando entregou aos homens o seu corpo como alimento».⁴⁹ «A maravilhosa *flor do tronco de Jessé* (Is 11,1), que desabrochou na Encarnação e murchou na Paixão, readquiriu na Ressurreição a pujança perdida, para se tornar o encanto de todos».⁵⁰ A unidade e a continuidade do mistério

⁴⁵ A. Pinho, «A Eucaristia continuidade da encarnação do Filho de Deus», em *Bíblica*, série científica n. 8, Ano VIII, Novembro de 1999, p. 189.

⁴⁶ J. Paulo II, *Tertio Millenio Adveniente* 32.

⁴⁷ S. Boaventura, *Hexaem.* 2, 32.

⁴⁸ Cf. Liturgia das Horas, II, *Hino de Laudes da Semana Santa*, p. 370.

⁴⁹ S. Boaventura, *Dom. 4 da Quar., Serm. 1.*

⁵⁰ S. Boaventura, *Lignum Vitae*, 35.

de Cristo, seu Esposo – no mistério da Sua encarnação, cruz, Santíssimo Sacramento, quietude e união –, foi, como testemunha santa Teresa de Jesus, o encanto do seu coração enamorado: «Já vejo, Esposo meu, *o que Vós sois para mim*; não o posso negar; por mim viestes ao mundo, por mim passastes tão grandes trabalhos, por mim sofrestes tantos açoites, por mim ficastes no Santíssimo Sacramento e agora me fazeis tão grandíssimos regalos. Pois, Esposa santa, como disse eu que vós dizeis: que posso fazer por meu Esposo?». ⁵¹

7. «Da Trindade... à mesma Santíssima Trindade»

A Eucaristia ao evocar a saída (*egressus*) do Pai, celebra a volta (*regressus*) de Cristo ao Pai (Jo 16 , 28). Ou, na perspectiva teológica tradicional: da Trindade à Eucaristia – da Eucaristia à Trindade.

«Ó Verbo divino! És Tu a Águia adorada que amo e que me atraí! És Tu, que, descendo à terra do exílio, quiseste sofrer e morrer para atraíres as almas até ao seio do Eterno Fogo da Trindade Bem-aventurada!. És Tu que, voltando a subir para a luz inacessível que será para sempre a tua morada, ficaste ainda no vale de lágrimas, escondido soba aparência duma hóstia branca... Águia Eterna! Tu queres alimentar-me com a tua divina substância, a mim, pobre criaturinha, que voltaria ao nada se o teu divino olhar não me desse a vida a cada instante...». ⁵²

Neste sentido, a Eucaristia é o penhor da vida eterna. Nela, pedimos sempre a «graça de participar na vida eterna».

«A vida eterna é só esta: que o espírito racional, que procede *da Trindade* Beatíssima e dela é imagem, à guisa duma espécie de círculo inteligível, regresse, pela memória, inteligência e divinização, *à mesma santíssima Trindade*». ⁵³

A Nova Evangelização há-de centrar-se no mistério trinitário de Deus, que vive em comunhão de Amor do Pai, do Filho e do Espírito

⁵¹ S. Teresa de Jesus, *Meditação sobre o Cântico dos Cânticos*, 4, 10.

⁵² S. Teresa de Lisieux, B 5 v.

⁵³ S. Boaventura, *M. Trin. q. 8, conc. 7.*

Santo: «Três Pessoas e um amado / entre todos três havia / e um amor em todas elas / e um amante as fazia».⁵⁴

«A Eucaristia é meio fundamental para alimentar eficazmente a comunhão com o Senhor, porque nela “está todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora do Espírito Santo».⁵⁵ Na Eucaristia comungamos o mistério do Verbo encarnado, crucificado e feito pão da vida: «Comungai fervorosamente. Que Jesus possa encontrar nas vossas almas um asilo onde descansar. Preparai-vos bem, pensando em quem ides receber. É todo um Deus o que desce a visitar-nos, o que, endeusando-nos, nos converte n’Ele. Como querereria fazer-lhes compreender o que é comungar aqui no Carmelo! Para uma carmelita a comunhão é um céu; e deveria sê-lo para toda a alma crente. Como não morrer de amor ao ver que [a] *todo um Deus não lhe basta já o fazer-se criança*, sujeitar-se às nossas misérias, ter fome, sede, sono, cansaço, sendo Deus não lhe basta passar por um pobre artesão, mas *humilha-se até à morte de cruz* – morte de criminoso naquele tempo –; não lhe basta dar-nos gota a gota o seu divino sangue. Quer mais no seu infinito amor. E quando o homem prepara a sua morte, Ele *faz-se nosso alimento para nos dar vida*. Um Deus alimento... pão das suas criaturas, não é para nos fazer morrer de amor? E pensar que comungamos sem um mínimo afecto de amor! Jesus vinha cheio de infinito amor, e nós recebemo-lo frios e só procuramos fazer petições, sem o adorar, sem chorar de gratidão aos seus divinos pés. Vem buscar consolação, amor, e não encontra nada. Procurai vós não comungar como o fazem todas as pessoas do mundo».⁵⁶

«No desenvolvimento deste ano jubilar, esperava-se que tivesse um significado qualificante o *Congresso Eucarístico Internacional*; e teve-o. Se a Eucaristia é o sacrifício de Cristo que se torna presente entre nós, poderia a sua presença real não estar no centro deste ano santo dedicado à encarnação do Verbo? Por isso mesmo, foi previsto como ano “intensamente eucarístico” (TMA 55) e assim procurámos vivê-lo. (...) É preciso dar particular relevo à *Eucaristia dominical* e ao próprio domingo. (...) A

⁵⁴ S. João da Cruz, R 1, 27-30.

⁵⁵ PO 5.

⁵⁶ Teresa dos Andes, Ct 151, em *o. c.*, pp. 650-653.

*participação na Eucaristia seja verdadeiramente, para cada baptizado, o coração do domingo».*⁵⁷

Coração da vida eclesial, a *Eucaristia é-o também da vida consagrada*. A pessoa chamada, pela profissão dos conselhos evangélicos a escolher Cristo como único sentido da sua existência, como poderia não desejar *instaurar com Ele uma comunhão cada vez mais profunda por meio da participação diária* no Sacramento que O torna presente, no sacrifício que actualiza o seu dom de amor do Gólgota, no *banquete que alimenta e sustenta o Povo de Deus peregrino*? A Eucaristia, por sua natureza, está no centro da vida consagrada, pessoal e comunitária. É viático quotidiano e fonte de espiritualidade do indivíduo e do Instituto. Nela, *cada consagrado é chamado a viver o mistério pascal de Cristo, unindo-se com Ele na oferta da própria vida ao Pai, por meio do Espírito*. A *adoração* assídua e prolongada de Cristo presente na Eucaristia permite, de algum modo, reviver a experiência de Pedro na Transfiguração: “É bom estarmos aqui!”. E na celebração do mistério do Corpo e do Sangue do Senhor *se consolida e incrementa a unidade e a caridade* daqueles que consagraram a Deus a sua existência».⁵⁸

A liturgia eucarística, enquanto acção da «Trindade económica», actualiza a encarnação do Verbo feito carne. A participação eucarística é uma autêntica iniciação e mistagogia na vida trinitária, como vida que vem do Pai por Cristo no Espírito e vida que se oferece ao Pai por Cristo no Espírito. A experiência litúrgica eucarística permite não só a experiência mística da Trindade, mas compromete também a Igreja na missão de salvação do mundo pelo exercício da gratuidade em fé, esperança e caridade. A Eucaristia, que glorifica a Trindade, insere no mundo, no dizer do teólogo ortodoxo Panayotis Nellas, a novidade da cultura da comunhão espiritual entre os homens.

«A liturgia eucarística, sendo fundamentalmente uma adoração e um oferecimento, é também uma reestruturação activa do mundo por parte dos cristãos; tem uma dimensão essencialmente política. Pode restaurar o tempo, o espaço, a relação entre as pessoas humanas umas com as outras, a relação da natureza humana com a natureza. O seu carácter eucarístico, isto é, a capacidade de receber a vida, os outros, o

⁵⁷ J. Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, 11. 35-36.

⁵⁸ J. Paulo II, VC 95.

fruto do nosso trabalho, a natureza e os seus dons, de oferecê-los reciprocamente e de oferecê-los juntamente a Deus... na alegria e na gratuidade, é diametralmente oposta ao modo egoísta segundo o qual é organizada a nossa sociedade de consumo. Se este modo eucarístico de viver se difundir através dos cristãos na nossa civilização, esta poderá libertar-se das suas insuficiências, abrir-se à esperança, à caridade, à fé, ser novamente cristianizada».⁵⁹

«Santíssima Trindade, ao vosso trono
Subam perenemente os nossos hinos,
Como expressão do amor que nos abrasa
O coração».⁶⁰

⁵⁹ Citado por O. Clement, *La rivolta dello Spirito*, Milão, Jaca Book, 1980, p. 132.

⁶⁰ iturgia das Horas, III, Hino de Laudes da Santíssima Trindade, p. 590.